

Cadernos **MARISTAS**



ÍNDICE DE MATÉRIAS

3 EDITORIAL

Ir. André Lanfrey

ARTIGOS

A prova da guerra para os Irmãos: um centenário

5 O Instituto na I Guerra Mundial

Ir. André Lanfrey

andrelanfrey@orange.fr



25 Os Irmãos maristas da Bélgica na I Guerra Mundial

Ir. Augustin Hendlmeier

augustin-hendlmeier@web.de



31 Os Irmãos maristas alemães na I Guerra Mundial

Ir. Augustin Hendlmeier

augustin-hendlmeier@web.de



37 Jean-Claude Berne, (Ir. Claude Casimir): soldado de 1914-1918

Sr. Éric Perrin

eric.perrin@saint-etienne.fr



ESTUDOS

47 Colin e Champagnat - Parte II: Revelações das correspondências referentes ao período de 1828 a 1835

Ir. Frederick McMahon

fred.mcmahon@marists.org.au



85 O Irmão Francisco em suas cartas pessoais Governo do Instituto e direção espiritual

Ir. Louis Richard

lrichard@maristes.net



101 Um ícone da missão marista: o adolescente Montagne

Ir. Manuel Mesonero

manuelmesonero@maristasiberica.es



DOCUMENTOS

- 115 Mathieu Patouillard, vizinho de l'Hermitage
Ir. André Lanfrey
- 123 Os Irmãos mortos na guerra em 1914-18
Ir. André Lanfrey
- 133 Florilégio do Irmão Francisco em seus cadernos
Ir. Louis Richard
- 139 Dois documentos inéditos relativos a Champagnat
Ir. André Lanfrey

NOTAS BREVES

- 143 Uma olhadela no coração de Marcelino
Ir. Patricio Pino
- 144 Ensaio do Dr. Pedro Felipe Monlau
Ir. Antonio Martinez Estaún

IN MEMORIAM

- 147 Irmão Henri Réocreux
Ir. André Lanfrey

Fotos da capa: Irmão Adolphe-Louis (Hector Ammel), da ex-Província de Beaucamps. Ele nasceu em 20 de janeiro de 1883, em Halluin (França), e faleceu em Pommeroel (Bélgica) no dia primeiro de junho de 1940. Foi ferido em 11 de junho de 1915 por estilhaços de uma explosão em Hébuterne, na França. Está representado com uniforme do exército e com o hábito, com suas medalhas militares.

FMS CADERNOS MARISTAS

N. 33 Ano XXV Maio 2015

Responsável de redação:

Comissão do Patrimônio

Diretor de comunicações:

Luiz Da Rosa

Colaboradores

neste número:

Ir. André Lanfrey
Ir. Antonio Martínez Estaún
Ir. Augustin Hendlmeier
Sr. Éric Perrin
Ir. Frederick McMahon
Ir. Louis Richard
Ir. Manuel Mesonero
Ir. Patricio Pino

Tradutores:

Ir. Aimé Maillet, Ir. Aloisio Kuhn,
Ir. Carlos Martín Hinojar,
Ir. Charles Filiatraut,
Ir. Claudio Girardi, Ir. Edward Clisby,
Ir. Fabricio Galiana Martínez,
Ir. Gilles Hogue, Ir. Joannès Fontanay,
Ir. Moisés Puente,
Sr. Ricardo Tescarolo, Sr. Robert Clark,
Ir. Salvador Durante.



Ir. André Lanfrey

EDITORIAL

Preparamo-nos para festejar o bicentário da Sociedade de Maria (1816) e de nosso Instituto (1817). Será, além disso, ocasião de lembrarmos que o centenário ocorreu durante a I Guerra Mundial (1914-1918), período em que mais de 1.000 Irmãos foram mobilizados, em torno de 150 foram mortos, e muitos outros, profundamente afetados por ferimentos, doenças e traumatismos diversos.

A revolução persecutória e a guerra acompanharam, aliás, desde a origem, a história da Sociedade de Maria, porque esta se constituía logo após a Revolução Francesa e o Império napoleônico, tendo os primeiros aspirantes maristas conhecido tempos de perseguição, escapando do serviço militar através do engajamento no estado eclesiástico. Nos decênios seguintes, a paz continuou precária. Até 1840, o serviço militar foi a causa de grandes preocupações para o Padre Champagnat. As fases revolucionárias (1830, 1848, 1870-71)

não faltaram e, se não afetaram duradouramente o Instituto, criaram, sim, um sentimento de precariedade. A lei de 1889, tornando obrigatório o serviço militar para religiosos e eclesiásticos, será interpretada pelo Instituto como um dos sinais mais evidentes de um retorno do espírito persecutório da Revolução.

A guerra de 1914-18 decorre, pois, do encontro de militarismos e tornou-se a matriz de um trágico século XX, marcado em todos os continentes por revoluções, guerras civis, totalitarismos, afrontados por grande número de Irmãos, vivendo exílios, perigos mortais, perseguições, cativos... Se o Instituto foi atencioso em honrar a memória dos Irmãos mártires, talvez não tenha celebrado suficientemente a memória desses numerosos Irmãos que sofreram, por longos períodos, multiformes convocações para a guerra, muitas vezes violentas, procurando assim preservar a humanidade e a identidade desses Irmãos.

O INSTITUTO NA I GUERRA MUNDIAL



Ir. André Lanfrey

A guerra que estoura na Europa, no começo de agosto de 1914, afeta um Instituto multinacional, mas cujo pessoal de origem francesa (em torno de 50% do efetivo) está muito disperso desde 1903. Muitos Irmãos mobilizados deverão, pois, voltar da China, da América, do Oriente Médio. Os Irmãos alemães, formados em Arlon, constituem já um grupo muito importante. Os mais jovens (80 noviços e postulantes e 140 juvenistas¹) são levados para a fronteira holandesa, a fim de retornar à Alemanha, enquanto os noviços alemães e húngaros, da Itália são transferidos para a Suíça, em Friburgo.

Os efetivos do Instituto são, pois, muito atingidos. Isto se torna evidente na França, na Bélgica onde trabalhavam os Irmãos belgas, franceses e alemães, mas também no Império Otomano, na China e nas casas de formação. No entanto, mesmo se a

guerra afeta, indiretamente, o mundo inteiro, a mobilização diz respeito apenas aos Irmãos originários de quatro países: França, Alemanha, Itália² e Bélgica. No Reino Unido e no conjunto do Império Britânico, os *clergyman* estão dispensados do serviço militar, e, apesar de alertas em 1915 e 1917, nenhum Irmão, pelo que se sabe, foi ali mobilizado³.

MOBILIZADOS E MORTOS NA GUERRA DE 1914-1918

Houve 9.281 religiosos franceses mobilizados⁴ (entre os quais, 708 Maristas) e 1.517 (16,3 %) morreram (101 Irmãos Maristas). Num total de 45 congregações, os Irmãos Maristas estão em terceiro lugar, após os Irmãos das Escolas Cristãs (1896 mobilizados, 280 mortos) e os Jesuítas (855 mobilizados e 177 mortos⁵).

¹ F. Augustin Hendlmeier, "O começo da Província alemã", em Cadernos Maristas, nº 27, p.65.

² Só entra em guerra no dia 23 de maio de 1915.

³ Brother Clair, *History of the Province*, New Edition, 2011, p. 154.

⁴ Christian Sorrel, *La République contre les congrégations*, Cerf, 2003, p.211.

⁵ Estatísticas extraídas de *Le prix du sang. Le livre d'or du clergé français*, t. II, 1925. Outras fontes dão números um pouco menores.

Para os Irmãos Maristas, o balanço global mais confiável a respeito dos Irmãos envolvidos na guerra se encontra nas atas do Capítulo Geral de 1920:

“Durante a guerra, tivemos 1037 mobilizados; 154 mortos ou desaparecidos; 193 citações na ordem do dia; 140 cruces de guerra; 5 medalhas militares; uma cruz da Legião de Honra e 4 outras condecorações”⁶

Com relação ao número de feridos, ele subiria no lado francês a 91 Irmãos, totalizando 120 lesões, alguns tendo sido feridos várias vezes⁷.

A estatística dos Arquivos Gerais do Instituto, intitulada: “Irmãos Ma-

ristas, soldados durante a guerra de 1914-1918”⁸ que serviu de base a estas cifras, revela ainda o pequeno número de Irmãos franceses que voltaram da Espanha, Canadá, Estados Unidos, Brasil⁹, do Império britânico... enquanto que as províncias francesas do México, da China, de Constantinopla e da Síria são muito atingidas. A obra de São Francisco Xavier é marcada de modo particular porque tinha muitos aspirantes franceses, alemães e italianos. Esta tabela é também bom índice do grau de internacionalização das províncias. Isto é notório, de modo particular, com a Província de Beaucamps que compreendia grande número de Irmãos alemães, mas também Constantinopla e a Província de Saint-Paul nas quais são numerosos os Irmãos italianos.

Províncias	Mobilizados						Mortos			
	Fr.	It.	Alem.	Bélg.	Outras	Total	Fr.	It.	Alem.	Total
St Genis L.	85	2	5			92	17		2	19
Hermitage	95	17				112	18			18
St Paul	49	53				102	10	5		15
Aubenas	45					45	5			5
Beaucamps	49		169	20		238	4		39	43
Varenes	56	10				66	6	1		7
Lacabane	27					27	1			1

⁶ Se os números dos mobilizados e mortos dizem respeito a todo o Instituto, as condecorações parecem referir-se apenas aos Irmãos franceses.

⁷ Este número é, sem dúvida, menor do que a realidade, e talvez se refira somente às lesões graves.

⁸ AFM France 600, dossiê sem data, pasta “*Lettres de l'an 1914*”.

⁹ Nada é dito sobre a Colômbia.

Províncias	Mobilizados						Mortos			
	Fr.	It.	Alem.	Bélg.	Outras	Total	Fr.	It.	Alem.	Total
Islas	1					1				
Espanha	17					17	1			1
Canadá	20					20	2			2
Estados- Unidos	17					17	2			2
México	58					58	15			15
China	32					32	1			1
Constantinopla	59		8		16 ¹⁰	83	9		3	12
Síria	58					58	5			5
Brasil central	11					11	3			3
Brasil sur	1					1				
Brasil norte	6	1				7				
África del sur	1	1				2				
Nva. Celandia			1			1				
Nva. Caledonia	2					2				
Seychelles	3					3				
St Fr. Xavier	16	5	21			42	2		4	6
Total	708	88	205	20	16	1037	101	6	48	155
%	68	8,4	19,7	1,9	1,5		65	3,8	30,9	

Observação: O volume XIV das Circulares (p.348) oferece a última lista dos falecidos, compreendendo professores, noviços e postulantes mortos na guerra. À lista dos falecidos, acima, pode-se acrescentar 3 noviços e 3 postulantes, antes não incluídos.

De fato, são onze Províncias (a metade das Unidades administrativas) e a obra de S. Francisco Xavier que fornecem mais de 90% dos mobilizados, e contabilizam quase todos os mortos. Como a maior parte dessas Unidades já eram envelhecidas, a guerra de 1914-18 vai reforçar uma anterior distinção do Instituto em zonas de expansão (sobretudo as Américas e a Oceania) e áreas em crise (Europa, Oriente Médio e China).

LEGITIMIDADE DA MOBILIZAÇÃO?

Mas, voltemos a 1914. A mobilização geral decretada na França, no dia 1º de agosto de 1914, é susceptível de atingir não apenas os homens da reserva, das classes de 1900 a 1910, mas também os da territorialidade, isto é, as classes de 1886 a 1899. Na França é preciso ter mais de 48 anos para não ser mobilizado.

¹⁰ 14 húngaros, 1 romeno, 1 búlgaro.

A maioria dos religiosos franceses que viviam no exterior poderia objetar que a lei de 1901 e os decretos Combes de 1903, tendo-os condenado ao exílio, não têm deveres para com uma pátria que os rejeitou, mesmo que esta posição de recusa categórica é enfraquecida pela circular do Ministro do Interior, Louis Malvy, pedindo aos prefeitos, no dia 2 de agosto de 1914, de suspender os decretos contra as congregações. Mas esta medida pode ser tomada como hipócrita, até odiosa, a finalidade do governo é a de recuperar os religiosos exilados, para servir como “bucha de canhão”¹¹, sem oferecer-lhes, em troca, a menor abertura séria pois a circular nada concede a longo prazo¹². Em curto prazo, esta suspensão não tem efeito prático, dado que, desde 1906, o Estado se mostrava quase impotente contra os secularizados e as escolas das congregações estavam quase todas fechadas.

Para um grande número de Irmãos franceses que não fizeram o serviço militar, esta suspensão pode parecer irracional, porque, tendo partido da Europa antes da idade do serviço militar, eles se beneficiaram do artigo 50 da lei de 1889 que dispensa do serviço militar (salvo em caso de guerra) os jovens que resi-

dem no exterior no momento da incorporação e permanecendo ali por pelo menos dez anos. Sem instrução militar e sujeitos, na volta, a longas viagens, não conseguem entender qual poderia ser sua utilidade como combatentes.

Os superiores das congregações evidentemente não têm a menor simpatia por uma República perseguidora. Por exemplo, o Irmão Jean-Joseph, superior dos Irmãos de Ploërmel pensa que os deveres para com Deus são superiores à estima pela pátria e deseja que nenhum de seus Irmãos, em missão, se incorpore ao exército¹³. Mas como não se trata de impor aos Irmãos um modo de proceder, neste particular, os superiores dos Irmãos Maristas procurarão atenuar ao máximo os efeitos da mobilização, graças aos contatos estabelecidos antes da guerra entre o Ministro do Interior francês e o Instituto, em vista da abertura de noviciados missionários na França.

Assim, uma carta do Revmo. Irmão Stratonique ao Ministro da Guerra francês, no dia 6 de outubro de 1914¹⁴, expõe que sobre 250 Irmãos lotados no Oriente-Médio e na China, a metade já está mobilizada. Quanto aos Irmãos cuja incorporação foi adiada, a mobilização deles

¹¹ A lei de 1904, proibindo-lhes o ensino, lhes tinha concedido dez anos para fechar.

¹² Ver-se-á, em 1924-26, quando o Bloco da Esquerda, presidido por Edouard Hériot, cometerá a imprudência de relançar a política anticongregacionista.

¹³ Christian Sorrel, *La République contre les congrégations*, Cerf, 2003, p. 210-211.

¹⁴ Carta nº 14798. Há dúvidas sobre esta data que pode ser o dia 6 de setembro de 1914.

nos serviços auxiliares destruiria os 36 estabelecimentos mantidos até então nestes países. Pede então que sejam dispensados do serviço militar e acrescenta:

“Na França só poderiam ser de uma ajuda insignificante; pois estando na maioria muito afastados e sendo as comunicações raras e difíceis, é presumível que antes que cheguem, a guerra não estará longe de acabar”.¹⁵

Outra carta, de 10 de novembro de 1914, pede ao Ministro do Exterior que as casas da Itália não sejam privadas de seus formadores, o que será concedido¹⁶.

No entanto, os superiores são surpreendidos pelos acontecimentos: desde o fim de 1914, grande número de Irmãos são expulsos do Império Otomano que se aliou às Potências Centrais. As províncias da Síria e Constantinopla são então destruídas e “o conselho geral consente que os Irmãos expulsos sejam temporariamente escalonados em nossos estabelecimentos da França”¹⁷, para substituir os seculares mobilizados. É por eles que o Revmo. Irmão escreve ao Ministro do Exterior, Delcassé, (Relações Exteriores) para que “lhes seja permitido aceitar, no ensino livre, o oferecimento de trabalho que lhes é feito, um pouco por

toda parte, e isto, sem obrigação de se despojarem de seu título e nem do hábito religioso”.

Este pedido não tem a menor possibilidade de chegar a bom termo, mas é um meio de relembrar ao governo francês que a “União sagrada”, decidida pelo parlamento no dia 4 de agosto de 1914, deveria ter como consequência o restabelecimento efetivo do direito dos religiosos e não apenas concessões de pura formalidade. E ao longo da guerra, o Instituto fará valer os serviços prestados: em 1916, os superiores relembrarão que 2.600 Irmãos franceses estão no exterior; perto de 600 são soldados e 55 já mortos pela pátria¹⁸.

OS IRMÃOS INSUBMISSOS

A maioria dos missionários e, de modo especial, os Irmãos Maristas são patriotas que amalgamam facilmente defesa da pátria e da Igreja: sentem-se como o que recorda uma canção célebre: “católicos e franceses” e a maioria considerará o apelo da pátria como dever, ao mesmo tempo, cívico e religioso. Mas por razões acidentais, (distância, dificuldade de comunicação) ou mais re-

¹⁵ Esta ideia de uma guerra breve era, então, muito comum, inclusive entre os militares.

¹⁶ Verificar carta 14880,14882...

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Carta 14926.

fletidos, um número importante de irmãos franceses convocados pelas autoridades, não obedecem.

Este problema será embaraçoso particularmente perto de 1920-25, quando os superiores procurarão fazer autorizar pelo governo francês a abertura de noviciados na França para as obras estrangeiras¹⁹. Os arquivos dos Irmãos Maristas conservaram um relatório do Irmão Joseph Prosper²⁰ (janeiro 1925) depois de suas entrevistas com militares e políticos a respeito da insubmissão dos Irmãos, particularmente importante no Brasil²¹. E na sua história manuscrita do Instituto²², o Irmão Marie-Nicet, ele mesmo insubmisso, expõe em detalhe, os argumentos que legitimavam a recusa de responder à mobilização.

“Nas novas províncias: China, África do Sul, Colômbia, Brasil, México..., constituídas quase praticamente de “jovens”, a saída em massa dos mobilizados causaria fatalmente a ruína das obras. Nesta ocasião, isto é, nesta circunstância excepcional, o cônsul do Rio não podia dizer aos Irmãos: “fiquem!”; fez esta observação ajuizada: “Os alemães ficam; se vocês partem, eles os suplantarão”. Ele foi franco e lúcido: “Intelligens in pauca!” (NT: O ‘Petit Larousse’ traz: “Intelligenti, pauca” i.é, “para quem é inteligente bastam poucas palavras”).

Logo depois, o Senador Baudin, em missão nos países da América Latina, havia exclamado:

“Como abandonar agora estas obras magníficas que honram a França? Seria um crime! Ou então, uma grande bobagem! Seria largar a presa pela sombra dela”.

Entretanto, os superiores permaneciam perplexos. Às vezes é mais difícil saber qual é seu dever do que cumpri-lo. “Serve-se melhor a pátria conquistando-lhe amigos do que matando os inimigos”. É indubitável! Mas, por outro lado, a ordem de mobilização é geral...; as famílias dos insubordinados serão desonradas..., e se fosse decidida a extração...?

Note-se também que a maioria dos expatriados atingidos pela mobilização eram expatriados, vítimas da perseguição de Combes, colocados fora da lei depois de muitos vexames, e eliminados da lista dos cidadãos... É claro que isso tudo os dispensava de ir servir a uma marinha que os tinha renegado.

O Núncio Apostólico do Brasil, consultado pelo Irmão Provincial do Centro, é claro a este respeito:

¹⁹ Christian Sorrel, *op.cit.*, p. 212-216.

²⁰ AFM, França 600, dossiê 1918. Ficha de matrícula: Théodore Naudet (1882-1983) nascido em Paris, da Província de Beaucamps, chegou a Porto Alegre em 1902, profissão perpétua em 1906. Não participou da guerra na França. Em 1923, fez o segundo noviciado em Grugliasco. Em 1924-31 é administrador em Gravataí. Parece ter sido enviado em missão, na França.

²¹ Um dossiê de 1914 indica cinquenta e seis franceses insubmissos no Brasil Central e vinte e três no Brasil Meridional.

²² Volume VI a, cap. XI, p.354.

“Se os sectários que os perseguem fossem ao menos, pagãos honestos, aboliriam nesta hora trágica as leis de exceção que lançaram contra os religiosos, para que vocês pudessem entrar dignamente, em sua pátria e ali cumprir com ousadia seus deveres militares. Mas é totalmente ilógico para vocês, voltarem, por assim dizer, clandestinamente, num país que não quis seus serviços e os tratou contrariando os direitos das pessoas²³. Isso, tanto mais que aqui na América, vocês estão fazendo uma obra não apenas humanitária, mas excelentemente patriótica, porque vocês fazem amar e estimar a França que outros, infelizmente, procuram apenas esforçar-se por vilipendia-la”.

Finalmente os Provinciais do Brasil firmam uma linha de conduta em três pontos:

- “1º Abster-se de tratar em público (isto é, em comunidade) esta questão candente;
- 2º Permitir que voltem os que insistem em fazê-lo;
- 3º Aos que pedissem conselho, convidá-los a permanecer”.

Em 1914, o risco de extradição não é meramente teórico, pois é difícil prever a política futura do país de acolhimento, em favor de um campo ou de outro. Aliás, no México, a hostilidade do governo com relação aos religiosos obriga 50 novos irmãos

franceses a voltarem para a França²⁴. Pelo contrário, os países da América do Norte e do Império Britânico oferecem grande segurança, o que explica, em parte, o pequeno número de insubmissos e de diversos arranjos²⁵. Assim, o Irmão Leônidas, nascido no dia 25 de fevereiro de 1886, tendo ido para o México no dia 5 de agosto de 1902, antes da idade em que seria alistado, brilhante professor, em 1915 será dispensado de toda obrigação militar pela Delegação da França²⁶.

Embora a insubmissão à mobilização afete apenas os irmãos do Brasil, parece ter sido o único caso que criou problemas por duas razões: a grande quantidade da recusa e a carta de um Provincial às autoridades francesas, provavelmente para justificar a insubmissão²⁷. Tal recusa, no entanto não é próprio aos Irmãos Maristas: um estudo histórico mostra que em Lozère, região muito católica, o número de insubmissos é ali mais numeroso do que em outros lugares. Muitos irmãos (de diversas congregações) que tinham partido para a Espanha não voltaram na mobilização²⁸. Entre

²³ Isso ajuda a compreender o pedido dos superiores a propósito da batina de que falamos acima.

²⁴ MICHEL, F. Gabriel. *Nos Supérieurs, F. Léonida*. Rome: Maison Générale, 1976, p.35.

²⁵ Nenhum irmão francês voltou da Colômbia. Na História do Instituto de 1947, p.121, o Irmão Jean-Émile certifica que, na China e Nova Caledônia, a mobilização se faz *in loco*.

²⁶ MICHEL, F. Gabriel. *Nos Supérieurs, F. Léonida*. Rome: Maison Générale, 1976, p.36-37.

²⁷ O Irmão Joseph-Prosper esclarece que não foi assinada e, portanto, não tem valor jurídico. Em todo caso, a insubmissão maciça dos irmãos franceses do Brasil explica o pequeno número de irmãos deste país que voltaram: 19 dos quais 3 serão mortos.

²⁸ Antoine Prost, Jay Winter, *Penser la Grande Guerre*, Seuil, 2004, p.122.

os Irmãos da Sagrada Família de Belley, 50 Irmãos franceses estabelecidos no Uruguai declaram recusar voltar²⁹.

PATRIOTISMO E INCULTURAÇÃO

Se o Irmão Marie-Nicet evidencia um ressentimento violento contra a República anticlerical e militarista, exalta um serviço pacífico da pátria, o único conveniente para missionários. Mas sugere outro sentimento: os Irmãos refizeram sua vida alhures e não querem escolher entre a pátria antiga e a nova. Em suma, inculturaram-se e este apego ao novo país e à nova Província que os adotou transparece, às vezes nas cartas e nas biografias dos irmãos soldados. Conhecendo agora o mar aberto, podem sentir a França como um mundo acanhado, malévolo e doravante desconhecido. Enfim, o anticlericalismo mesquinho do governo francês, que o começo da guerra revela mais do que atenua, contrasta singularmente com a liberdade religiosa e o respeito de que os Irmãos gozam na maior parte dos países em que atuam. Além disso, os que são insubmissos ou os que decidem a voltar, muitos deles nutrem em relação à sua pátria um sentimento ambivalente de ressen-

timento e de dedicação. Terminada a guerra, a maioria voltou para os países que tinham deixado provisoriamente.

POR DETRÁS DAS NACIONALIDADES, AS RIVALIDADES RELIGIOSAS

Os irmãos podem mesmo considerar a insubmissão como dever religioso porque a opinião pública mundial se sente chocada ao saber que um país que se declara católico, constrinja ao serviço militar sacerdotes ou religiosos. Sente-se especialmente escandalizada quando lhes impõe o serviço das armas, em vez de colocá-los em serviços auxiliares (capelania, enfermaria³⁰, etc). No começo da guerra um bispo francês, missionário na Coreia³¹, relata que aos olhos dos protestantes, “a França não podia se apresentar como país católico, pois, contrariamente às leis da Igreja, impunha o serviço militar a todo o clero. Seria então preciso, diziam eles, desejar a vitória da Alemanha, nação muito mais cristã do que a França”. E quando o Irmão Marie-Nicet diz: “Os alemães permanecem”, sem dúvida amalgama dois fatores: a nação inimiga, mas também o poderio protestante. E o problema continuará

²⁹ Informação proveniente do Irmão Teodoro Berzal, arquivista da Sagrada Família.

³⁰ É o caso na Bélgica.

³¹ Paul Christophe, *Ibid.*, p. 41.

durante o conflito: mesmo quando o serviço militar obrigatório for introduzido na Inglaterra, em 1916, os clérigos e, por conseguinte, os Irmãos serão isentos. Ainda, em 1917, o Diretor da Propagação da fé, em Nova York, assinala que a opinião dos católicos americanos ficou particularmente alienada pela “iniquidade cometida pelo governo francês ao forçar os sacerdotes a manusear as armas”. Mas critica também os sacerdotes católicos que deixaram suas missões sem procurar “isentar-se de uma lei má editada por ódio contra a religião.”³²

Compreende-se então que o governo francês tenha sido obrigado a demonstrar flexibilidade em relação às congregações que no exterior combatiam as acusações levantadas contra uma França inimiga do cristianismo. Mas, já para os Irmãos de 1914, permanecer insubmisso, era afirmar-se adepto do universalismo católico, antes de ser francês. Permaneceu “católico e francês”, mas os dois termos deixavam de ser iguais. E mesmo entre os Irmãos que concordaram em voltar, a fibra patriótica era de certa forma equilibrada por uma visão do mundo mais ampla.

TOMADA DE CONSCIÊNCIA DE UMA GUERRA LONGA E MORTÍFERA

Evidentemente os primeiros meses de guerra são particularmente confusos e foi lentamente, que o Instituto percebeu o caráter inaudito do acontecimento: uma guerra mortífera e cujo fim não se pode ver. A partir de setembro de 1915, o *Boletim do Instituto* inaugura uma rubrica “Nossos soldados” que relaciona os nomes dos irmãos mortos, às vezes, sua província, lugar e data de sua morte, quando conhecidos. Nos números 37-51, vão aparecer vinte biografias de Irmãos mortos na guerra, quase todos franceses, porque as comunicações com os Impérios centrais são muito difíceis³³. Os feridos e prisioneiros são raramente mencionados, mas sempre aqueles citados em ordem do exército ou condecorados, porque são bons argumentos contra os anticlericais franceses que afirmam que a Igreja não participa no esforço patriótico. Entretanto, a internacionalidade obriga que todo nacionalismo ou palavra ultrajante contra o adversário seja banido, mesmo se aqui ou ali aparece a ideia de luta pela justiça e o direito. O quadro abaixo menciona algumas das principais informações.

³² Paul Christophe, *Des missionnaires plongés dans la Grande Guerre. Lettres des Missions Étrangères de Paris*, Cerf, 2012, p.326.

³³ Algumas cartas vêm dos Irmãos italianos.

Nº do Boletim	Mobilizados	Mortos	Ano	Observações
36 (1915)	3 a 400	7		Indicados só nomes dos mortos.
37 (1915)				Não há mortos
38 (1915)				Nenhum morto mencionado
39-40 (set. 1915)		12 10	1914 1915	22 mortos desde o início da guerra. Assinala feridos (30...) e meia dúzia de prisioneiros
41 (nov. 1915)		8	1915	11 feridos
42 (1916)		10	1915	
43 (1916)		4		1 morto em 1914, 1 em data desconhecida, 2 em 1916
44 (1916)		6	1916	
45 (set. 1916)		8	1916	Assinala total de 62 Irmãos mortos. (58 na lista)
46 (nov. 1916)		4	1916	
47 (março 1917)		9 5	1916 1917	
48 (1917)		8	1916 1917	Um morto em 1916; os outros em 1917. Indica um total de 85 mortos (84 na lista)
49 (dez. 1917)	850	15	1917	
50 (1918)		6	1918	
51 (1918)		13	1918	
52 (1918)		10	1918	Assinala 145 Irmãos mortos no total (nas listas: 128)
Total		128		

AS CARTAS DOS IRMÃOS SOLDADOS

O nº 36 do Boletim (janeiro 1915, p.53), começa a publicar uma série de trechos de cartas dos Irmãos soldados que se tornarão elementos importantes dos boletins até julho de

1917³⁴. Essas oitenta cartas, geralmente dirigidas ao Irmão Assistente, mas, às vezes, ao Superior Geral ou a outros superiores (provincial...), contam com relativa precisão a dureza dos combates, a vida muito difícil dos campos e da linha de frente³⁵, os trabalhos mais tranquilos

³⁴ A supressão dessas correspondências no Boletim, no fim da guerra, parece devida às dificuldades económicas que tornam raro o papel.

³⁵ Passaram pela censura militar ou foram encaminhadas por outros meios não oficiais.

Irmãos veteranos da I Guerra Mundial (1914-18) da ex-Província de Beaucamps
Da esquerda para a direita:
Ir. Marie-Gervais (sentado),
Ir. Laurent (em pé),
Ir. Edmond-Paul (em pé),
Ir. Adolphe-Louis (sentado)
e Ir. Mathurus (em pé).



(hospitais e secretarias...), até o cativo. Muitos vieram do México, da Síria, da Província de Constantinopla, e evocam lembranças da vida anterior nestes países aos quais parecem já ter-se apegado. Correspondem muitas vezes a cartas circulares dos Irmãos Assistentes que lhes mandam também os boletins e as cartas circulares do Superior Geral e também, embora parcimoniosamente, dinheiro. Apropriadamente, um dos temas recorrentes nessas cartas é o amor da Congregação, da batina, da vida religiosa e fraterna, realmente bastante tranquila comparada à dura vida militar. É uma devoção ao Instituto, mais do que ao Pe. Champagnat, raramente citado.

O tom das cartas evolui notavelmente. No começo, marcadas pelos acontecimentos de 1903-1905, que os fizeram acreditar numa França antirreligiosa, os irmãos estão admirados de ver tantos oficiais muito religiosos e homens da tropa que os respeitam como religiosos. Mais tarde, parecem mais pessimistas,

mesmo se não se queixam de hostilidade contra eles. Apontam a indiferença, a ignorância religiosa, as blasfêmias de grande número de soldados; alguns sentem-se um pouco isolados ou agrupados em pequenas redes de sacerdotes, religiosos e alguns soldados, mesmo quando tentam e conseguem realizar algum apostolado. Fazem a experiência prática de um mundo já muito secularizado.

Evidentemente, os irmãos dão conta da sua vida espiritual num contexto que nada tem a ver com a vida conventual. Para muitos a prática sacramental é rara e não dispõem de livros para entreter-se espiritualmente. Nenhum assinala ter uma Bíblia, mas também o Novo Testamento não parece fazer parte de seu pacote.

Sua religião é fundamentada nos sacramentos: missa, confissão e comunhão tanto quanto possível. Muitos assinalam a *Imitação de Cristo*. Quanto às práticas pessoais, o Pequeno Ofício de Nossa Senhora

sendo mais ou menos fácil de recitar num contexto de marcha, de trabalhos esgotadores e muitos constrangimentos, usam muito o rosário, as jaculatórias e a meditação, sobretudo durante as longas vigílias.

Um irmão, que voltou do Oriente em agosto de 1914, dá mesmo seu programa de retiro pessoal (T. VI, p.464) de três dias, com base nas meditações propostas pela revista *Le prêtre aux armées* (“O sacerdote no exército”), a leitura da *Imitação de Cristo* e o terço. Lembra com saudades sua entrada na Congregação e os retiros vividos no exílio. Uma carta de 8 de janeiro de 1916, (T.VI, p. 176), de um irmão que se prepara para ir para as trincheiras pela primeira vez, parece-nos traduzir um estado de espírito bastante geral:

“Feliz Ano Novo! Esta designação “feliz” parece ridícula entre os tristes acontecimentos atuais [...] Que acabe a guerra com seus horrores sangrentos! Lugar seja dado à paz vitoriosa, à paz dada ao direito, à civilização! Possa o Cristianismo glorificado retomar livremente seus benefícios sobre a nova sociedade!”

Outra carta de um irmão “em campanha” que voltou do Líbano (invoca Nossa Senhora do Líbano), que escreve debaixo de sua “guitoune” (tenda), exprime um sentimento mais profundo (T. VI, p.177):

“Nós precisamos de vítimas puras que façam reparação e flexibilizem o céu. E onde encontrar estas vítimas inocentes? Não é, sobretudo, entre os religiosos? ... Qual o coração do soldado

apóstolo que não sonhou em ser um holocausto agradável a Deus, para se oferecer, a exemplo de Cristo, em sacrifício para a salvação da pátria querida?

[...]

Pessoalmente, posso dizer-lhes que nunca perco de vista, graças a Deus, este duplo objetivo: expiar e merecer, pensando que a Divina Providência transformou os acontecimentos atuais num motivo de melhoria para mim. E se soubesse como me encontro em paz interior desde que me entreguei, sem reserva, entre seus braços maternos!

Há pensamentos que se transformam em supremo conforto em tempos de aflição

[...].

“Cristo sofreu mais do que você... Unidos ao sofrimento dele, os seus adquirirão um valor inestimável... Assim você realizará a palavra do Evangelho: Levem sua cruz e serão meus verdadeiros discípulos!

[...]

Você não acreditaria que raciocinando desta forma, se chega a aceitar facilmente a morte”.

Esta é a espiritualidade fundamental de muitos irmãos soldados, feita de abandono à Providência Divina à imitação de Jesus Crucificado. Esta espiritualidade de sacrifício, que mistura intimamente patriotismo e espírito cristão, não impede interrogações diante da amplitude do massacre e da destruição e, sobretudo, da duração da guerra. Quando em 1915 a guerra é, às vezes, considerada como regeneradora, em 1917, o tom é menos seguro. Numa carta de 10 de julho de 1917, (T. VII, p.221), um Irmão soldado declara só poder fazer o bem pelo bom exemplo porque, disse ele:

“meu regimento, infelizmente, é composto em grande parte, por homens que parecem alheios a qualquer conceito religioso e têm pouca ou nenhuma preocupação de se respeitarem nas palavras”.

Na mesma época, (T. VII, p.123), outro irmão confessa:

“Depois de ter visto o que vemos, é impossível ficar indiferente, estacionário (na vida religiosa): a gente se torna pior ou melhor”.

Em resumo, confrontados com eventos sem precedentes, os irmãos soldados abandonam um universo mental relativamente simples para entrar numa espiritualidade mais pessoal e mais profunda que não impede sua percepção do absurdo de uma guerra sem fim e cujo aspecto regenerador não é nada evidente. Percebem muitas vezes, claramente, que sua vida, se não é ceifada, não será mais como antes; e até mesmo que o mundo será mudado. É o que recorda um irmão oficial de artilharia (T. V, p.150) em 18 de fevereiro de 1915:

“O progresso tão alardeado se constata por toda parte nesta guerra terrível: só pelo seu triste e único papel de destruição”.

Os Irmãos que passaram pela guerra e que, em sua grande maioria, voltarão às fileiras do Instituto, serão humana e espiritualmente homens novos.

O APÊNDICE À CIRCULAR DE 24 DE MAIO DE 1917

É claro que todos os irmãos mobilizados não estavam envolvidos com os sentimentos mencionados acima. Aliás, a guerra criava para os professos temporários e para os noviços uma situação inédita: noviciado interrompido e votos temporários expirados. Por isso, para muitos irmãos soldados, a ligação canônica com o Instituto estava rompida e a duração da guerra ameaçava transformar em definitiva, o que de início tinha sido considerado uma situação transitória.

Para dar uma resposta a esse perigo, a circular de 24 de maio de 1917, vem acompanhada de uma brochura de 40 páginas escrita entre setembro e dezembro de 1916, por um irmão mobilizado³⁶, havia já dois anos, e intitulada: “Benefícios de minha congregação. Sua beleza interior e exterior, seus grandes homens”. A introdução do Irmão Superior Geral insiste sobre o espírito de família e o espírito sobrenatural “na maior parte de nossos irmãos soldados”, mas, ao mesmo tempo, revela uma preocupação quanto à sua fidelidade após uma separação interminável. A brochura em si é um hino ao Instituto, como corpo místico:

³⁶ Parece não ter sido professo temporário, mas ter ainda feito o voto de obediência. Ele fez o segundo noviciado. Sua brochura parece fundamentada nas suas notas desta época.

“Eu te compararei, como sociedade, às outras organizações estabelecidas pelos homens e estou convencido de que não encontrarei nenhuma cujas constituições sejam tão perfeitas; depois, verei tua expansão rápida por todo o mundo; contarei os estabelecimentos fundados, os alunos instruídos, os religiosos salvos em teu seio; enfim, examinarei brevemente a vida e obra de teu santo Fundado, e dos seus primeiros discípulos, as virtudes de teus membros, sobretudo dos que uma guerra terrível mantém afastados de ti, e dos quais mais de sessenta já morreram por sua pátria”.

E é uma exortação aos Irmãos soldados para que permaneçam dignos de tal eleição:

“A ti minha vida; quero dedicar-me a tuas obras até meu último suspiro. Meu Deus, concede-me esta graça. Santa Virgem Maria, obtende-me que eu seja sempre vosso filho”.

Essa poderosa recordação prepara a circular aos irmãos soldados, do dia 25 de dezembro de 1917, na qual o Reverendíssimo irmão Superior Geral informa aos Irmãos professos temporários, que não puderam renovar seus votos enquanto o serviço militar ativo não terminasse, poderão agora renová-los, graças a um indulto obtido de Roma no dia 3 de dezembro de 1917. (Circulares T.XIV, não paginado). Estamos um pouco admira-

dos com a data dessa medida, que mostra que se esperou por muito tempo o fim próximo da guerra.

GUERRA E SECULARIZAÇÃO

No Capítulo de 1920, a comissão da secularização esclarecerá que sobre 197 secularizados mobilizados, 180 voltaram à congregação e 12 morreram. Será um argumento para reabilitar os secularizados e convidar o Capítulo a lhes proporcionar ajuda mais que pontual. Mas, como vimos acima, o problema da secularização dos Irmãos que voltaram e estão livres das obrigações militares se apresenta desde 1915, com a expulsão dos irmãos do Império Otomano. É certo também que irmãos que esperavam a mobilização ou feridos na guerra, ou livres das obrigações militares no decorrer do conflito, ficaram na França. Sobre os 59 irmãos franceses da Província do México que foram para a guerra, quatro foram mortos e apenas uma dezena volta³⁷. Então, entre 1915 e 1918 e até 1922, as autorizações de secularização serão numerosas. Eis o quadro, elaborado a partir dos registros das deliberações do Conselho Geral:

³⁷ Ibid. p. 39

Província	1915	1916	1917	1918	1919	1920	1921	1922	Total
Lacabane	1								1
St Paul	3			1	7			1	12
Aubenas									
Varenes	2	1	11	2		<u>17</u>			33
Hermitage		1	2	2	20	<u>4</u>	14	<u>2</u> +2	47
St Genis	2	1	2	2	4			3	14
Beaucamps									
TOTAL									107

Nota: Os números sublinhados indicam os Irmãos que mudaram de Província e não apenas obtiveram autorização provisória. Depois de 1922, não se encontram mais sinais de licenças do Conselho Geral. A ausência de números para Beaucamps pode vir do fato que esta província, situada na região dos combates e da ocupação alemã, se encontre desorganizada.

Podemos avaliar em cerca de 750 (688 sem Beaucamps) os secularizados de 1913, que não serão mais do que 664, em 1920, com média de idade muito elevada³⁸. O reforço recebido durante a guerra e no imediato pós-guerra, apenas compensou parcialmente a mobilização dos elementos secularizados mais jovens.

O INSTITUTO EM PAÍS OCUPADO

Desde as primeiras semanas de guerra, quase toda a Bélgica e uma grande parte do norte da França são ocupadas pelo exército alemão.

Com isso, quase todo o território da Província de Beaucamps e a Alemanha inclusive ficam isoladas do Instituto, o Irmão Diógenes, assistente geral se encontra bloqueado na Casa Provincial com os Irmãos idosos. Durante toda a guerra será o intermediário entre o ocupante e a população civil, enquanto o internato é ocupado por um hospital militar. No fim da guerra, conseguirá remover os irmãos idosos da casa para a Bélgica, e depois para Saint-Genis-Laval, passando pela Suíça³⁹. A história da Província de Beaucamps⁴⁰ relembra que na França como na Bélgica, e na Alemanha, os irmãos passaram fome, tiveram numerosas requisições e extrema dificuldade de

³⁸ De acordo com as Províncias, os irmãos de idade superior a sessenta anos formam um terço ou um quarto do total.

³⁹ *Nos Supérieurs*, St Genis Laval, 1953, p. 352-363.

⁴⁰ Histórico da Província de Beaucamps. 1838-1944.

circulação e de ausência de relações com o resto do Instituto. Vários internatos e casas de formação (Péruwels, Pommeroeul, Lille-Ozannam...) estavam como Beaucamps, parcialmente ocupados por hospitais militares e tropas. Até 1918, as escolas funcionaram, mais ou menos, com a ajuda de professores leigos, mas em 1918, os homens foram retirados para a Bélgica e no momento de sua partida, o exército alemão destruiu o internato de Beaucamps e grande parte da cidade.

INTERNACIONALIZAÇÃO RÁPIDA DOS EFETIVOS

A guerra ajudou a acelerar a internacionalização da congregação e os superiores vão depois servir-se deste fato como argumento junto ao governo francês, para obter do governo a abertura de noviciados em seu território⁴¹. Num histórico datado de 20 de novembro de 1920, o Irmão Stratonique, Superior Geral, constata que o elemento francês no exterior que era de 50% em 1914, baixou para 37% em 1920.

Para o Instituto, este resultado é notório, pois apesar da guerra, o efetivo total aumentou, pois além da França, outros países, sobretudo a Espanha, assumiram a continuação da missão, enquanto em bastantes lugares (Canadá, Estados Unidos, Oceania,...) o crescimento se tornou endógeno. Podemos mesmo fazer-nos a pergunta do efeito positivo da retirada dos franceses que obriga as províncias a contar mais com o recrutamento local.

A guerra não afetou também seriamente a perseverança dos Irmãos como se poderia esperar. Por certo, as Atas do Capítulo de 1920 constata-

“De 1908 a 1918, as saídas de Irmãos professores perpétuos tinha seguido uma progressão constantemente decrescente, passando de 71 no primeiro desses anos, a 26 no último. Infelizmente, em 1919, subiu para 94, principalmente por causa dos mobilizados que não voltaram”.

Uma sondagem realizada a partir das fichas individuais dos Irmãos⁴², indica 93 saídas de professores perpétuos em 1919, dos quais 54 Irmãos

Ano	Escolas	Total dos Irmãos (Professos)	Irmãos Franceses	Alunos
1914	395	2646	1370	69090
Outubro 1920	418	2778	1044	84087

⁴¹ O que obterão parcialmente, em 1929.

⁴² Realizada pelo Irmão Henri Réocreux.

franceses⁴³, 4 alemães, 4 italianos e 1 belga, recentemente desmobilizados. Quase todos tinham sido mobilizados em 1914 ou 1915, e, por conseguinte tinham vivido muito tempo afastados do instituto. Mas é preciso notar que em 1914, o número das saídas de professores perpétuos alcançava 35 e que a média de 1915-1918 caiu para 24. Em 1921, eram 43 e em 1922 as 37 saídas de professores perpétuos parece voltar ao nível de 1914. A guerra, então, teria primeiro diminuído o número de saídas, para concentrá-las nos anos 1919-1921.

É mais difícil saber qual foi a perseverança dos professores temporários. No entanto, o Capítulo de 1920 nota que entre 1907 e 1920, sobre 3083 Irmãos admitidos à profissão, 35,4% saíram e 7,78% morreram (dos quais perto de 90, na guerra, ou seja, 2%). Mas, na mesma época, sobre 1437 Irmãos admitidos à profissão perpétua, 32% saíram. Não há, por conseguinte, diferença entre a perseverança de uns e de outros. Falando global e estatisticamente, mortes e saídas ocasionadas pela guerra tiveram apenas importância secundária: em 1917 havia 4.093 professores e 4.513, em 1920. O choque da guerra foi mais qualitativo que quantitativo.

A GUERRA VIVIDA PELOS IRMÃOS COMBATENTES

Eu já havia dito que, de 1915 a 1918, o Boletim do Instituto havia publicado 20 biografias de Irmãos mortos na guerra⁴⁴. Até os anos 1960, as notícias biográficas evocam frequentemente a guerra feita por este ou aquele Irmão, mas antes como parêntesis doloroso numa vida apostólica. Entretanto três biografias parecem constituir casos extremos, na gama de atitudes de uns e outros.

O Irmão Salutaris (Louis Goutaudier, 1880-1966), que entrou na Província de Varennes em 1900 e foi depois mandado para o Oriente Próximo, voltou para a França no início da guerra de 1914-18. Destacou-se ali como notável líder, amalgamando, sem dúvidas de consciência, patriotismo e devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Todo o regimento o sabia, e um tenente de artilharia, homem de fé, vendo-o partir para uma tarefa dura, dizia: “ele voltará porque tem a insígnia do Sagrado Coração no braço esquerdo”. O terço, sua oração preferida é sua “arma de combate”. Reza-o nas trincheiras, sob fogo cruzado, e o faz recitar a seus soldados. O fato é que apesar de uma vida

⁴³ A metade deles tinham voltado antes de 1914, depois de um tempo mais ou menos longo no exterior.

⁴⁴ Cinco são professores temporários e um, professor estável. Dezenove são franceses e um é italiano (Fr. Brunone).



Placa dos Irmãos da Província de L'Hermitage mortos durante a I Guerra Mundial. Placa recentemente doada por um antiquário à Casa Provincial de L'Hermitage. Essa placa provavelmente foi colocada no cemitério de L'Hermitage logo após a guerra e, mais tarde, substituída por uma placa de mármore, mais discreta, que existe até hoje ao lado do pedestal da cruz do cemitério.

Bertrand 1886-1961), nascido na cidadezinha de Chabotte, nos Altos-Alpes, formado no noviciado de Saint-Paul, tendo depois ido para o México. Por ocasião do segundo noviciado, antes de sua volta, manifesta em suas notas admirável ação de graças: “Meu Deus, obrigado! Mas, como é que eu vou me livrar desta lama que me cobre? Virgem Santa, conto convosco, pois preciso de vosso socorro”. E no dia do encerramento, escreve: “Sinto, Senhor que se não saio dessa dificuldade, com vontade decidida, a reparar o que estes cinco anos de guerra destruíram em mim, estou perdido”. A guerra que o Irmão Salutaris parece ter passado como monge-soldado, o Irmão Felice a sentiu como uma corrupção da alma.

cheia de riscos, sai dali ileso, e se torna oficial. Encontra-se, no fim da guerra, encarregado pelo exército francês, de fornecer alimentos ao Líbano esfaimado. De volta à França, exercerá com distinção, as funções de recrutador-esmoler e ecônomo.

É uma sensibilidade diferente que manifesta o Irmão Felice Felice (Noël

A guerra então marcou profundamente muitos Irmãos no mais íntimo de si mesmos. Muitos dentre eles voltarão com ferimentos físicos e problemas crônicos de saúde. Aliás, sabemos que as sequelas psicossomáticas foram muitas vezes sérias entre os antigos combatentes. Temos assim um exemplo com o Irmão Joseph-Lucien⁴⁵, (Lucien-Guillard, 1878-1929), irmão belga mobilizado como carregador de maca na vanguarda do Yser. No de-

⁴⁵ Bulletin de l'Institut, n° 80, 1930.

correr de uma evacuação, um acidente de estrada de ferro e um bombardeio aéreo criam pânico tal que o irmão sai abalado e dali por diante, afligido por tremores que, pouco a pouco, o tornarão impotente⁴⁶.

Pode ser que, em geral, os irmãos estavam mais bem armados do que os “civis”, por causa de sua cultura relativamente alta e sua fé, para superar o trauma da guerra. A alta taxa de perseverança deles vai neste sentido, mas seria ainda preciso examinar essa questão mais de perto.

UM MUNDO NOVO OU UM SIMPLES PARÊNTESES TRÁGICO?

Num plano mais global, a guerra anuncia o fracasso de vasta penetração do Instituto em direção à Europa Central e o Médio-Oriente, começada antes de 1914, por dois caminhos: por uma parte a expansão da Província de Beaucamps na Alemanha do oeste e do sul; e por outro lado, a de Constantinopla, penetrando na Bulgária, Hungria, Grécia, enquanto a Província da Síria começava a se estabelecer solidamente no Líbano-Síria, Iraque (Bagdad), Egito e Palestina. A História do Instituto de 1947 já fornece uma ideia das dificuldades durante a guerra: dissolução do juvenato de Orsova, na Hungria; na Sérvia, os Irmãos de Monastir, refugiados na Grécia. Por

fim, os Irmãos da Grécia, obrigados a se refugiarem, por um tempo, em Grugliasco. A derrocada dos Impérios austro-húngaro e otomano vai tornar muito difícil uma retomada nesta região. O efeito da guerra sobre o conjunto do Instituto não deixa, entretanto, de ser relativamente limitado, no imediato, e não sem efeitos positivos. Dali, a tentação de considerar este conflito como um simples parêntesis, quando, na realidade, acelera a secularização global dos Estados e sociedades e limita o campo de expansão. O tempo de um mundo aberto às iniciativas missionárias está acabando e o conceito de civilização cristã perdeu credibilidade.



Placa de mármore - Irmãos da Província de L'Hermitage mortos durante a I Guerra Mundial.

⁴⁶ O historiador da Província de Beaucamps menciona (p.175) vários casos de Irmãos atingidos por uma doença da medula espinhal chamada “paralisia trepidante” (delirium tremens).

OS IRMÃOS MARISTAS da BÉLGICA na I GUERRA MUNDIAL



Ir. Augustin Hendlmeier

O ano de 1914 marcou, de modo particular, a história dos Irmãos Maristas da Bélgica. A ocupação do país pelas tropas alemãs e as consequências que daí resultaram se fizeram sentir em muitas de nossas casas, produzindo profundas mudanças e não poucas provações. Numerosos Irmãos foram alistados no exército, onde alguns deixaram sua vida, como aconteceu com o Irmão Émile-François, morto num combate sobre o Marne, perto de Verdun (ver Annales de Verviers). Vários Irmãos decidiram também a deixar o país.

As tropas alemãs, e as tropas aliadas a partir de 1918, ocuparam uma parte de nossas escolas. Mesmo tentando funcionar de qualquer maneira, houve perturbações e até perdas de vidas humanas.

Dispomos, infelizmente, de poucas informações acerca desse período difícil. Os arquivos da Província belga em Bruxelas-Linthout guardam os anais de muitas, mas não de to-

das as casas e neles se encontram poucas informações sobre os acontecimentos desse período difícil de 1914-18. É provável que, devido às circunstâncias, as pessoas se abstivessem de comentar os acontecimentos políticos do momento.

Pude descobrir em três anais indicações mais precisas acerca dos acontecimentos desses anos. Trata-se dos anais das casas de **Mouscron-Centre**, Warneton e de **Verviers** (*os Irmãos estavam encarregados da escola primária do Colégio São Francisco Xavier, dirigido pelos Jesuítas*). É, portanto, baseado nos anais da casa de Mouscron que tentei imaginar a vida de nossos Irmãos e a situação de nossas casas na Bélgica, durante esses trágicos acontecimentos. Procurei aqui fornecer um resumo fiel e sucinto. Cumpre ainda assinalar que a cidade de Mouscron estava situada numa zona de combate. Supõe-se que outras de nossas casas conheceram situações semelhantes.

1. 1ª PARTE :
NA NOSSA CASA DE
MOUSCRON-CENTRE
Eis, portanto, o que pude ler
nos anais de nossa casa
de Mouscron-Centre:

1915-1916

Volta das férias sem incidentes particulares.

De vez em quando, aviões desviavam a atenção de nossos alunos. Distribuição de sopa cada dia, às 9 horas. Nos primeiros dias de janeiro, quando recitávamos o Ofício, um oficial alemão (*boche* no texto), acompanhado de 4 soldados, irrompeu em nossa casa. Requisitou umas 500 garrafas de vinho para suas tropas. Forneceu um recibo que teria, certamente, importância no tempo oportuno! Os militares realizaram também uma inspeção em nossa pequena granja. Depois que os visitantes partiram, fomos apressadamente esconder os numerosos frangos que lá estavam, a fim de que os “boches” não os aproveitassem. O número de alunos desse ano passou de 435 a 465.

1916-1917

O retorno às aulas se realizou normalmente. O número de alunos passou de 465 a 485. Economizamos o combustível e tivemos até que cortar árvores para termos lenha para o aquecimento. Continuamos a fornecer a sopa escolar nos dias de aula.

O ocupante obriga-nos a entregar toda a lã contida nos colchões. Cada semana, uma pessoa está encarregada de se apresentar, por nós, ao abastecimento. Alugamos um campo para assegurar uma colheita de batatas. Não é mais possível encontrar cerveja. Devido à falta de combustível e de iluminação, somos forçados a deixar o patrocínio no domingo.

Procuramos nos abastecer de alimentos com os agricultores do lugar: cereais, ovos, etc. O gás falta regularmente; temos que nos dirigir à “Kommandatur” para obter vinho de missa.

Alguns Irmãos deixam a casa do Centro e vão para Pommeroeul. A partir dessa época, não estamos mais em contato com os Superiores da Província. Já não podem visitar-nos.

1917-1918

Retomamos ainda as aulas, apesar de alguns pais temerem enviar os filhos, devido aos perigos que os ameaçam.

Foi instalado um depósito de munições a 200m da escola. Acontece que, de noite, caem bombas por perto... mas estamos sob a proteção de Deus que atende nossas preces. Ademais, temos um bom para-raios na pessoa do santo Irmão Angonius.

Alguns soldados alemães se instalaram na propriedade, mas não

ocupam as salas de aula nem nossa casa. Temos que lamentar a morte de dois alunos, no bombardeamento da estação. Procuramos cultivar até o menor pedaço de terra. Toda quinta-feira, dia de folga normalmente, vamos à procura de comida. Às vezes acontece estarmos na zona de combate e depararmos com muitas tropas. Mas estamos sob a proteção da *Providência*. Com alguns alunos, fazemos a colheita das batatas. Nenhum animal no galinheiro,... apenas o cachorro.

1918-1919

Estamos na impossibilidade de retomar as aulas: falta combustível, e os alemães ocupam todas as salas. Em março, conseguimos instalar salas de aulas nos edifícios dos arredores e de casas particulares. A 7 de outubro, suspendemos as aulas, porque os Alemães nos explicam que deveremos abandonar nossa casa, mas... os aliados nos libertam em 18 de outubro. Passamos 8 dias no porão. Mouscron foi bombardeada durante três horas. A 29 de outubro, retomamos os cursos sem interrupções, porque o ambiente se manteve bastante favorável. O armistício foi assinado em 11 de novembro.

Nós nos “reinstalamos” aos poucos. Tropas irlandesas ocupam a propriedade e a sala de estudo. O pátio é ocupado por cavalos e muires. Fazemos o que é possível! Os Ingleses nos fornecem víveres ou

gêneros diversos. Uma equipe de 25 prisioneiros alemães é obrigada, por 8 dias, a restaurar os danos... dos ingleses. Recebemos indenizações pelo alojamento das tropas.

2.2ª PARTE : A SORTE DE ALGUNS IRMÃOS

Nos Anais de nossa casa de Verviers, conseguimos algumas raras informações sobre os acontecimentos da Guerra 1914-18. Algumas indicações, também acerca da sorte reservada a alguns de nossos Irmãos. Provavelmente outros Irmãos, em outros lugares, conheceram situações análogas.

1914-1918

Dispersão da comunidade.

Desde a declaração da guerra, os Irmãos **Alphonse-Adrien e Emile-François**, mobilizados no exército francês, deixaram precipitadamente Verviers.

No dia 4 de agosto, as tropas alemãs ocuparam a cidade. A quantidade de militares não parava de aumentar a cada dia, e as tropas se alojaram no Colégio São Francisco Xavier. As salas de aulas, o salão de festas e outros espaços foram ocupados por soldados. Cavalos encontraram abrigo nos pátios e em algumas salas de aula.

Os três Irmãos que ficaram no Colégio aí passaram suas férias e

não foram molestados de nenhuma maneira. Em 15 de outubro, cartazes afixados pela autoridade ocupante convidavam todos os aliados a comparecer perante uma Comissão de controle.

O Irmão Charles-Gabriel, francês, achou mais prudente deixar a Bélgica. O Sr. Maystadt, dentista, o ajudou a transpor a fronteira com toda a segurança. Tomou o navio em Vlissingen, Holanda, e chegou à Inglaterra onde ficaria alguns meses. Reconhecido apto “para o serviço auxiliar” por um novo conselho de revisão, foi encaminhado à França e incorporado na Intendência em que serviu até o fim da guerra.

O Irmão Joseph foi também à Grã-Bretanha. O último Irmão que ficou foi Urban-Joseph, encarregado do primeiro ano da escola primária. As outras aulas preparatórias tiveram como professores, durante os primeiros meses, Padres, Abades ou Leigos. Essas mudanças frequentes prejudicaram bastante a formação e o progresso dos alunos.

O saudoso **Irmão Émile-François** havia sido arrolado no 310º Regimento de Infantaria de Dunkerque, no início das hostilidades. Conheceu seu primeiro batismo de fogo em 20 de agosto e teve que se submeter a todas as fadigas e privações dessa retirada rápida para o Marne. Ferido a primeira vez com um estilhaço de granada na mesma batalha do Marne, foi evacuado e tratado na Bretanha.

Completamente restabelecido, lá pelo Natal, foi designado para o 8º Regimento de Infantaria no setor Éparges, ao Sul de Verdun. Foi lá que o Irmão Émile morreu na batalha, pela França. Foi durante um violento bombardeio, que nivelou as trincheiras e fez ruir os abrigos, que se perderam seus vestígios. É com a menção “desaparecido” que retornavam as cartas que lhe escreviam seus pais e coirmãos. Ainda se guardou um pouco de esperança por algumas semanas, mas foi necessário, finalmente se render à evidência. O Irmão Émile pertenceu à comunidade de Verviers durante três anos: 1911-1914. Excelente religioso, de sólida piedade, dotado de um caráter muito feliz, alegre e afável. Ele era estimado por todos os seus alunos. Seu nome figura no quadro de honra dos professores e alunos do colégio São Francisco Xavier, mortos por Deus e pela pátria.

O Irmão Alphonse-Adrien, mobilizado na 1ª seção de Enfermeiros, foi designado para o Hospital Militar de Bergues (Norte) onde ficou um ano. Incorporado em seguida num grupo de padioleiros, passou o 2º ano em diversos setores de Oise e de Somme. Depois houve a partida para o Oriente. Partiu para Marselha em 1º de janeiro de 1917, desembarcou em Salônica no dia 10, e imediatamente foi por etapas à Sérvia, no setor de Monastir. Após 16 meses na Macedônia, voltou à França, na linha de frente de Verdun. No armistício, marchou em estágios em direção ao Reno, ocupando, na margem

direita (divisão do General Marchand), uma parte da vanguarda de Coblença. O Irmão Alphonse-Adrien foi dispensado em março de 1919.

O Irmão Urbain-Joseph foi o único a ficar no Colégio. No Natal, ele foi para Arlon, com o diretor da nossa escola de Dison, para obter e trazer coirmãos. Mas essa diligência não teve sucesso, e voltaram sozinhos, em 28 de dezembro. No fim de janeiro de 1915, o Irmão Urbain escreveu, com a permissão dos Padres, ao Irmão Raymond-Célestin, de Recklinghausen, para lhe pedir os Irmãos Meinrad e Denis-Adrien. Na mesma época, o Irmão Visitador, Marie-Agathon, estava justamente de passagem por Verviers. Ele não

hesitou em dar aula para a 1ª série do primário, durante quinze dias. Os Irmãos Meinrad e Denis-Adrien chegaram em 5 de fevereiro a Verviers. O Irmão Meinrad, porém, já devia ausentar-se no dia seguinte.

O exemplo do Irmão Émile-François pode, portanto, nos servir de indicação quanto à sorte reservada a alguns Irmãos belgas mortos na 1ª Guerra Mundial. Não podemos esquecer todos esses Irmãos que morreram por seu país. Este artigo pode eventualmente mover-nos a recordá-los. Que descansem em paz, ao lado de todos os seus coirmãos alemães, que também tiveram um destino trágico durante esses acontecimentos pavorosos da História mundial.

IRMÃOS MARISTAS ALEMÃES NA I GUERRA MUNDIAL



Ir. Augustin Hendlmeier

O total de Irmãos alemães que serviram o exército nas primeiras semanas da guerra em 1944 foi de 70. Nessa época, também 28 Irmãos belgas e 26 franceses da província de Beaucamps também serviram o exército¹.

Durante toda a guerra, o número de Irmãos alemães no *front* foi entre 160 e 205, o número de mortos chegando a 45. Esses números podem ser encontrados no relatório “District d’Allemagne - Origine et progrès”²:

“Quando a Guerra acabou, os Irmãos libertados encontraram acolhida em Furth, graças à alteração no edifício. A guerra deixou — que desastre! — grandes baixas nas fileiras de nossos Irmãos. De 120, que eram soldados, 45 perderam suas vidas. Outros retornaram esgotados ou doentes. Que alegria de um superior de comunidade acolher aqueles irmãos com zelo e terna afeição”³.

¹ Familienchronik (revista da Província Marista da Alemanha), 1971, p.8. Citação de Relève, Revista da Província de Beaucamps, Número 4.0

² AFMS: Doc. 612. H. 007: relatório manuscrito em francês, sem autor, sem data, provavelmente de 1927, 12 páginas DIN A4. Aqui e em outros documentos o número de Irmãos envolvidos na guerra ou no serviço militar (p. ex., Irmãos que trabalhavam no hospital de Recklinghausen) é de 120. Mas, de acordo com pesquisa recente pelo Ir. André Lanfrey, o número desses Irmãos é de 250. Pode ser encontrado em listas no Arquivo em Roma. A diferença nos números pode ser explicada pelo fato de como definir quem realmente era “Irmão alemão” e a definição de quem era considerado membro do exército. E, acima de tudo, a porcentagem de Irmãos mortos (45 entre 120) seria muito maior e não de todo realista. É por isso que o número 205 parece ser mais realista.

³ Uma lista do arquivo da Província em Furth com todos os Irmãos, noviços e postulantes falecidos de 1914 até 1969 enumera 45 Irmãos e 3 postulantes mortos na guerra. O primeiro Irmão, Michael Ferdinand Hamacher, morreu em agosto de 1914 e o último, Kamillus Wagner, no dia 1º de setembro de 1918. De 11 Irmãos não há informações sobre o lugar de sua morte. Quanto aos outros, 7 foram mortos na Rússia, 17 na França, 6 em Flanders, 1 na Palestina, 1 no mar e 3 em hospitais militares. Uma lista do Arquivo da Província de Beaucamps menciona todos os Irmãos alemães, incluindo aqueles da Alsácia-Lorena, que fazia parte da Alemanha de 1871 até 1918. 41 são citados como mortos como soldados (“Heldentod” ou “mortos em ação”). Infelizmente, não há sistema na lista e há também detalhes falsos. O número de Irmãos de nacionalidade alemã é de 313. Todos pertenciam à província de Beaucamps, da qual a Alemanha fazia parte até 1920. Entre esses Irmãos 64 eram da Alsácia-Lorena.

Irmãos em casa cuidando dos prisioneiros de guerra feridos

Em Recklinghausen (primeira casa Marista na Alemanha desde 1914) um hospital militar foi instalado.

No relatório mencionado acima, encontramos os seguintes destaques referentes a isso:

“Três meses após a abertura da casa, a I Grande Guerra estourou. Os alunos tiveram de voltar para suas famílias, pois a casa havia sido transformada em hospital militar. Os Irmãos depois de terem sido treinados como enfermeiros⁴ tiveram de cuidar dos soldados feridos, que acorreram em grande número. O bem feito pelos Irmãos durante essa época permanece um mistério de Deus.

Logo outros soldados da França, Bélgica, Itália, Grã-Bretanha e outros países foram acolhidos na casa. Agora o zelo dos Irmãos poderia ser desenvolvido completamente. Todos esses prisioneiros de guerra logo

sentiram que faziam parte de uma grande família e competiam no desejo de agradar os Irmãos, cujo zelo e comprometimento, que os faziam superar todas as dificuldades, admiravam-nos tanto.

Eles apreciavam principalmente o superior, Irmão Laurian, que além do cuidado pelo bem físico, cuidava antes de tudo do bem-estar espiritual e emocional. Para tanto, estabeleceu um dia de Retiro a cada três meses, que provou ser um grande sucesso. Muitos soldados encontraram seu caminho de volta a Deus, e assim participavam de celebrações da primeira comunhão e de conversões dos hereges. A maior gratidão, o que para esses soldados rudes não se reduzia a uma palavra vazia, era expressa em muitos dons para a casa. A celebração do centenário de nossa congregação, no segundo dia do mês de janeiro de 1917, foi uma grande festa para os Irmãos e para os internos. E aconteceram sem qualquer dúvida algumas celebrações, únicas na história de nosso Instituto: pela manhã, apresentações especiais foram realizadas em honra dos filhos do venerável fundador e expressaram sua gratidão pelo trabalho e cuidado realizado pelos irmãos. A despedida no final da Guerra foi extremamente tocante e permanecerá sempre nos corações de todos os que a testemunharam. Cerca de 7.000 feridos receberam cuidado dos Irmãos. 82 deles fizeram a primeira comunhão”.

⁴ Alguns Irmãos já tinham sido treinados na escola normal em Arlon para esse serviço e obtiveram “Diploma de Ambulância” (Cf.: Metzger, Anton: *Chronik der deutschen Ordensprovinz der Maristen-Schulbrüder*, Erster Teil, Furth 1975, p.57). Ali também consta que alguns Irmãos trabalhavam em um hospital dos Irmãos de João de Deus em Dortmund, de 1914 a 1916, onde viviam em comunidade de 10 a 20 Irmãos. Durante o mesmo período, dois Irmãos trabalharam na instituição da previdência social de Rüdeshheim. Com isso, os Irmãos foram dispensados do serviço militar até 1916. Os de Recklinghausen foram dispensados durante toda a Guerra porque a casa foi declarada hospital militar.

No *Extrait des Annales de la Maison Provinciale de Furth* (Bavière 1918/19)⁵, a seguinte informação em francês pode ser encontrada:

“Les frères mobilisés retournent peu à peu, 43 restent sur les champs de bataille.”

Os 3 postulantes não estavam incluídos. Então o número deve ter sido 46. Esses dados podem ser mesmo verdadeiros em razão de algumas contradições das estatísticas.

Oficialmente, dados do Instituto confirmam que 1037 Irmãos Maristas de todas as nações em guerra participaram como soldados na guerra e 118 foram mortos⁶. Isso significa que 37% dos Irmãos alemães foram

mortos, enquanto o percentual daqueles foi de apenas 17%.

Até hoje os túmulos de 14 Irmãos alemães e dois postulantes que foram mortos podiam ser identificados com exatidão. O resto não podia ser encontrado em razão da incerteza ou da informação vaga. Esses túmulos estão localizados em Flanders e no Norte da França, em Menen ou Neuville-St. Vaast⁷.

⁵ AFMS: Doc. 612. H. 010. 0 4

⁶ *Chronologie de L'Institut des Frères Maristes*, Roma, 1976, p.198; Roma, 2010, p.315.

⁷ Pesquisa sobre mortos na guerra: <www.Volksbund.de/Graebersuche> e <www.weltkriegsopfer.de/Kriegsopfer>. A informação às vezes é bastante incompleta e vaga. Mas essa é a instituição oficial para pesquisa sobre as vítimas da guerra e soldados mortos em ação durante as duas grandes guerras.

SUPLEMENTO

referente ao hospital militar “Konvikt” (Casa Marista)

O “Registro geral do departamento-reserva do hospital ‘Konvikt’ em Recklinghausen: Prisioneiros de Guerra: números 1261-4141; Alemães: números 368-740” contém informações exatas sobre o número, dados pessoais, tipo de doença, o tempo de permanência e outras informações dos pacientes. Ele está guardado no arquivo local dos Maristas em Recklinghausen.

Os registros meticulosos dão uma clara ideia da vida em um hospital militar típico para prisioneiros durante a I Guerra Mundial. 2880 prisioneiros de guerra estão registrados e também 382 soldados alemães, portanto o total é de 3262. Isso foi feito durante o período de maio de 1916 a abril de 1919. Uma lista de antigos pacientes não mais existe.

As estatísticas contêm dados exatos sobre idade, local de nascimento, data de entrada, data de saída, tipo de doença e local de trabalho dos prisioneiros. Também os casos de mortes e causas de morte são mencionados. Assim, o livro deve ser considerado como importante contribuição para a pesquisa histórica dos prisioneiros de guerra na Alemanha durante a I Guerra Mundial.

Os primeiros dois pacientes admitidos no hospital que estão registrados no livro em 31 de maio de

1916 podem ser mencionados pessoalmente: Francois Addé de Ste Ni-doque, França, 37 anos de idade, sofrendo de bronquite. Deixou o hospital no dia 30 de junho. O segundo, Constantin Michewski, de Jaklowo, Rússia, 34 anos de idade, sofrendo de um ferimento na mão. Saiu no dia 21 de junho e foi trabalhar na mina de carvão em Ewald.

A grande maioria dos pacientes era composta de russos e franceses. Mas o número de prisioneiros britânicos é considerado elevado. Eram 430, entre eles 22 da Escócia (7 de Glasgow, 4 de Edinburgh, os demais de outros lugares). Oito eram da Irlanda (entre eles um homem chamado Harry Castello, de Dublin). Havia também 97 belgas, 39 da Itália e alguns da Suíça, Portugal, Estados Unidos e até da Argentina.

Além desses pacientes especiais de outros países, a maior parte vinha da Rússia e da França. O local de trabalho para a maioria deles eram as minas perto de Recklinghausen e os famosos Ruhrgebiet, talvez a maior área de minas de carvão da Europa.

De maio de 1916 até novembro de 1918, houve um eterno entrar e sair. Em alguns dias, mais de 16 novos pacientes foram admitidos, normalmente o número era de dois a cinco. As causas de admissão normalmente eram ferimentos do local de

trabalho, como luxações e fraturas, mas também com bastante frequência doenças como bronquite, gripe, pneumonia, enterite e assim por diante.

Durante esse período, 74 prisioneiros de guerra morreram no hospital, a maioria de pneumonia. Entre os mortos, havia 8 britânicos. O último prisioneiro admitido foi John Brown, de Edinburg. Ele chegou no dia 7 de novembro e permaneceu até 15 de novembro. Desde o dia 12 de abril de 1918, mais e mais soldados alemães foram admitidos no

hospital “Konvikt” e submetidos a cirurgias ao lado dos prisioneiros de guerra. No dia 15 de abril de 1919, finalmente todos os pacientes foram mandados para casa ou para hospitais da cidade.

Assim, um simples e especial trabalho de apostolado na história da Congregação dos Irmãos Maristas havia terminado. Ele merece não apenas não ser esquecido, mas admirado.

Marcelino Champagnat certamente teria feito o mesmo.



Um grupo de Irmãos enfermeiros no escolasticado de Recklinghausen, durante a I Guerra Mundial (Bulletin de l'Institut N° 72, 1927, pág. 395)

JEAN-CLAUDE BERNE, (IR. CLAUDE-CASIMIR) SOLDADO DE 1914-1918¹



Sr. Eric Perrin

As comemorações do século que nos separa da declaração da Primeira Guerra Mundial *são ocasião de evocar a experiência de guerra de um dos Irmãos Maristas cuja correspondência, conservada por sua família, cruzou, um dia, meu caminho.*

Jean-Claude Berne nasceu em 3 julho de 1885 numa família comum de passamaneiros, na aldeia de Lachaud, comuna de St. Médard-en-Forez (Loire)². Seu pai, Jean Marie Berne, nasceu em 28 de agosto de 1852 e morreu em 4 de novembro de 1919. Casou-se com Catherine Tisseur. Desse casal nasceram cinco filhos:

- Michel Marius, nascido em 8 de janeiro de 1883 e falecido em 16 de janeiro de 1973, que será passamaneiro como seu pai.
- Jean-Claude - o Irmão Marista, objeto destas linhas, nascido em 3 de julho de 1885 e falecido em 22 de julho de 1974.

- Benoît, nascido em 21 de maio de 1887 e falecido em 28 de fevereiro de 1938, que desposou Françoise Clavel, em 31 de dezembro de 1919.
- Claude-Marius, nascido em 5 de novembro de 1890.
- Pierre-Marie, dito Pétrus, nascido em 22 de outubro de 1893 e falecido em 1º de outubro de 1954), que desposou Elisabeth Meiller, em 30 de dezembro de 1922.

Jean-Claude é, portanto, o segundo dos filhos Berne e o último irmão falecido. Certamente, ele frequentou a escola dos Irmãos Maristas, fundada em 1842. Ele fez sua primeira comunhão em 2 de maio de 1897, na igreja de St. Médard, conforme indicado na lembrança de sua primeira comunhão, no verso da qual, mais tarde, consignará seu percurso de guerra.

¹ Agradecimentos à Senhora e ao Senhor Panel pela comunicação de seus documentos familiares.

² A 45km de Notre-Dame de l'Hermitage.

Evocando mais tarde “seu destino” que o havia “arrancado da casa paterna” e a uma vida de família semeada de emboscadas, ele se lembrou da tarde de 6 de fevereiro de 1898, quando com apenas 12 anos, acompanhado por seu pai, passou a primeira noite num dos quartos despojados e estreitos de l’Hermitage. Na mesma manhã, partindo de Lachaud, deixou seu avô, Michel Berne, o qual, como Jacó da História Sagrada, lhe pusera a mão sobre a cabeça, dizendo-lhe em dialeto da região: «Adji mon Daude, prei bien la Sainte Viergi parme, te serez le plus heureux de tous frores!» (Adeus, meu Daude,³ reze muito à Virgem Santa por mim, você será o mais feliz de seus irmãos⁴).

Uma de suas cartas se refere a “nosso santo Irmão Casimirt”, seu tio-avô, Jacques Bern, nascido em 17 de março de 1811 em St-Médard; morreu em 10 de janeiro de 1887, em l’Hermitage⁵. Ele tinha sido Irmão Marista antes dele, e Jean-Claude se recordava de ter visitado seu túmulo, “à esquerda do corredor central do cemitério de l’Hermitage”. Foi, sem dúvida, em memória desse tio que recebeu o nome de Ir. Claude-Casimir. Nos Anais das

casas (escola de St. Médard), o Ir. Avit assinala que o Ir. Casimiro “passou sua vida no jardim de l’Hermitage, onde, atualmente (julho de 1886), cuida do cemitério”.

Jean-Claude Berne entrou no juvenato de La Valla em 6 de fevereiro de 1898. Em junho, foi crismado na igreja de Izieux pelo cardeal Coullié, arcebispo de Lião. Entrou no postulado, em l’Hermitage, em outubro de 1900 e recebeu o hábito em 19 de março de 1901. Emitiu seus primeiros votos temporários em 15 de outubro de 1902⁶. Foi então nomeado cozinheiro em Moret-sur-Loing (Seine-et-Marne, a leste de Paris), como era costume na época⁷. Foi certamente lá que obteve o seu certificado elementar em 1903.

Esse foi um ano particularmente difícil, porque em 3 de abril o governo Combes notificou à Congregação sua dissolução. Cada Irmão teve que fazer então uma escolha difícil: partir para o exterior ou permanecer como secularizado, vestido à maneira civil e ameaçado com processos no caso de reconstituir a Congregação. Ao contrário da maioria dos jovens Irmãos, Jean-Claude Berne será um Irmão secularizado⁸.

³ Diminutivo de Claude.

⁴ Mais feliz que seus irmãos.

⁵ Sua ficha de matrícula indica que fez sua profissão temporária (voto de obediência) em 10 de outubro de 1841. Por ter nascido em 1811, é, portanto, uma vocação tardia. Fez a profissão perpétua em 25 de setembro de 1853.

⁶ Informações de sua ficha de matrícula. Foi provavelmente na tomada de hábito ou na sua primeira profissão que se fotografou o jovem Irmão.

⁷ O Irmão cozinheiro ajudava também o Irmão do primário, preparando seu certificado elementar.

⁸ Como era menor, sua família podia se opor à partida para o estrangeiro ou ele mesmo podia optar pela secularização.



Jean-Claude Berne, jovem Irmão Marista

Tornou-se, portanto, professor em St. Médard, sua terra natal, de outubro de 1903 a 1910, com pequena interrupção devido ao serviço militar⁹. Convocado com a classe de 1905¹⁰, foi incorporado como soldado em 6 de outubro de 1906 no 16º Regimento de Infantaria. Tornou-se cabo em 20 de julho de 1907 e obteve seu certificado de boa conduta. Prestou serviço militar até 25 de setembro de 1908. Emitiu seus votos perpétuos em Arlon (Bélgica), em agosto de 1910¹¹, foi professor no pensionato de Valbenoîte, em St.-

Etienne, de 1910 a 1913, e em St. Félicien (Ardèche), de 1913 a 1914. Realizou um período de exercícios no mesmo regimento, de 21 de agosto a 12 de setembro de 1911, antes de ser “convocado” na declaração de guerra. Incorporou-se à tropa em 4 de agosto de 1914¹².

Como muitos ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial, ele falará pouco de sua experiência de guerra, o indizível é, por definição, difícil de traduzir em palavras comuns. Nenhuma menção de registro de serviço nos informa sobre seu primeiro contato com a guerra, mas a história do 16º Regimento de Infantaria relata que três trens deixaram Montbrison (Loire), em 6 de agosto de 1914, para Vosges, na fronteira franco-alemã. Após três dias de estacionamento e de instrução acelerada, dá-se a partida para o *front*. Dia 14, o regimento atravessa a primeira aldeia destruída, onde reina um forte odor de carne grelhada, e atravessa a fronteira com a Lorraine alemã, no dia 16, debaixo dos primeiros bombardeios inimigos¹³.

Apenas dois cartões-postais dirigidos a seu irmão, bem mais tarde, em 1958-59, deixam transparecer o choque físico e psicológico dessa

⁹ Sua ficha de matrícula só menciona sua presença em St. Médard em 1908.

¹⁰ ADL 1R153 - Registro de matrícula da subdivisão de Montbrison para a classe de 1905.

¹¹ Devido à supressão oficial das congregações na França, as suas casas de formação e dos irmãos idosos situavam-se no estrangeiro.

¹² O 16º Regimento de Infantaria. Histórico do regimento durante a guerra de 1914-1918. Montbrison, imprensa militar J.-L. Serre, 1919.

¹³ O estado-maior francês havia previsto, desde o início da guerra, uma ofensiva na Alsácia-Lorena, mas fracassou logo.

desumanidade. O primeiro, de St. Félicien, de 13 de setembro de 1959, lembra: “Esta data, 13 de setembro, me recorda subitamente o 13 de setembro de 1914, um domingo igualmente, que sem dúvida foi o mais dramático de minha vida: feito prisioneiro desde as 5h da manhã, chuva e balas todo o dia, e para acabar, metralha de nossa 75¹⁴ e libertação por caçadores alpinos!...”¹⁵. A história do 16° RI menciona nessa data a chegada na Picardia depois de 15 dias de retirada. Erro de memória ou não, o combate de Dreslincourt, onde o Regimento sofreu o fogo dos Alemães e pesadas perdas nos dias 16 e 17 de setembro 1914. Sempre de St. Félicien, em 20 de setembro de 1958, um segundo cartão-postal as-

signala “o gazeio mais bonito de minha vida”, evocando o 20 de setembro de 1914, “data de um dos meus dias mais trágicos de guerra”.

E, na verdade, essa foi a época da guerra de movimento, particularmente mortal, antes de os exércitos se enterrarem nas trincheiras. A maioria dos 1.037 Irmãos Maristas mobilizados não conheceram essa fase porque, devendo retornar do exterior, só entraram no conflito em 1915.

Um cartão postal escrito por Jean-Claude Berne, no Puy-en-Velay, em 20 de janeiro de 1915, nos anuncia uma breve pausa na sua vida militar:

“Queridos pais:

É diante de uma boa garrafa de vinho rosado que lhes escrevo antes de deixar Benoît. Eu obtive 4 dias de licença, a partir de 21. [...] Chegarei a St. Médard amanhã, quinta-feira de tarde ou sexta. Isso depende de Valbenoite¹⁶.

*Seu gazeador¹⁷
Jaude”.*

O registo de matrícula menciona depois, na data de 21 de fevereiro de 1915, a nomeação de Jean-Claude Berne para o 175° Regimento de In-

fantaria¹⁸. Desse período, sob a bandeira do 175° RI, contará mais tarde, com ironia, sua “viagem de núpcias de 1915”¹⁹, na verdade, seu en-

¹⁴ Nome familiar do canhão de 75mm, utilizado pelo exército francês.

¹⁵ Visto não ter sido conservado nenhum diário de operações das unidades de Jean-Claude Berne, é difícil saber a que fatos precisos ele alude. (www.memoiredeshommes.sga.defense.gouv.fr).

¹⁶ O pensionato dos Irmãos Maristas que quer visitar, cuja duração avalia mal.

¹⁷ Neologismo. Uma « escapade » é a ação de gazeiar, esquivar-se das suas obrigações para se divertir.

¹⁸ No site www.gallica.bnf.fr se pode consultar História do 175° Regimento de Infantaria durante a guerra de 1914-1918.

¹⁹ Leia a carta de bodas de ouro de seu irmão Michel Berne, de 14 de julho 1961.

vio à batalha de Dardanelos:

“Na primavera de 1915, precisamente em 4 de março, Claude repartia para o front”.

Do início de sua viagem conservará em toda a sua vida uma recordação, grampeada à lembrança da Primeira Comunhão, com a seguinte legenda:

“Bandeira do Sagrado Coração de Jesus, que foi oferecida a mim, Berne Jean-Claude, em 22 de março de 1915, quando, soldado da Grande Guerra, atravessava Paray-le-Monial, acreditando partir para o front francês, quando partia para o Oriente, seguindo um itinerário desviado. Esta bandeira me acompanhou fielmente por toda a parte até hoje em l'Hermitage, em 24 de agosto de 1969”.



Bandeira do Sagrado Coração de Jesus

Essa imagem, sem dúvida distribuída aos soldados na estação de Paray-le-Monial, é típica da sensibilidade dos católicos amalgamando

amor à pátria (bandeira tricolor) e devoção ao Sagrado Coração.

Mas o relato da “lua de mel” continua:

“Em Moulins, paramos e um brincalhão grita: “Vamos a Marselha! ...” [...] Na manhã seguinte, em pleno sol do meio-dia, o regimento desembarca no parque da cidade de Marselha. Em seguida, ouvimos gritos: “Vamos embarcar!” Para onde vamos?... Para a Sérvia!... Para a Turquia! ... Para a Grécia?... Saudamos Bizerte, e aí vamos em direção a Malta, Creta, Mar Egeu, Patmos, Lemnos... E um tempo de espera. De repente, reiniciamos a viagem em direção ao Sul: passamos 15 dias nas margens do mar em Alexandria... (Do Egito, vi perfeitamente algumas moradias de luxo, a invasão de pequenas rãs, uma nuvem de gafanhotos, mas não vi as pirâmides)... Depois, quando todo o arame farpado estava pronto, mesmo na água, desembarcamos em Dardanelos²⁰. Fui ferido no dia 11 (ou no dia 15?) de junho; então fui levado para Lemnos e 15 dias depois encontrava-me na linha de frente de Dardanelos... Quando embarcava, cruzei-me, sem o saber, com alguém que eu conhecia bem.

²⁰ A batalha de Dardanelos ou de Galipolis tinha por objetivo apoderar-se do mar de Marmara para poder assediar os Turcos, controlar os fluxos marítimos do Bósforo e eliminar o Império otomano pela guerra com uma ação naval. Depois da campanha naval, uma campanha terrestre iniciou. 75.000 soldados aliados desembarcaram em 24 de abril de 1915. Mas o efeito surpresa esperado não teve resultado. Um novo desembarque de tropas, em 6 de agosto, só aumentou o número das vítimas. No calor do verão, os soldados aliados conheceram o inferno dos ratos, da disenteria, da sede e dos insetos. Essa operação frustrada fez 250.000 vítimas do lado dos aliados, contra cerca de 211.000 do lado otomano. Os sobreviventes foram levados de dezembro de 1915 a 9 de janeiro de 1916. Engraçada lua de mel!



**Os dois irmãos Berne hospitalizados.
Jean-Claude está em pé**

Alguns dias depois, Benoît, da 2ª companhia Colonial escreve-me ao chegar a Dardanelos²¹. As escondidas, eu faço pesquisas e encontro o meu irmão. Que abraços!... Em que circunstâncias!... Em que lugar!... Três meses mais tarde, Benoît diz-me: “Estou evacuado!”... Oito dias mais tarde, e eu também. [...] Oito dias depois passa um navio-hospital [...] E voltamos a Alexandria ... Um regime forçado em que nos lavávamos 4 vezes por dia para lavar icterícia e 2 xícaras de leite como alimento e, oito dias depois, o médico que não nos tinha visto, disse-nos que tínhamos ganho a partida. E eis-nos de pé: o meu irmão pesava 42 quilos e eu 44!... 45 dias de convalescença e eis-nos de novo prontos²² para o serviço! ... No dia 23 de novembro (1915) desembarcamos em Marselha depois de uma travessia do mar muito tumultuosa (uma vez, no fim do dia, o balanço do barco me fez cair sobre um prato de macarrão ! ...). E no dia 25 de novembro, dia da festa de Santa Catarina e grande feira de St. Garmir²³. Chegamos às 10h30 da tarde a Viricelles e à meia-noite²⁴ a Lachaud, onde eu sabia que a minha mãe estava doente. Uma ideia original, como acontecia muitas vezes atravessou o meu cérebro”.

Jean-Claude Berne e seu irmão Benoît, estando ambos de licença militar, utilizam então uma tradição folclórica favorecida pela atmosfera de festa por ocasião da grande feira

de Santa Catarina, cantando uma canção tradicional em patoá: aquela do soldado que, ao voltar da guerra, quer o reconhecimento de sua amada :

Original en patois ²⁵ Tradução en français	Tradução em português
Et pan, pan, pan ! à grands coups de boton à la pechita porta !... Veux-tu savoi l’histoire d’un grenadier !... Il partit pour la guerre... Elle dura bien sè-tan-an !... Et pan, pan, pan ! Au bout de la septième sa porte vint frapper pan, pan, pan ! Ouvrez-moi donc main’zello. Ouvrez au grenadier !...	E pan, pan, pan! A grandes golpes de bastão na pequena porta!... Queres saber a história de um granadeiro! ... Ele partiu para a guerra... ela durou bem setenta anos! E pan, pan, pan! No fim da sétima, à porta bateu, pan, pan, pan! Abre-me, pois, senhorita. Abre para o granadeiro! ...

²¹ ADL 1R155 – O número de Registro da subdivisão de Montbrison para a classe de 1907. Benoît Berne nasceu em 21 de maio de 1887, em St. Médard. Classe 1907. Foi ferido em 1º de abril de 1917. É citado na ordem do Regimento nº 40 de 3 de junho, como “metralhador bravo e corajoso; continuou a servir a unidade com calma e sangue frio, apesar de um violento fogo de artilharia”: Cruz de guerra, estrela de bronze.

²² Preparados para servir de novo.

²³ Grande feira em St. Galmier (cerca de 10km de St. Médard).

²⁴ Termo, no dialeto patoá, significando “a” ou “em direção a” .

²⁵ Pelo Ir. Michel Fatisson.

Surpresa da família que protesta:

<p>J'entends le loquet de la porta de la méson qu s'ure... Et le père Jean Marie que guèle ; « Ou fodre po to zou crevo !... Et de la fenêtra de la chombra la Marieque criait : « Ou vé de soulans que venons de la fairi... laissi lou don guélo... ».</p>	<p>Ouço o ferrolho da porta da casa que se abre... e o pai Jean-Marie que grita: "Todos devem morrer". E da janela do quarto, a Maria²⁶ que gritava: "São os be-berrões que vêm da feira... deixa então que gritem..."</p>
--	---

A canção recomeça:

<p>Bon jou, bon jou ma demoisello, connais-tu grenadier^{er} ? (parlé) Non, non beau militaire, connais point grenadier !... (chanté) Qu'on apporte des cartes, aux cartes allons jouer, allons jouer la bello... La bello connaitrez^{ez} mé. Et pan, pan, pan.</p>	<p>Bom-dia, bom-dia, senhorita, conheces o granadeiro? (falado) Não, não, belo militar, não conheço nenhum granadeiro! (cantado) Vamos ao jogo de cartas, venha o baralho, vamos jogar a bisca... Na bisca me conhecerão. E pan, pan, pan.</p>
--	--

A família está perplexa, e o farsante se dirige a seu irmão, revelando sua identidade.

<p>Le papo djize plus rin et Marie s'èteche quézia, et la maman malade... et je me dis : « Faudrait pas leur faire trop peur fât. Et moi qui n'en savais plus de la chanson... Allons chanta don Benoît, que je nin sé plus !...</p>	<p>O papai não diz mais nada e Maria se calou, e a mamãe doente... e eu digo: "Não se deveria causar-lhes demasiado receio, não é?". E eu que não sabia mais a canção... Vamos, cante Benoît, eu não sei mais!...</p>
--	---

A família os reconhece; abre-se a porta e todos se congratulam alegremente.

<p>Ah !... il an trop parlo... il an trop parlo !... Et le père Jean Marie vint ouvrir la petchita porta... Vous devinez le reste... ».</p>	<p>Ah! falaram demais!... falaram demais!... E o pai Jean-Marie abre a pequena porta... vocês adivinham o resto...</p>
---	--

²⁶ Criada ou parente?

Esse relato nos dá um apanhado excepcional da cultura de origem de numerosos Irmãos provenientes de famílias em que o patoá franco-provençal é ainda muito vivo e nas quais a vida social e familiar não menospreza brincadeiras e farsas. A guerra acelerou fortemente o declínio dessa cultura.

Mas essa licença é apenas um interlúdio raro numa guerra sem fim. Uma carta de seu irmão Benoît, de 10 de março de 1916, escrita a lápis no papel por causa da censura militar, nos informa que Jean-Claude é cabo no 175º da Infantaria, companhia C, em La Palud (Vaucluse), bem longe do *front*. Nela manifesta ao mesmo tempo humor, estoicismo, piedade sincera e ternura:

“Muito querido irmão:

Recebi seu divertido cartão que me alegrou por saber de sua boa saúde, sempre em La Palud e, especialmente, no calor de sua cozinha. Quanto a mim, depois de má estada nas trincheiras, estou agora em repouso e boa saúde, exceto os pés que começaram a se congelar. Aqui nós temos um tempo úmido e frio. Enfim, todas as noites eu vou à igreja me aquecer na oração. Neste momento, eu penso em toda a família. Receba, querido irmão, a amizade de seu mano que o ama e pensa em você.

Berne”.

Quanto a J.C. Berne, como consta no registro de matrícula, foi designado para o 52º RI a partir de 26 de abril de 1916. Dessa data até o fim da guerra, sua vida só nos é conhecida pelas honras oficiais que recebeu. Ele é citado na ordem do dia do 52º de Infantaria nº 167 de 30 de maio de 1918: “Agente de ligação de grande serenidade, assegurou o seu

serviço com dedicação e coragem durante 12 dias em circunstâncias difíceis e perigosas devido a violentos bombardeios do inimigo”. Em 23 de junho de 1918²⁷, foi nomeado sargento. Ferido três vezes durante a guerra, foi condecorado com a Cruz de guerra e a Medalha militar, em 15 de setembro de 1918, com esta menção:

²⁷ No site www.gallica.bnf.fr pode-se consultar História do 52º Regimento de Infantaria durante a guerra 1914-1918.

“Excelente suboficial que se distinguiu por sua coragem e seu sangue-frio, durante as operações de 27 e 28 de julho de 1918. Ele foi ferido durante um contra-ataque. Dois ferimentos anteriores. Uma notificação”. Assinado

Pétain.

Voltando a ser Irmão Marista, foi professor-diretor do Monastier sur Gazeille de 1919 a 1935²⁸, em Paris-sières de 1935 a 1936, em St. Julien Molhesabate de 1936 a 1957²⁹. Foi professor, depois aposentado, em St. Félicien de 1957 a 1969. Numa carta de 1959, depois de apanhar um resfriado e ficar acamado, rememora discretamente a volta de seus traumatismos de guerra:

“Tudo se põe em revolução: a disenteria, em Dardanelos, e febre malária... e, quanto mais todos esses micróbios fazem barulho, mais eu silêncio”.

Retirado a Nossa Senhora de l’Hermitage, a partir de 1969, o Irmão Claude- Casimir Bern lá morreu em 22 de julho de 1974.

Jean-Claude Berne (Ir. Claude-Casimir) é, no sentido mais forte do termo, um ex-combatente que conheceu, em pouco mais de quatro anos, três formas de guerra: a dos primeiros meses que, parece, lhe deixou as recordações mais impressionantes; a expedição de Dardanelos (1915) que ele descreveu com



Ir. Claude Casimir (J.C. Berne)

muitos detalhes, onde foi ferido e vítima de doença; finalmente a guerra das trincheiras (1916-1918), sem dúvida a mais difícil, e sobre a qual manteve-se discreto apesar de seus ferimentos e suas condecorações. Como a maioria dos ex-combatentes, ele ficará marcado para sempre pelas provações sofridas.

²⁸ Sua ficha de matrícula indica que emitiu o voto de estabilidade em 15 de setembro de 1927 e que foi para l’Hermitage como promotor vocacional em 1931-32.

²⁹ De acordo com o Irmão Joannès Fontanay que o conheceu, era muito apreciado nessa comuna.

Como um Irmão Marista, não é menos interessante. Através de sua correspondência, nós discernimos características da cultura de muitos Irmãos de áreas rurais, áreas que, geográfica e culturalmente, estavam muito associadas ao Instituto, na virada do século XIX e XX. Simbolica-

mente isto caracteriza uma geração de Irmãos nascidos por volta de 1885, e falecidos nos anos 1960 a 1970. Eles atravessaram uma boa parte do século XX feito de reviravoltas e tragédias, mas sem nunca se afastarem de uma fidelidade da qual nem sequer sonham proclamar qualquer mérito.

CHAMPAGNAT E COLIN

Origens Maristas



Ir. Frederick McMahon

Estudo em três partes sobre o desenvolvimento pessoal e espiritual de Jean-Claude Colin, S.M., e Marcelino Champagnat, S.M., e o relacionamento entre esses Maristas em seus respectivos apostolados. São analisadas algumas cartas que explicam eventos e personagens.

PARTE II

Revelações das correspondências referentes ao período de 1828-1835

INTRODUÇÃO

Nesta seção do desenvolvimento de Colin e Champagnat como Maristas, consideramos as cartas do período que vai de 1828 a 1835.

O primeiro assunto que emergiu foi a eleição, por parte dos sacerdotes Maristas, de um “Superior Central” com autoridade sobre os padres Maristas aspirantes das dioceses de Lyon e Belley. Champagnat insistiu nisso, o que resultou na eleição de Colin como líder. Os Maristas de Lyon escolheram, então, Champagnat como superior na arquidio-

cese, iniciativa confirmada pelas autoridades arquidiocesanas.

Os problemas provocados aos Maristas pela Revolução Francesa de 1830 são aqui considerados, bem como os transtornos que surgiram na mudança de alguns sacerdotes Maristas para Valbenoîte. Em razão dessa transferência, Colin propôs uma nova eleição para Superior da arquidiocese, mas o pessoal local foi contra tal iniciativa. Colin, então, adiou a decisão. Outro problema surgiu na questão dos *Irmãos de S. José*, quando as ações de Colin criaram dificuldades para Champagnat e alguns de seus Irmãos.

A alguns padres Maristas foram transferidos de L'Hermitage para outros apostolados, como nas atividades de Pompallier, nas missões paroquiais de Forest, na associação de Pompallier com a fraternidade masculina da Ordem Terceira e um grupo de mulheres das "Virgens Cristãs". A demora de Colin em promover outra eleição entre os Maristas de Lyon resultou na indicação de Séon como o novo líder.

Colin dirigiu-se a Roma buscando aprovação para a congregação Marista. Em sua própria diocese, ele apoiou o bispo Devie como último esforço para induzir Champagnat a abrir uma escola agrícola em Bresse.

Valbenoîte, incomodado, voltou a questionar a iniciativa de Champagnat em sua preocupação com o

bem-estar espiritual dos sacerdotes maristas aspirantes. Diante disso, Colin se sensibilizou com a posição de liderança de Séon.

A seção final da Parte II trata da correspondência sobre a posição dos *Irmãos de S. José* no movimento Marista e a rejeição de Champagnat da proposta de ter os Irmãos Maristas atuando como sacristãos.

Vamos agora examinar as cartas de Colin para Champagnat em seu todo ou em parte, refletindo sobre seu significado para os notáveis acontecimentos na história Marista e também pelo que revelam sobre as pessoas envolvidas.

Temos uma primeira carta de Colin dirigida a Champagnat, datada de 22 de maio de 1828. Em certa parte pode-se ler:

Estimado amigo,

Não tenho muito que contar sobre nossas breves jornadas nessa última visita, apenas que o bom Deus continuou a nos proteger e a coroar com sucesso nossos modestos esforços pela salvação das almas. Fui acometido de uma doença que durou cerca de dois meses, mas, afinal, aqui estou pronto para seguir adiante novamente. Quando vier a Belley, você verá um prédio novo em Bon Repos e também a noviça enviada à comunidade. Todos estão bem impressionados com ela. O Padre Déclas se alegrou pela perspectiva de vê-lo e, em seu aguardo, envia-lhe as boas-vindas, o mesmo acontecendo com Padre Pichard e o Irmão que me acompanha.

Em meio ao rápido sucesso de seu empreendimento, sinto-me bem ao ver que a cruz apareça vez por outra. Essa é a melhor prova do amor que Deus devota a seus Irmãos. Diga-lhes que estão sempre presentes em meu pensamento e que envio a todos um abraço e minhas recomendações em minhas orações.

Recebemos com alívio e gratidão a notícia sobre os rendimentos financeiros dos serviços eclesiais,

pois nessa região montanhosa recebemos quase nada. Você pode trazê-los com você quando vier, desde que não lhe cause incômodo. Encontrei em meu breviário uma recordação do Pe. Séon. Preserve-o como preciosa lembrança. Abraço afetuosamente vocês dois mil vezes nos corações de Jesus e Maria.

*Tenho a honra de ser sempre seu, com estima e afeição muito especial,
Seu mui humilde e obediente servo,
Colin, missionário.¹*

Esta é uma carta feliz de um homem adoentado em razão das exigências do trabalho apostólico que realizava com um coração amoroso.

Há igualmente uma brincadeira no final desta carta (não registrada aqui). Colin refere-se à promoção de Terraillon na arquidiocese, a quem ele ainda esperava manter como Marista.

O progresso da congregação das Irmãs é evidente, como também é na exortação espiritual do penúltimo parágrafo, uma insinuação perceptível de uma posição de liderança por parte de Colin. Então, em 1829, quando a morte súbita do Pe. Pichart na idade de 49 anos criou uma vaga na posição de Superior do seminário menor, o bispo Devie indicou Colin para a posição, a despeito de suas súplicas. E

assim os Maristas de Belley estavam agora envolvidos em dois apostolados principais — como missionários diocesanos pregando nas paróquias e como membros de um seminário menor e de uma escola secundária. Note-se que alguns estudantes que não desejavam seguir a carreira eclesíastica também eram aceitos no seminário menor.

Ao indicar Colin para esse novo papel, Devie pode ter sido influenciado pelos comentários do Vigário Geral De La Croix, que tinha consciência do esgotamento dos missionários de Bugey, especialmente Colin. Embora soubesse da falta de experiência de Colin em assuntos pertinentes ao ensino secundário, Devie ficou bastante impressionado com Colin e seu esplêndido trabalho na missão de Bugey. Ele confiava no homem escolhido.

¹ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 182.

Após a indicação como Superior da Escola de Belley na Páscoa de 1829, Colin se preparou para as importantes tarefas que o aguardavam. No início de janeiro de 1830, os padres Champagnat, Bourdin e Pompallier (este último substituindo Séon em L'Hermitage no outono de 1829) retornou ao retiro de Belley. O que fora proposto naquela ocasião pelos aspirantes Maristas de Belley e L'Hermitage, a saber, o projeto de

uma reunião em Lyon para a eleição de um superior central, relaciona-se à nossa análise na seguinte carta de Jean-Claude Colin. Tal ação foi determinada para reforçar a integração dos dois grupos, colocando os membros desses grupos sob a dependência direta de seus superiores eclesiásticos. Colin então convidou Champagnat para preparar o caminho para a aprovação de sua ideia pelo Conselho do arcebispo.

*Para Marcelino Champagnat
(ou, em sua ausência, alguém que o substitua):*

Belley, 25 de janeiro de 1830.

Estimado colega,

Durante algum tempo estive procurando uma oportunidade para escrever-lhe — e quase não consegui. Ficaremos felizes em saber que sua volta de Belley para L'Hermitage foi bem sucedida, assim como a dos dois missionários (Padres Bourdin e Pompallier). Todos ficaram satisfeitos com eles em Belley. O retiro se desenvolveu muito bem (i.e., o Retiro coordenado por Bourdin e Pompallier aos seminaristas menores em Belley). Espero que as lembranças desse evento permaneçam por muito tempo. O lado ruim é que vocês três foram embora cedo demais.

Aqui em Belley tudo parece se realizar com sucesso no trabalho de Maria. Não sei o que o pessoal de Lyon pensa disso. Basta preparar gradualmente o caminho e dispor sua mente no sentido da unidade, isto é, convencer o Conselho do Arcebispo a concordar com a nomeação de um superior central. Isso poderia ocorrer sem retirar o controle atual de nossos respectivos superiores (Bispos de Pins e Devie), enviando-lhes nossas representações antecipadamente e informando-lhes a hora de nossa reunião em Lyon, de modo a prepará-los para que acolham favoravelmente e nos deem seu consentimento.

Nossos missionários ainda estão trabalhando. Um deles, Pe. Girard, esteve gravemente doente, mas já se recuperou. Os padres Pompallier e Bourdin prometeram voltar a Belley em Lent. Nosso bispo, que parece estima-os bastante, pediu-me para lembrá-los de sua promessa. Eles farão várias palestras na catedral e em outros lugares. Tente fazer o possível para que não nos privemos do prazer de vê-los novamente em breve. Meu abraço a eles de todo o meu coração.

Enquanto aguardamos nossa reunião em Lyon, como ficou decidido, vamos orar para a nossa Boa Mãe para preparar corações e mentes para que ela possa reunir seus filhos dispersos sob uma mesma Regra e inflamá-los todos com o fogo do divino amor e com o sagrado zelo pela salvação das almas. Estamos todos bem aqui em Belley; falo daqueles que se preocupam com você.

*Com o mais sincero afeto,
Seu humilde e mui dedicado confrade,
Colin, Superior.²*

Cerca de três semanas mais tarde, encontramos Colin novamente escrevendo para Champagnat, que havia informado Colin sobre os passos que pretendia empreender com respeito à autorização dos Irmãos professores. Champagnat

também sugerira que os Maristas elessem um superior central para os padres sem contar aos dois bispos. Colin prontamente respondeu, aprovando a primeira medida, mas rejeitando firmemente a segunda:

Belley, 13 de fevereiro de 1830.

Meu muito estimado coirmão,

Não me foi possível responder-lhe antes porque em duas ocasiões fui à casa do bispo e em ambas não consegui falar com nosso ocupado bispo. Por fim, ele respondeu que persistia em aconselhá-lo a obter a aprovação dos seus Irmãos no Estatuto dos Irmãos. Ele considera que essa abordagem enfrentará algumas dificuldades. Ele escreveu de Valence.

Quanto à proposta de eleger um centro em segredo, nós a rejeitamos mais firmemente do que nunca. Nós nunca fazemos nada pelo trabalho de Maria secretamente e sem o conhecimento dos superiores. Não podemos começar a mudar este modo de agir. Precisamos ir diretamente à meta. O trabalho está encontrando dificuldade nada menos do que em Lyon. Deus deseja desse modo a purificar o processo, mas não nos desencoraja de modo algum. Você deveria, creio, enviar uma solicitação a seus superiores e, se é que posso falar-lhe assim e se você concordar, nós diremos em que sentido pensamos que você poderá levar adiante o assunto. Envie-nos uma resposta, se lhe convier, e nós trocaremos ideias imediatamente. Eu o abraço de todo o meu coração.

*Com respeito, seu mui humilde e obediente servo,
Colin, Superior.³*

² Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 209.

³ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O. M. 1, Doc. 212t.

O bispo Devie havia sido consultado por Champagnat sobre a autorização legal para os Irmãos. Devie, que havia sido Vigário Geral de Valence, onde os Irmãos da Instrução Cristã obtiveram aprovação em 1823, poderia ser bastante útil para a autorização do projeto. Infelizmente para Champagnat, o Arce-

bispo de Pins, de Lyon, preferia um método diferente — dirigir-se diretamente ao governo.

Uma carta do Vigário Geral Cattet a Champagnat, datada de 18 de fevereiro, mostra que Champagnat já contactara as autoridades de Lyon sobre a proposta reunião dos Maristas:

Não podemos fazer nada em relação aos padres. Provocar a reunião e expandir a Sociedade além da arquidiocese são, portanto, passos necessários, seja para o Papa intervir ou para os bispos concordarem.⁴

Vendo que era impossível obter aprovação para uma reunião dos futuros Maristas ou para um ato que afirmasse tanto a natureza religiosa da Sociedade de Maria como seu caráter supra diocesano, Colin se encontrava diante de um dilema. Nove meses haviam se passado desde a

reunião de Belley, onde os Maristas haviam decidido, em princípio, sobre a eleição. Champagnat, sentindo que o tempo poderia “estender-se até o juízo final”⁵, pressionou Colin. Em sua resposta de 10 de setembro de 1830, Colin estava bastante cauteloso ao sugerir razões para o atraso:

*Para Pe. Champagnat, sacerdote,
em Nossa Senhora de L'Hermitage,
próximo a Saint Chamond, Loire*

Belley, 10 de setembro de 1830.

Meu estimadíssimo amigo,

Estou há bastante tempo querendo responder suas cartas. Não fique zangado comigo. Não se trata de indiferença ou esquecimento. Você verá mais adiante as razões que me forçaram a examinar alguns assuntos todo esse tempo. Ainda acalento o trabalho da Santíssima Virgem ainda mais do

⁴ Carta do Pe. Cattet ao Pe. Champagnat, O. M. 1, Doc. 213, Lines 30-34.

⁵ W. Shakespeare, “Macbeth”, Atos IV. i. 117.

que antes. As circunstâncias desses tempos servem apenas para aumentar a minha confiança e minha coragem. Mas não sei se a reunião que você solicitou seria prudente. Sei que a eleição de um ponto de convergência é necessária para o piedoso empreendimento. Desejo isso tanto quanto você, mas parece a mim que não seria prudente ter um grande número de viagens durante esse período. Por outro lado, para a eleição precisamos estar todos juntos. Somos sete, enquanto com você são apenas quatro. Seria mais fácil para vocês viajarem para cá do que o contrário. Além disso, se nos reunirmos, mesmo que durante poucos dias, sem o consentimento de nossos superiores, eles considerarão uma ofensa. Parece-me, no entanto, poderemos discutir tudo em época mais oportuna, ou mesmo decidir realizar essa eleição secretamente por carta, colhendo os votos aí e aqui. Essa última forma não é a melhor. Sejamos pacientes. Vamos trabalhar para nos preparar bem. Não me aborreçerei ao ver você crescer. Escreva-nos o que você pensa de nosso modo de ver as coisas. Pe. Terraillon, a quem abraço de todo o coração, enviou 300 Missas, e você 100. Agradeço a ambos por isso. Se você tiver de fazer uma viagem a Lyon, escreva para mim. É possível que eu possa ir até lá para conversar com você. Meus melhores votos aos seus três coirmãos, a quem abraço de todo o coração. Nossos sacerdotes também o saúdam de todo o coração. Os novos membros ficarão muito felizes em conhecê-lo.

*Confie em mim até a morte. Com estima muito especial e carinho,
Seu servo e confrade muito dedicado,
Colin.⁶*

Talvez a reunião em Lyon entre Champagnat e Colin, sugerido pela carta acima, tenha se realizado, pois foi em setembro ou outubro de 1830 que o grupo Marista se reuniu. Setembro, em tempo de férias, era de fato uma época favorável. Evidentemente, a reticência de Colin em relação à reunião clandestina foi provocada pela crise política da Revolução de Julho e pela possível reação da administração diocesana.

Sabemos, por exemplo, que a chancelaria de Lyon fez objeções a tal reunião. Apesar disso, a hesitação de desaparecera; a persistência de Champagnat prevaleceu. Os homens de Lyon vieram a Belley (com exceção de Terraillon). Ali, o grupo elegeu Jean-Claude Colin como Superior central dos dois grupos. Concordaram também que o superior local (diretor provincial) deveria ser eleito pelo grupo de Lyon. Ele ficaria, evidentemente, subordinado ao Superior Geral.

⁶ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 220 .

Apesar das dúvidas anteriores de Colin, os Maristas de Lion deste período foram mais bem aceitos pelas autoridades arquidiocesanas do que seus confrades foram pelas autoridades de Belley. Uma carta do Pe. Cattet de 18.12.30 (O.M. 1. Doc. 226—18) oficialmente apontou Champagnat Superior da Sociedade de Maria em Lion.

A carta a seguir, que nos familiariza diretamente com esses fatos, não revela nem a data exata nem os nomes das pessoas que participaram, não havendo ata da eleição.

Mas o fato de a eleição ter sido incontestável, Colin, já como Superior, ansioso, sobretudo, para manter a unidade do trabalho, dirigiu as seguintes palavras a seus confrades:

Belley, 22 de outubro de 1830.

Meus queridos confrades,

Que as bênçãos, a paz e a misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com vocês. Deixamos de lhes escrever há muito mais tempo do que imaginávamos. Não por esquecimento, pois vocês estão em nossos pensamentos todos os dias e muitas vezes ao longo do dia, mas em razão de um sentimento de confusão e espanto com a escolha que não tínhamos motivos para esperar e que só pode causar prejuízos ao projeto que todos aspiramos e pelo qual sentimo-nos pessoalmente prontos para sacrificar tudo, se essa for a vontade de Deus e de Maria, nossa Mãe. O que nos consola, no entanto, é que escolha de vocês é provisória e que, em outra reunião, o Senhor vai lhes mostrar outro que Ele destinou desde toda a eternidade para dirigir esse piedoso empreendimento para sua maior glória e para a salvação de cada um de nós.

Enquanto isso, estimados coirmãos, vamos nos amar unidos como um só corpo, cuja cabeça é Jesus Cristo. Que não haja entre nós disputas nem quaisquer desses tipos de contrariedade que, embora não comprometa a caridade, estraga sua doçura. Sem sermos religiosos, devemos tentar aprender as virtudes do religioso, acostumar-nos a amar a pobreza como a nossa mãe, e humildade e obediência segundo o exemplo de Jesus e Maria, nossos modelos divinos. Essas virtudes, tão necessárias aos religiosos, tornar-se-ão para nós fonte infalível daquela paz que os filhos de Deus apreciam mesmo aqui na terra. É principalmente no noviciado que os noviços são formados para a virtude. Vamos todos nos considerar noviços e, tendo o mérito da obediência, escolher aquele entre vocês para assumir a liderança de todos. Vocês poderiam levar em conta a idade. Lembremo-nos de que o mérito é encontrado muito menos no mandamento do que no ato de dependência e que o homem mais feliz não é quem comanda, mas quem que obedece por amor de Deus. No devido tempo e por meio, eu lhes enviarei o plano da Sociedade, que poderá ser comunicado às pessoas que desejarem se agregar a ele e, para vocês, um resumo das regras práticas para o presente. Atualmente estas são nossas práticas em Belley: Dormimos cerca de sete horas por noite; rezamos três Aves Marias e o Sub Tuum ao dormir e ao acordar; rezamos ao anoitecer e pela tarde e meditamos em comum; também recitamos o Ofício juntos e em tempos preestabelecidos; todos os dias os Padres têm uma conferência sobre Teologia quando estão em casa.

Quanto ao envio dos Padres e do grupo de missionárias à Cotê-St-André, na diocese de Grenoble, se você não encontrar dificuldade, tomaremos providências para resolver isso e comunicar àquele Padre [Pe. Douillet]. Mas precisamos manter que esses Padres são dependentes da Casa Mãe de Lion e também que o grupo de missionárias integra a nossa Sociedade com os outros membros.

Quanto ao resto, deixamos sob o critério de sua prudência. Se algum de vocês tiver a oportunidade de encontrar o bispo de Grenoble, não tema em informá-lo sobre nosso objetivo e os planos de nossa Sociedade.

Aos Padres de Belley, que estão especialmente vinculados a você, transmita-lhes um abraço afetuoso. Fazemos o mesmo especialmente em relação aos Padres Bourdin e Séon, que não vemos há muito tempo.

Enchemo-nos de coragem e coloquemos nossa plena confiança em Jesus e Maria. Não permitamos que qualquer problema ou desânimo invada nossas almas. O tempo está chegando quando nossa união vai se tornar ainda mais perfeita na terra e eterna no céu.

*A todos o nosso afeto especial,
Seu servo muito dedicado,
Colin, Superior.⁷*

Esta importante carta mostra Colin relutante em aceitar a posição de superior do grupo. Mas, ao mesmo tempo, para o bem da Sociedade de Maria como um todo, ele conscientemente exerce seu poder como líder. O emprego de “nós” — “plural majestático” — mostra um aspecto de quem assume a liderança; as orientações que dá para a expansão na diocese de Grenoble também manifesta isso. Ademais, suas exortações espirituais estão definitivamente alinhadas com o papel de superior.

Deve-se notar que a referência a Bourdin e Séon, “*que não vemos há muito tempo*”, é indicativo de que talvez eles não estivessem presentes na eleição para superior central.

Destaque-se também que os padres Maristas aspirantes de Lion e Belley estavam assumindo trabalhos apostólicos semelhantes. Os padres

de Belley estavam envolvidos em missões paroquiais e no ensino secundário do seminário menor. E agora, começando com Pompallier e Bourdin, os padres Maristas residentes em L’Hermitage estavam empenhados na direção de retiros e missões paroquiais e na “formação” dos Irmãos de Champagnat para a vida religiosa e para o apostolado escolar.

Pouco depois de seu retorno a L’Hermitage, o grupo de Lion reuniu-se para eleger o Superior-Provincial. Passaram cinco dias em oração, reuniões e diálogo antes de promover a eleição. As Atas desses procedimentos foram preservadas — a primeira cópia conhecida de um encontro dos padres Maristas aspirantes. Uma síntese de regras para a vida comunitária também foi elaborada, provavelmente por Pompallier. Os jovens sacerdotes elegeram o membro mais velho, o experiente Champagnat, como seu líder — e

⁷ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 221.

isso apesar de suas múltiplas atividades com a congregação cada vez maior de Irmãos professores.

Um mês após escrever a seus confrades de Lion, Collin entrou em

contato com Champagnat novamente sobre um tema que mais tarde provocaria muita dor de cabeça: a situação de Valbenoîte.

Assim ele escreveu:

Belley, 24 de novembro de 1830.

Meu estimadíssimo confrade,

Fiquei muito contente por receber sua carta, bem como do Pe. Bourdin. Cremos que seus acertos com o pároco de Valbenoîte (Pe. Rouchon) favorecerá nosso projeto. Os empreendimentos submetidos a tempestades costumam ser mais sólidos e estáveis. (Esta é uma referência às incertezas da situação política da França da época, e não a algum problema referente aos mencionados acertos). ...

Se me for possível, desejo ir a L'Hermitage. Que prazer será poder vê-los todos e conversar sobre diversos assuntos relativos à nossa Sociedade. Peço que me informem a semana em que todos estiverem presentes. Mas não quero impor nada a respeito.

Quanto mais examino, mais dificuldades encontro em ser capaz de elaborar para vocês uma síntese das Regras pela seguinte razão: todos deveríamos lê-las e discuti-las para assim evitar sérios inconvenientes mais tarde. Vejam se isto não está certo.

Creio que as regras semanais, mensais e anuais, bem como os exercícios diários, serão suficientes para vocês por enquanto. Novamente, elas não serão praticáveis a menos que a comunidade esteja presente. Escrevo apressadamente porque nosso Retiro está para começar e tenho tempo apenas para informar que creditei a vocês 600 Missas.

Escrevi uma longa carta para o Pe. Cholleton. Se eu puder ir a L'Hermitage, espero poder vê-lo. Seus confrades de Belley enviam um abraço, assim como eu.

Seu mui dedicado servo,

Colin, Superior.

P.S.: Esqueci-me de dizer que penso em renovar nossa correspondência com o antigo Núncio de Paris, atualmente Cardeal. Mas falarei disso depois.⁸

O aludido prelado é Vincenzo Macchi, designado Cardeal em 2 de outubro de 1826. Parece óbvio que Colin esperava conseguir a aprovação da Sociedade de Maria com o apoio desse antigo contato.

Quanto ao Pe. Rouchon, os Maristas de L'Hermitage tinham sido anteriormente orientados pelo Vigário Geral Cattet para enviar um de seus membros para ajudar Rouchon no período da Páscoa em Valbe-

⁸ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M.1, Doc. 222.

noite. Rouchon esperava vincular os Maristas a ele próprio de modo mais estável, o que mais tarde conseguiu fazer, com grande dissabor, por diversas razões, de Champagnat.

Duas semanas depois a carta de Colin do final de novembro, outra chegou às mãos de Champagnat e dos demais Maristas de L'Hermitage:

Belley, 6 de dezembro de 1830.

Estimadíssimos confrades,

... Não poderei viajar agora para L'Hermitage: 1. Porque soube que os padres ainda estão impedidos. 2. Porque nossa casa precisa de minha presença nesse momento de dificuldade. 3. Porque, em razão de um aspecto importante, minha viagem não traria o resultado por mim esperado. ... Peço que me acreditem em mim, contudo, que não tenho menos entusiasmo do que vocês de poder fazer esta viagem e conferenciar com vocês. Não creio que seja aconselhável enviar a síntese das regras. Refletindo cuidadosamente, penso que deveríamos discuti-las em assembleia todos juntos. A Providência propiciará uma oportunidade. Vamos sempre nos encher de coragem, pois muito em breve vamos conseguir tempo para expandir mais o nosso trabalho. Agindo juntos, vocês serão recompensados pela obediência e assim uma grande união reinará entre todos. Parece-me que não é ainda hora de nos estabelecer em Valbenoite: vocês talvez se sentirão mais seguros em L'Hermitage. Consultem o Senhor com atenção. Ainda não é hora de ação, mas de desenvolvimento das virtudes religiosas e especialmente de uma grande abnegação. Não vamos ainda dizer nada sobre o que aconteceu em nossa última reunião em Belley. A escolha foi feita apenas entre nós, mas com o tempo deve se tornar óbvia para nossos superiores. Escrevi ao Pe. Cholleton e lhe transmiti a necessidade para a Sociedade de ter um local central. Ele respondeu de modo muito satisfatório. Sua carta me confortou e me encorajou bastante. Lion não colocará nenhuma dificuldade nisso, mas eles avisam para adiar por causa da época que vivemos. Se alguém aparecer, façam o que for possível para acolher. Quanto a nós, também receberíamos algumas pessoas se tivéssemos lugar no seminário. Nossos padres enviam um abraço. Eles estão cheios de coragem e boa vontade. Faz muito tempo desde a última vez que vi o Pe. Bourdin e mais ainda o Pe. Séon. Que alegria seria pra mim se pudesse estar em L'Hermitage! Mas essa alegria precisa ser adiada. Pretendo escrever ao Cardeal Macchi, o antigo Núncio de Paris. Rezamos por aquele assunto especial: unam-se a nós em oração. Deixo-os nos Corações de Jesus e Maria, e sou, com o mais sincero afeto e dedicação,

*Seu mui humilde e obediente servo,
Colin, Superior.*

P.S.: Ao nos propiciar Missas, prestam-nos um serviço. Peço que deixem o dinheiro com Madame Goiffon, uma Irmã se São Charles, Superiora de um refúgio da paróquia de S. Nizier, Rua 4 Chapeaux, n. 12, comunicando a mim por carta.⁹

⁹ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 225.

Esta carta mostra que o anticlericalismo predominava após a revolução de 1830. Os padres ainda não podiam circular com segurança pelas ruas. Para os Maristas, isso culminou com a inspeção oficial de L'Hermitage em julho de 1831. O magistrado que conduzia a busca de armas e de evidências de tropas reais treinadas era inflexível — exceto pela admiração na estrita cooperação Champagnat nessa busca infrutífera.

A menção no post-scriptum do dinheiro das “Missas” refere-se ao costume oferecer ajuda financeira para a celebração de missas para os falecidos. Levando em conta o desastre das Indulgências que dividiu a Igreja no século XVI, precisamos oferecer alguma forma de explicação para essas despesas. A justificativa recai no pagamento, não tanto pela Missa em si, mas pelo tempo do padre e o uso das instalações e materiais. É óbvio que Colin, cujos confrades recebiam pouco pelos pagamentos das Missas durante as missões pelo interior, era grato pelo apoio financeiro oferecido pelos irmãos mais bem situados em regiões bem povoadas.

Parece que Colin estava alheio ao fato de que, no momento da sua carta, seus confrades da arquidiocese de Lyon reuniram-se para elaborar o regulamento e eleger um superior regional. Também parece óbvio que as

regras estabelecidas em L'Hermitage não entravam nos planos de Colin, que queria “discuti-los em assembleia com todos juntos”.

Na arquidiocese de Lion, o arcebispo e seu Conselho, tendo sido informados sobre a eleição de Champagnat como líder da comunidade dos padres de L'Hermitage, acelerou a indicação do Diretor de L'Hermitage como Superior da Sociedade de Maria em Lion. Foram, contudo, bastante cuidadosos, evitando qualquer menção sobre a eleição. No entanto, o Conselho reconheceu em termos explícitos a existência da Sociedade de Maria e de sua designação, ao mesmo tempo, indicando ao mesmo tempo um Superior:

Todos os padres e Irmãos de Maria hão de obedecê-lo como a um pai... Em verdade, deverão cultivar esses sentimentos de pai todos os que se tornarem membros da Sociedade.¹⁰

Em Lion, vislumbres do reconhecimento arquidiocesano foram se abrindo para os Padres Maristas. Em Belley, no entanto, os maristas não recebiam nenhum desses sinais de esperança em seus corações.

Logo depois, em janeiro de 1831, o Pe. Séon, anteriormente em Charlieu, foi nomeado (pela arquidiocese) coadjutor na paróquia de Valbenoîte, perto de St Etienne. Pe. Rouchon, pároco, havia adquirido a antiga abadia cisterciense de Valbenoîte em 1817.

¹⁰ Carta do Pe. Cattet ao Pe. Champagnat 18/12/1830 O.M. 1, Doc. 226, Linha 22-26.

Ele ofereceu essa propriedade aos Maristas sob a condição de que lhes enviassem padres.

Ele estava interessado em entrar para a Sociedade, mas Colin o dissuadiu. A designação de Séon foi seguida pela do P. Fontbonne, fundando assim uma segunda comunidade marista na arquidiocese (em Valbenoîte).

A carta de Cattet para Champagnat nessa ocasião também anunciava que Pe. Chanut permaneceria em L'Hermitage e Pe. Bourdin tinha a permissão para se transferir para Belley durante dois anos para ensinar Humanidades no seminário menor. De fato, mas não formalmente, a arquidiocese se encaminhava para reconhecer o ramo dos padres e o caráter supra diocesano da Sociedade de Maria.

Colin entrou novamente em contato com Champagnat no dia 25 de janeiro de 1831. Evidentemente, respondia a uma carta de Champagnat na qual o novo Superior em Lion informava o Superior central várias coisas: a eleição em Lion que acontecera em dezembro, as regras para a comunidade de Lion e a designação de Séon para Valbenoîte. A resposta de Colin ratificava essas diversas iniciativas, mas não sem fazer alguma reticência da parte de Colin em relação às regras elaboradas em L'Hermitage, aceitas apenas provisoriamente. Com essa carta, a normalização da situação judicial dos dois grupos estava completa, exatamente um ano após os convites preliminares para indicar um local central de integração. A carta contém muitas passagens de exortação espiritual nesse período quando se tornou o superior. Eis a correspondência:

25 de janeiro de 1831.

Meu estimadíssimo confrade,

...Ficamos bastante tranquilos por ter assumido a indicação para Valbenoîte. Os empreendimentos realizados em tempos de tormenta são em geral mais duráveis porque são geralmente fundados na grande confiança de Deus. Ficamos ainda mais tranquilos porque a escolha de um superior foi realizada entre todos vocês. Isso propiciará que se formem no exercício da obediência. Espero também que em breve teremos a oportunidade de passar alguns dias entre vocês, e então, todos juntos, definir uma Regra comum. Enquanto esperamos, envio uma proposta que imaginei para a glória de Deus e para a salvação de nossas almas.¹¹

Colin não conseguiu visitar os Maristas de L'Hermitage, ansioso para

saber qual seria o Superior central. Em vez disso, ele lhes escreveu tentando

¹¹ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 227, Linhas 13-23.

inspirá-los para manter constante seu zelo e devoção no trabalho de Maria:

Belley, 6 de maio de 1831.

Estimadíssimos confrades,

...Sejamos pacientes. Em junho, se as condições nesses tempos difíceis não impuserem obstáculos, teremos o prazer de vê-los e abraçá-los. Nesse ínterim, isso me parece mais útil e mais de acordo com Deus no tempo presente. Creio que durante o mês de maio vamos suspender todo tipo de projetos e não pensar mais em outras fundações. Deixemos de lado toda preocupação e todo tipo de ansiedade de nossos corações. Pensem apenas no tempo presente e deixem de lado toda preocupação com o futuro. Portanto, se me permitirem dar um conselho, ofereçamos esse ato de obediência em honra da Bem-aventurada Virgem Maria. Encontraremos aí nossa vantagem e da Sociedade. Vamos evitar inclusive falar sobre nossos piedosos projetos. Vamos reservar todo esse mês para nos desenvolvermos nas virtudes. Vamos nos oferecer sem cessar à Santíssima Virgem para trabalhar para a glória de seu Divino Filho e para o seu próprio. Agradeço sua grande gentileza para nos propiciar o resultado das Missas; vamos reservá-lo para nós todos.

Rezo para que implorem a Deus, conosco e com nossos caros confrades, para a necessária inspiração para a apresentação que pretendemos fazer na corte Romana. Poderíamos dizer, o 'Veni Creator' e a 'Ave Maris Stella'. ...

*Seu mui dedicado servo,
Colin.¹²*

Em agosto, Colin ainda não havia visitado os Maristas de L'Hermitage na arquidiocese de Lion, mas uma carta desse mês fala de sua próxima iniciativa:

Belley, 9 de agosto de 1831.

Meus estimadíssimos confrades,

... Finalmente está chegando o tempo quando poderemos vê-los em L'Hermitage. ... Ontem, recebemos uma carta de Roma em nome do Cardeal Macchi, antigo Núncio em Paris. Essa carta nos agradou. Sua Eminência nos convida para continuar nosso trabalho com zelo e empreender a jornada a Roma para falar com Sua Santidade. Ele nos promete proteção para o sucesso de nosso empreendimento. Essa jornada, todavia, não será possível fazer por enquanto. Há muita coisa para finalizarmos juntos antes do dia de Todos os Santos.

¹² Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 227, Linhas 13-23.

Pensamos em realizar um Retiro juntos em Belley. Convidaremos para isso todos os confrades da diocese de Belley que solicitam para ser recebidos e que parecem concordar conosco. Desejamos também intensamente ver todos vocês; isso é muito importante. Mas falaremos disso juntos em L'Hermitage.

Queremos que estejam em nossa casa no próximo ano apenas professores admitidos na Sociedade e pretendemos propor à casa um novo horário — em conformidade com nossos propósitos. ... Não sei se alguns de vocês querem assumir aulas; nesse caso, podemos obter permissão de Lion. Vamos redobrar nossas orações, meus mui estimados confrades. É em épocas de tempestade que os trabalhos de Deus são mais sólidos. (Esse é um tema muito caro para Colin.) É nesse momento que a coragem, que só encontra sua força em Deus, torna-se mais forte, mais cara. ...

*Sou, com a mais terna afeição, seu muito dedicado confrade,
Colin.*

P.S. Minhas saudações calorosas para Pe. Terraillon. Que prazer sentirei ao revê-lo e abraçá-lo novamente!¹³ Não o considero um desertor.

Falando de Terraillon, Colin de fato não o considerava um desertor perdido para a Sociedade. Embora demonstrando a mesma esperança, Champagnat não hesitou em entender como deserção o modo como Terraillon saiu de L'Hermitage em 1826.

Em novembro de 1831, a situação em Lion mudara. Um segundo Marista, Fontbonne, foi indicado pela arquidiocese de Valbenoîte (em setembro), assim uma segunda comunidade de Maristas fora instalada na arquidiocese. Colin então escreve para Champagnat pedindo orações para a solução do problema:

Belley, 7 de novembro de 1831.

*Meu estimadíssimo confrade,
Não lamento as pequenas contradições que você vem enfrentando: o trabalho da Bem-aventurada Virgem Maria avança apenas superando cruzes e sofrimentos. Portanto, fique feliz. Devemos passar por períodos muito difíceis. Seremos inicialmente menosprezados, às vezes até caluniados, antes de nos estabelecermos com solidez. A questão Valbenoîte é importante para os interesses da Sociedade. Aconselho-o a se recomendar a Deus de modo especial. Faça uma novena para essa intenção, isto é, para saber a vontade de Deus. Que todos os Irmãos da casa façam essa novena.*

¹³ Carta do Pe. Colin aos seus confrades em L'Hermitage, O.M. 1, Doc. 233.

De nossa parte, estamos rezando a Deus para saber os desígnios da Providência a respeito desse assunto. ...

A administração de Lion parece bem disposta a respeito do projeto. Acabaram de indicar Pe. Bordan, diácono, como professor. Você pode então perceber que, enquanto de um lado a Providência nos testa, de outro Ele nos consola. ...

Envio um abraço ao Pe. Pompallier e a todos os seus confrades, e me recomendo em seus Santos Sacrifícios.

*Sou, com o maior afeto, seu mui humilde servo,
Colin, Superior.*

P.S. Saúde em meu nome todos os seus bons Irmãos.¹⁴

Uma segunda carta de Colin (31 de dezembro de 1831) causou muita consternação entre os padres de L'Hermitage e Valbenoite. Tendo sido eleito superior central um ano antes, Colin pensava em implementar o que ele considerava ser o melhor para seus confrades da arquidiocese de Lion. Temia que o grupo de padres pudessem subordinados ao trabalho dos Irmãos e não pudessem adquirir

uma autonomia e identidade próprias. Colin decidiu então separar os líderes dos Irmãos e dos padres. Champagnat manteria a autoridade sobre os irmãos e outro seria eleito pelos padres. Este é o conteúdo desta carta e a proposta que provocou muita perturbação.

Eis as partes da carta enviadas a Champagnat:

Belley, 31 de dezembro de 1831.

Meu estimadíssimo confrade,

... Desde o dia de Todos os Santos rezamos a Deus para nos iluminar e nos fazer compreender o que seria o melhor para Sua glória. Após analisar bem a matéria em questão e tendo nos aconselhado com nossos confrades de Belley, cremos que chegou a hora para dar maior estabilidade e força à Sociedade da diocese de Lion, de modo que, em tempos mais favoráveis, seja possível ampliar e assim ajudar mais os fiéis. Até agora, pensamos que o grupo de missionários devem ser separados do grupo dos Irmãos e que cada grupo tenha seu superior específico. Isso resultará em grande benefício para cada grupo. Se, contudo, após aconselhamento com seus confrades de Lion, especialmente mais experientes, você não encontrar nenhum obstáculo nossa proposta, peço-lhe que proceda à eleição de um superior para o grupo dos missionários de Lion. ...

¹⁴ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 239, Linhas 5-10, 20-23, 27-32.

Iniciaremos três dias de oração e jejum pela intenção de saber a vontade de Deus. Então, todos se reunirão em Assembleia em L'Hermitage para recolher os votos. ... Pe. Terraillon será considerado membro da Sociedade e votará como os outros. (Com cerca de outros dezoito, Terraillon fez o Retiro Marista em Belley em setembro de 1831 e, com eles, assinou o Ato de Consagração à Bem-aventurada Virgem Maria ao final do Retiro). Agradeço pelas Missas enviadas. Pode ficar com o dinheiro; espero poder pegar o dinheiro eu mesmo quando tiver a honra de vê-lo.

A carta é finalizada do modo costumeiro. Em um *post-scriptum*, Colin comenta:

Aconselho que a eleição seja realizada o quanto antes. Mais tarde informaremos aos superiores de Lion dessa escolha e discutiremos os modos de oferecer uma nova estrutura ao grupo de missionários.¹⁵

Dessa vez, Colin calculara erradamente. Apenas um ano antes, os Maristas de Lion passaram cinco dias de oração para estabelecer uma Regra de vida e um líder eleito. Líder que foi nomeado — não meramente aprovado — pela arquidiocese. Eles estavam aborrecidos com as orientações de Colin e não demoraram muito para demonstrar isso. Ao final, ele comentou: “Se vocês não encontrarem nenhum obstáculo à nossa proposta...” Certamente eles encontraram!

Enfrentando “obstáculos” e protestos, Colin teve a presença de espírito e a sabedoria de distinguir as questões. No entanto, ele não mudou seu ponto de vista, pois pretendia consultar as autoridades de

Lion (que nomearam Champagnat como Superior) e com Pe. Rouchon de Valbenoîte, cuja oferta de sua propriedade era muito tentadora, não apenas pelas instalações da abadia, mas também por que essa acomodação daria aos padres Maristas maior alcance em seu trabalho apostólico e mais autonomia em relação aos compromissos com L'Hermitage.

Em sua sabedoria, Colin decidiu que iria ser prudente não abordando esse problema naquele momento em particular. Endereçada a Champagnat, mas pretendendo atingir todo o grupo de padres, a carta conciliadora de Colin referindo-se ao tema de um novo Superior em Lion é datada de 3 de fevereiro de 1832:

¹⁵ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. Vol. I, Doc. 241, Extratos.

Belley, 3 de fevereiro de 1832.

Meus estimadíssimos confrades,

Não sei como vocês entenderam minha proposta referente à eleição de um superior para o grupo de missionários na diocese de Lion. Meu interesse nesse trabalho, o desejo de conseguir estabilidade e evitar maiores dificuldades mais adiante — foi apenas isso que motivou minha sugestão. Tenho certeza de que não ofendi nenhum de vocês. Certamente essa não foi minha intenção. Precisamos preservar os laços que nos unem e evitar tudo o que venha prejudicar o sucesso de nossa Sociedade pela qual fizemos tantos sacrifícios.

Não devemos nos surpreender ao constatar que Pe. Rouchon pense de modo diferente de nós. Por outro lado, não devemos nos opor a ele ou afligi-lo, sem, contudo, desviar de nossa finalidade ou modificar nossos sentimentos. Mas devemos considerar sua idade e mostrar todo o nosso respeito por ele. Creio que seria melhor que Pe. Rouchon não se tornasse membro de nossa Sociedade, pois seria difícil para ele aceitar nossas ideias e concordar em depender dos mais novos que ele. (A assinatura de Rouchon, contudo, aparece na Consagração à Bem-aventurada Virgem Maria de 8 de setembro de 1831). Mas, como ele pretende fazer um bom trabalho, parece-me que ele poderia oferecer aos missionários os apartamentos que ele tem disponíveis. Os missionários poderiam ajudá-lo com seu ministério em sua paróquia e nas proximidades. Nesse caso, seria fácil para vocês se reunirem em Valbenoîte e escolher entre vocês um superior e um vice-superior. Ainda me arrisco a dizer-lhes que, se as coisas acontecerem dessa forma, não temeria em vir e passar algum tempo com vocês para ajudar a promover em Valbenoîte os mesmos procedimentos e o mesmo espírito de Belley. Enquanto isso redobrem suas orações com um espírito de humildade e caridade.

Nós aqui ainda pensamos que o grupo de padres Maristas ganhará alguma estabilidade enquanto estiver na casa dos Irmãos; que o superior dos Irmãos não pode ser superior dos padres; e que a primeira coisa que você deve fazer é verificar, quando chegar a hora, em que lugar os padres missionários deveriam se reunir e quem será aquele mais adequado para assumir sua liderança. Eis, meus caros confrades, o que eu ainda não ousa nem jamais ousarei resolver sem o consentimento e orientação dos superiores de Lion. Permaneçam, portanto, todos vocês, como estavam até agora, subordinados ao Pe. Champagnat até nova ordem. Espero em breve me entrevistar com o Pe. Cattet V.G., e então conversar com Pe. Rouchon sobre esses assuntos e fazer algumas propostas a ele. Mas, até lá, permaneçam em paz e continuem na formação para a virtude íntegra e o necessário conhecimento para um missionário. Aceitemos a graça da humildade e do sofrimento por Jesus e Maria. Que as perspectivas temporais nunca nos influenciem em nossa conduta. Acolhamos a glória de Deus, permitamos que apenas o bem da Sociedade conduza nossos passos e esforços. Deus é suficientemente rico; Ele nos propiciará tudo o que precisarmos.

Quanto à disposição referente aos Irmãos Maristas e de S. José, dos quais falamos, nós, aqui em Belley, pensamos que haverá apenas um grupo de Irmãos, e que seu conjunto será composto dos dois grupos de Irmãos, Maristas e de S. José. Aqueles que foram aceitos como Irmãos de S. José nunca poderão ser Irmãos Maristas; o trabalho para o qual foram designados estabelecerá a distinção entre ser Irmão Marista ou Irmão de S. José. Veremos mais tarde se este segundo grupo deve apresentar o mesmo hábito religioso. Entretanto, examinaremos isso mais adiante.

No momento oportuno de fundar em Belley um estabelecimento para Irmãos, ficarei feliz em lhes comunicar. Dei uma resposta favorável ao Pe. Douillet. Se tiverem a oportunidade de viajarem à diocese de Grenoble, ficarei grato se pudessem obter alguma informação sobre as Irmãs da Sociedade de S. Clair. Conversem com elas, descubram a que grupo elas estão associadas e se ainda estão interessadas na Sociedade de Maria.

As dificuldades enfrentadas e que parecem se opor à sua organização me consolam e me encorajam, tornando-se para mim a prova de que nosso empreendimento pode ser da vontade de Deus na medida em que apresenta a mesma natureza de Suas obras.

Meus confrades e eu enviamos nosso abraço a todos vocês em Cristo e Maria, e eu sou, com grande afeto, seu dedicado servo e confrade,

Colin, Superior.¹⁶

Esta carta manifesta a determinação de Colin de promover a separação ao menos de alguns dos Maristas de Lion de L'Hermitage e de eleger um novo líder para o grupo de Lion. Suas palavras, "*Tenho certeza de que não ofendi nenhum de vocês*", claramente demonstram insensibilidade em relação a Champagnat, que fora não apenas eleito por seus pares como Superior, mas também recebera a nomeação das autoridades arquidiocesanas.

Talvez a longa convivência de Colin com Champagnat deu a ele a certeza de que Champagnat era humilde e generoso o bastante para aceitar as mudanças que Colin estava adiando, mas que pretendia implantar. Alguém poderia supor que "*Aceitar a graça da humildade*" era um sentimento fortemente assumido

por Champagnat: ele certamente tivera oportunidade de praticar a humildade.

Nesta carta, temos a primeira referência escrita sobre outro grupo de Irmãos além dos Maristas, um grupo destinado a tarefas materiais, não ao ensino. Esses Irmãos foram previstos na época do Acordo de Fourvière, e o aumento no número de padres em Belley tornou necessário organizar esse grupo de Irmãos auxiliares que Colin estava tentando integrar no plano geral da Sociedade com o risco de provocar alterações no Instituto de Champagnat. Esse é um tema destinado a causar atrito no futuro.

Quanto à sugestão referente à possível viagem de Champagnat à diocese de Grenoble, há evidências

¹⁶ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 242.

suficientes sobre a falta de interesse, e de conhecimento, de Colin sobre os assuntos relacionados a Courveille desde 1826. Desconhecendo completamente sobre as Irmãs de S. Antoine, Colin acredita que elas ainda estavam em S. Clair, onde Marie Jotillon, a primeira companheira de Jeanne Marie Chavoïn,

vivera durante vários anos, ajudando na coordenação da escola local. Marie Gardet, a terceira recrutada, também estivera com Marie Jotillon em S. Clair.

Jean-Claude Colin tratou dos tópicos mencionados na seguinte carta escrita em abril:

Belley, 8 de abril de 1832.

Caríssimo confrade,

... Estive aguardando que você tivesse decidido com o Pe. Cattet se seria aconselhável ou não definir o grupo de padres em Valbenoite ou outro lugar; que tivesse feito alguma proposta ao Pe. Rouchon e, a partir de suas respostas, tivesse verificado se seria possível pensar em Valbenoite neste momento. Se eu tivesse previsto que você não faria nada, teria me empenhado em ver Pe. Cattet no momento de sua partida e o teria acompanhado a L'Hermitage. ... Arrisco-me a lhe dizer que viajei a Lion exatamente para falar com ele, mas, sabendo que você me precedeu em alguns dias para vê-lo, voltei sem o encontrar com receio de entrar em desacordo com você. ... Desde então coloquei o assunto nas mãos de Deus.

Parece-me ainda que a primeira coisa a fazer é organizar o grupo de padres em Lion. Em sua posição atual, com alguns em Valbenoite e outros em L'Hermitage com os Irmãos, muitos de vocês correm o risco de elaborar falsas ideias sobre o trabalho e talvez perder a vocação Marista.

Quanto aos Irmãos denominados 'de S. José', minha intenção seria a de unir esse grupo ao seu, de modo que ambos os grupos, juntos ou separados, dependessem do mesmo Superior.

Restringiríamos assim nosso plano e talvez o tornássemos mais fácil. Mas se seus Irmãos não quiserem concordar com essa proposta, ou se houver dificuldades com ela, formaremos o grupo de S. José em Belley. Já tenho cinco ou seis disponíveis aqui comigo. Se você pudesse nos enviar ao menos um irmão mais experiente, cheio de virtude e dedicação, nós o colocaríamos por enquanto na coordenação do empreendimento.

Não seria aconselhável que os Irmãos, envolvidos em trabalhos manuais nas escolas ou outras obras da Sociedade, adotassem o hábito que você deu aos Irmãos Maristas. Seu hábito deve ser algo muito simples e confortável para sua ocupação. Mostre minha carta a seus confrades e ao Pe. Terrillon e me envie sua última resposta. Não considero o momento atual como um obstáculo ao nosso empreendimento.

A Irmã Superior de Bom Repos poderá receber duas ou três pessoas que você indicar. Ela concorda com sua opção; você pode protelaras demais indicações.

Seus confrades de Belley enviam um abraço com todo o seu coração, bem como esse que lhe escreve e que é, com grande estima, seu mui humilde e obediente servo,

Colin, Superior.17

Parece não haver evidência de que Champagnat foi autorizado por Colin para falar com Cattet sobre a situação de Valbenoîte nem sobre a reestruturação dos Maristas na arquidiocese. Com já fizera anteriormente, Champagnat não tomou nenhuma iniciativa a respeito, talvez esperando que o tempo e a ação da Divina Providência trouxessem uma feliz conclusão a esse problema sem sua intervenção. Ao contrário do Sr. Micawber, que estava sempre “esperando que algo acontecesse”, Champagnat estava esperando que nada acontecesse!

É evidente que Colin estava determinado a conseguir resolver o caso de Valbenoîte e também da posição da liderança Marista na arquidiocese de Lion, mas estava preparado para esperar por uma ocasião propícia. Nesse momento ele esclarecia suas ideias sobre seus “Irmãos de S. José” e os Irmãos professores de Chapagnat. Suas ideias absolutamente não confortaram Champagnat e os Irmãos Maristas,

que previam todo tipo de dificuldade resultante das ideias de Colin. Foi Champagnat que com mais firmeza apoiou um Superior central, e agora ele estava encontrando dificuldades com esse mesmo Superior. Assim como no caso da liderança de Courveille, agora era com Colin na liderança que muita dor de cabeça e inquietação atingiria o fundador dos Irmãos Maristas.

O plano de Colin de unir dois grupos de Irmãos subordinados a um superior levantaria a oposição dos Irmãos de Champagnat na medida em que colocava em questão a própria estrutura do Instituto dos Irmãos Maristas. Do mesmo modo, o conceito de dois hábitos diferentes para os Irmãos não encontraria apoio entre os irmãos de Champagnat.

Esta parte da carta relativa às Irmãs Maristas revela o fato de que a casa das Irmãs não estava plenamente ocupada (Colin não estava particularmente entusiasmado com a expansão das Irmãs Maristas). Ela

¹⁷ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 246.

La Capucinière foi assumida no começo de novembro de 1832 em troca (com o bispo Devie) da propriedade deixada ao Pe. Colin por seu falecido amigo, Pe. Pichard. Esta casa em Beley e Valbenoîte para a arquidiocese de Lion eram duas casas reservadas para padres Maristas.

também mostra a campanha ativa de Champagnat para recrutar mulheres para a congregação das Irmãs.

Uma carta de Pompallier a Champagnat, datada de 2 de maio de 1832, faz uma referência entusiasmada das três missões paroquiais coordenadas por dois padres de L'Hermitage — Pompallier e Forest. Mostra também que os Maristas de Lion e aqueles de Belley, nessa etapa de seu desenvolvimento, estavam engajados em apostolados similares — missões paroquiais e educação.

Ambos os grupos estavam ativos nas missões paroquiais diocesanas e, enquanto os padres Maristas em Belley ocupavam-se da escola do seminário menor, outros padres Maristas de Lion estavam em L'Hermitage, formando os candidatos a Irmãos Maristas.

Um ano após seu pedido para a eleição de um novo superior para os padres das arquidiocese de Lion, Colin obteve uma resposta positiva. Séon, agora residindo em Valbenoîte, foi eleito e então aprovado pelo Arcebispo de Pons. Colin escreveu sobre isso a Champagnat, o antigo Superior:

Belley, 13 de novembro de 1832.

Meu estimadíssimo confrade,

Recebi suas duas cartas em tempo. Acolho suas censuras por meu atraso em responder, mas não queria interferir de modo algum em seus arranjos, e isso em respeito às intenções dos superiores de Lion.

Acabei de receber uma carta do Pe. Séon, superior dos padres em Valbenoîte, que me diz que tudo está completo e que os superiores em Lion deram a sua aprovação. Não sei como dizer-lhe como sou grato a Deus. São admiráveis, caríssimo confrade, os modos como a Providência imperceptivelmente atinge seus objetivos.

Não nos esqueçamos de agradecer humildemente a Jesus e Maria por isso. Essa separação de seus Irmãos será talvez dolorosa para você, mas é parte dos desígnios do Senhor: Embora separados de corpo, estarão ligados de espírito. Que a maior união se estabeleça entre todos nós, qualquer que seja o ramo da Sociedade a que pertencamos e, como membros do mesmo corpo, estejamos sempre preparados de nos apoiar, encorajar e ajudar mutuamente. Consideremo-nos como filhos da mesma Mãe, a gloriosa Maria, e possa o coração dessa terna Mãe tornar-se o vínculo que nos une a todos.

Creio que minha carta chegará antes de sua separação. Se me permitirem, direi isso a todos vocês. Meus caríssimos confrades: realizem sua tarefa; façam com que os desígnios do senhor coincidam com os seus; considerem Pe. Séon como outro Jesus Cristo entre vocês; conforthem-no no problema inseparável de ser Superior por sua docilidade, cordialidade, etc.

Estamos aqui também na casa do noviciado. Somos apenas três, com cinco Irmãos; os outros estão trabalhando no seminário. Não consegui deixar o seminário, mas as duas casas se integram em uma. Não posso viajar para Bordeaux agora. Não sei se conseguirei fazer isso ainda este ano. Exorto-os vivamente a fazê-lo, se for possível. Neste caso, façam todas as perguntas possíveis. Acabo de receber uma carta do pe. Chaminade, Superior da Sociedade de Bordeaux, na qual nos convida, e me diz que estará em Agen durante algum tempo e que poderíamos encontrá-lo lá.

Penso agora que está nos desígnios da Providência prestar serviço ao Sr. Collard e seus associados pelo Pe. Pompallier.

As Irmãs de Bom Repos estão prontas para promoverem a fundação do estabelecimento em S. Chamond se os superiores permitirem. Confirmam isso, por favor, com o Pe. Terraillon e encaminhem este pedido. Uma das jovens senhoras apresentadas vieram a Belley; as Irmãs a acolherão. Quanto às outras, devem esperar, pois não há mais lugar em Bom Repos.

Abrace todos os seus confrades por mim. Assim que for possível irei vê-los. Vou também escrever ao Pe. Séon.

Aceite a total garantia de meu afeto e minha total dedicação. Seus confrades de Belley partilham com alegria o sucesso de suas iniciativas e os saúdam calorosamente. Sou infinitamente grato a vocês por me permitirem contar com o Pe. Bourdin por este ano.

*Seu mui humilde e obediente servo,
Colin, Superior.¹⁸*

Esta carta menciona muitos aspectos da atividade Marista, algumas das quais demandam explicação:

A menção a Pompallier e ao Sr. Collard refere-se a uma etapa importante na formação da Ordem Terceira de Maria. Alguns homens de alta qualidade (e qualificações), leais “ao Rei legítimo e desgostosos com o regime do Voltairiano Louis Philippe”, o denominado “Rei-Cidadão”, abandonaram suas posições oficiais e assumiram outras ocupações, especialmente na coordenação de internatos. Eles aspiravam ao

desenvolvimento de uma vida espiritual mais rica e procuravam a orientação como membros de uma Ordem Terceira, escolhendo os Maristas como orientadores. Pompallier ficou encarregado de dirigi-los.

Nesse período, em Bordeaux, Pe. Chaminade organizava a congregação Marianista. Parece que Colin escreveu a Chaminade e que este fez um convite para que viesse vê-lo em Agen. Como Chaminade tinha autorização governamental para sua congregação, Champagnat, que buscava aprovação para seus Ir-

¹⁸ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O. M. 1, Doc. 255.

mãos-professores, estava especialmente interessado em examinar alguma forma de integração; Colin queria ajudá-lo nesse assunto. A Arquidiocese de Lion, contudo, não apoiava essa iniciativa. Finalmente, qualquer ideia sobre formas de união para essas Sociedades estava descartada, pois as finalidades propostas pelos grupos não coincidiam.

A maior esperança para os Maristas para uma fundação das Irmãs Maristas na arquidiocese de Lion (em S. Chamond, bem perto dos outros centros Maristas) foi frustrada pela rejeição do projeto do Arcebispo de Pins, provavelmente em razão da existência de suficientes estabelecimentos das Irmãs perto da cidade de Lion.

Quanto aos acertos para os padres Maristas na arquidiocese de Lion, Colin finalmente decidiu: Séon era agora o líder dos Maristas na arquidiocese de Lion e de dois estabelecimentos de Maristas ali localizados — um em L'Hermitage e outro em Valbenoîte. Em breve outro centro foi estabelecido — com Pompallier assumindo como Diretor da Ordem Terceira e capelão do internato.

A preocupação de Colin com o desenvolvimento do ramo dos padres em Lion coincidia com a preocupação de Champagnat com a

formação dos Irmãos, na qual os padres Maristas tinham papel muito significativo. Afinal, à parte o entusiasmo de Séon, era o carisma e a competência de Champagnat que fazia com que os padres Maristas assumissem uma segunda tentativa após o desastre de 1826. Sua preocupação em ter padres em número suficiente em L'Hermitage era compreensível. Isso, contudo, não era a única razão para a oposição de Champagnat em ter padres em Valbenoîte. Como é possível constatar, havia outros motivos.

No plano espiritual, os ingredientes para o remédio para a dor de cabeça de Valbenoîte eram humildade (Champagnat), paciência (Colin), oração e espírito de família (todos). O espírito de caridade fraterna, de dar e receber, que animava esses primeiros Maristas, foi sem dúvida reforçado com a participação de todos nos Retiros anuais, alternadamente em Lion e Belley. No Retiro de 1831 eles compuseram uma oração de consagração a Maria que passou a ser recitada e proclamada nos Retiros subsequentes. Essa consagração remonta ao compromisso de Fourvière e mostra a continuidade de sua determinação para continuar seus esforços espirituais e apostólicos na companhia da Boa Mãe. Isso dá uma ideia sobre o que estava atrás de sua constante determinação que os impelia. Uma síntese:

... Terna e amada Mãe, nesse momento e para sempre, colocamos em vossas mãos os nossos corações, as nossas vontades, as nossas pessoas e todo o nosso ser. Prometemos a vós buscar, por todos os meios ao nosso alcance, o sucesso e a expansão de vossa Sociedade; trabalhar durante toda a nossa vida pela glória de vosso Divino Filho, e pela vossa também; ampliar a devoção a vós tanto quanto possível; e jamais fazer nada, empreender nada, sem implorar vossa assistência. Ficai sempre conosco, ó Santa Virgem, Mãe plena de ternura e misericórdia. Sede nossa advogada e protetora diante de Deus...¹⁹

Tal oração representa uma pequena ideia do fogo espiritual que ardia nos corações desses homens dedicados a Maria.

Em 1833, os problemas provocados pela Revolução de julho de 1830 permaneciam. Havia obviamente menos animosidade em relação ao clero católico e, como resultado, as via-

gens se tornaram menos perigosas. Como também houvera problemas em Roma durante esses anos, Colin não tentara chegar à Cidade Eterna para advogar pela aceitação da Sociedade de Maria, projeto que recebeu o apoio de seu amigo Cardeal Macchi. Uma carta para Champagnat em março de 1833 menciona, entre outros assuntos, algo sobre este tópico:

Belley, 17 de março de 1833.

Meu estimadíssimo confrade,

Não consegui responder à sua carta antes, pois nosso bispo (Bishop Devie) está em visita (em Bresse). Escrevi-lhe sobre a gentil oferta que você fez a ele a respeito dos dois Irmãos de sua fundação em Bresse e, até agora, não recebi resposta. ... Espero escrever a você na época da Páscoa; darei a você, então, a resposta de Sua Reverendíssima.

Peço-lhe para dizer ao Pe. Terrailon que acusamos o recebimento de 700 Missas em seu crédito e agradecê-lo em nosso nome transmitindo-lhe nossa mais sincera afeição. Também depositamos o pagamento de 50 Missas em nossa conta no total de 20 centavos (franco).

Devemos todos agradecer o senhor por ter nos dado o Pe. Cholleton para conduzir e guiar os esforços a serem feitos pela Sociedade. É uma admirável realização da Providência.

¹⁹ Consagração Marista a Maria elaborada no Retiro de Belley no dia 8 de setembro de 1831. O.M. 1 Doc. 236, Linhas 8-17.

Nós, aqui em Belley, pretendemos escrever novamente ao Cardeal Macchi, antigo Núncio de Paris, para lhe pedir se ele ainda acha adequado viajar a Roma. Verei você antes disso e conversaremos sobre tudo isso. Peço-lhe para iniciar uma novena pelo sucesso de sua nova ida a Roma. Meu amor a todos os seus Irmãos. Recomende-me às orações deles, bem como às suas, com todo o meu respeito e sincera afeição.

*Seu mui humilde e dedicado servo,
Colin, Superior.²⁰*

Um compromisso importante na arquidiocese, transferido para Colin por Champagnat, era a do Vigário Geral Cholleton como encarregado dos assuntos maristas na arquidiocese. Cholleton tinha sido grande defensor dos Maristas e, finalmente, juntou-se a suas fileiras. Em uma ocasião, no entanto, na tentativa de unir os Irmãos de Champagnat aos do Pe. Querbes, ele quase causou desgosto a Champagnat.

A projetada abertura em Bresse era para uma escola agrícola ou fazenda-modelo, para as quais Champagnat não tinha Irmãos disponíveis nessa ocasião. Por fim, o empreendimento foi levado a efeito sem o pessoal de Champagnat. Essa iniciativa provou ser um desastre financeiro.

A CAMINHO DE ROMA

A eleição de Jean-Claude Coolin como Superior Central dos Maristas em 1830 estimulou esse clérigo aposentado a planejar e agir em um

mundo que ultrapassava as dioceses de Belley e Lion.

Roma tornou-se um alvo. Mantendo o título de “Superior” do seminário menor (conforme era o desejo do bispo), mas com um vice-superior para supervisionar os negócios cotidianos, Colin podia dedicar toda a atenção às estratégias desenvolvidas para obter a aprovação da Sociedade de Maria.

O fato de não haver novas casas para os padres Maristas nas dioceses de Lion e Belley significava que Colin poderia entrar em contato com os dois bispos com a confiança de que ele poderia ao menos ser ouvido. Além disso, Colin tinha consciência do impacto positivo que os Irmãos de Champagnat causavam na esfera da educação e da eficácia dos padres Maristas de Lion no apoio à formação dos Irmãos, além do ministério das paróquias da arquidiocese. Quanto a Belley, o líder Marista destacava o desenvolvimento espiritual dos missionários do interior e o bem organizado seminário

²⁰ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 266.

rio menor em Belley — ambos trabalhos dos padres Maristas. Todos esses fatores deram-lhe confiança e esperança.

Colin tinha algo mais: competência como negociador e paciência na perseguição de suas metas. Dada a natureza diocesana da Sociedade de Maria acima mencionada (de fato, os homens de Champagnat também estavam nas dioceses de Viviers e Grenoble), Colin podia fazer uso da quase rivalidade entre as duas principais dioceses para promover a causa da Sociedade. “Jogo

um contra o outro — e o trabalho de Deus é realizado.”²¹

Essas palavras explicam muito bem a mistura de inteligência humana e confiança sobrenatural manifestada nas cartas de Colin, especialmente aquelas que tratavam dos negócios diocesanos. O Colin completo pode ser aqui: humor tranquilo, Fé verdadeira e um profundo conhecimento sobre as pessoas.

Jean-Claude Colin entrou em contato novamente com Champagnat em meados de 1833:

Belley, 24 de junho de 1833.

Estimado amigo,

O bispo de Belley deseja que você lhe envie dois Irmãos para uma fundação de Bresse. Ele espera que você lhe garanta isso até a Páscoa. Espero que você não mude de ideia. Ele precisa deles imediatamente. Ele acredita que deve haver um em Marboz. Eles serão utilizados, inicialmente, na agricultura e, depois, em cuidar dos órfãos. Considerando que eles estejam firmes em sua vocação, é absolutamente necessário que eles recebam boa formação. Gentilmente espero que você me envie imediatamente uma resposta, como espera o Reverendíssimo Bispo.

Desejo que você, antes de qualquer coisa, venha e veja pessoalmente a casa e a situação. Você deve parar em Meximieux e o Pe. Maître pierre, que hoje é o superior do seminário, vai recebê-lo. Depois disso você pode vir a Belley.

O Cardeal Macchi enviou sua resposta ao bispo de Belley, pedindo ao Reverendíssimo Bispo autorização para podermos ir a Roma. O bispo não se opõe a isso, por isso penso em partir no início de setembro. Podemos nos encontrar então. Enquanto isso, prepare uma síntese das Regras de seus Irmãos. Espero escrever em breve ao Pe. Terraillon. Ficarei feliz se houver em la Côte (S, Abdré) um estabelecimento de Irmãos porque espero que a escola também pertencerá à Sociedade um dia. Faça o que for possível para que o projeto seja bem sucedido.

O bispo de Belley aguarda uma resposta imediata e esperamos com prazer vê-lo muito em breve. Escrevo com pressa. Nosso amor a todos. Abraço com todo o meu coração (toto corde) e, sempre seu,

*Mui humilde e dedicado servo,
Colin.²²*

²¹ Palavras atribuídas ao Pe. Maître pierre ao Pe. Colin, O. M. 2, Doc. 752, Linhas 337-338.

²² Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 272.

Esta carta revela claramente o exercício da pressão “política” (ou “clerical”) — de Colin sobre Champagnat e de Devie sobre Colin. Devie queria Irmãos para seu projeto agrícola, mas Champagnat era prudente quanto a entrar nessa nova esfera de apostolado (dirigir uma escola agrícola) e hesitava em fundar um estabelecimento na diocese de Belley, cujo bispo tinha às vezes muita dificuldade em relação a Colin e seus colegas padres Maristas. O empreendimento de Bresse foi final-

mente assumido por Pe. Granjard, que fracassou financeiramente.

Em relação ao estabelecimento de Côte S. André mencionado na carta, os Irmãos professores de Champagnat permaneceram ali por dois anos.

O tempo de ir a Roma se aproximava para Colin e dois companheiros Maristas (Padres Bourdin e Chanel). Desejando obter alguma informação de Champagnat antes da partida, Colin escreveu em agosto:

Belley, 25 de agosto de 1833.

Estimado padre e confrade

A hora de minha partida para Roma já está definida: deverei deixar Lion na 5ª feira pela manhã do dia 29. Vários confrades nossos me acompanharão até Lion. Vou me reunir com eles entre 7 e 8 horas da manhã, na Rua Little Bombard da Senhora Chavassieu. De lá, às 8 horas da manhã, iremos a Fourvière para colocar nossa viagem sob a proteção da nossa Mãe comum. Um de nós oficiará a missa que será assistida por todos. É necessário comparecer a esse encontro; você deve assinar a petição à Vossa Reverendíssima que será assinada por todos em Belley. Essa assinatura não nos obriga a qualquer compromisso. Se alguém não puder vir, deverá autorizar outra pessoa a assinar em seu lugar. Estou enviando essa mesma correspondência ao Pe. Séon. O Pe. Terraillon poderá também assinar. Mostre-lhe minha carta.

Creio que você obteve o certificado em favor de seus Irmãos dos bispos de Grenoble e Viviers. Peço-lhe que o traga para mim. Nossos melhores votos a seus bons Irmãos, a cujas orações eu me recomendo.

*Sou, com respeito e especial afeição,
Colin, Superior.²³*

Embora Terraillon tenha comparecido e assinado, Champagnat não pode comparecer. Assim, Colin assinou por ele. Quanto às recomenda-

ções solicitadas dos bispos, uma carta testemunhal do bispo de Grenoble foi enviada a Colin pelo correio no início de outubro e acrescida ao

²³ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 283.

dossiê Marista em Roma. O bispo de Viviers, contudo, parece não ter escrito.

Os três delegados chegaram a Roma como previsto, foram apresentados ao Papa Gregório XVI e apresentaram o caso do estabelecimento da Sociedade de Maria – os seus quatro ramos. Colin permaneceu em Roma para discutir sua proposta; Bourdin e Chanel viajaram de volta (não exatamente por uma rota direta) à França, para reassumirem duas atividades docentes.

Colin escreveu a Champagnat no dia 28 de setembro de 1833 com notícias de sua viagem a Roma e de sua permanência ali. No dia 27 de setembro de 1834, tendo retornado de Roma a Belley, Colin escreveu novamente a Champagnat. Em dar detalhes sobre as discussões em Roma, ele disse que os Maristas precisavam agora simplesmente esperar o resultado das deliberações das autoridades apropriadas de Roma. Ele também mencionou uma reunião que envolveria Champagnat e na qual seria tratado o pedido a Roma, não fornecendo, porém, data ou outro detalhe a respeito.

INCÔMODA VALBENOÎTE

No final de 1832, Séon substituiu Champagnat como líder dos padres Maristas na arquidiocese de Lion. Isso não significava uma diminuição

do interesse de Champagnat em seus colegas padres. Ao contrário, logo se manifestou em Champagnat uma ansiedade pelo futuro deles como maristas. Em seu ponto de vista, o problema estava na localização da casa de Valbenoîte, onde o cuidado aos fiéis parecia, para Champagnat, incompatível com a vida religiosa e missionária à qual os Maristas aspiravam e para a qual os novatos precisavam de formação.

Esse era o ponto de vista de Champagnat e o conteúdo de sua preocupação para as autoridades arquidiocesanas que estavam encarregadas dos processos clericais. Sua queixa não era em vão, por isso propôs uma solução. Os aspirantes maristas poderiam viver em La Grange Payre, um terreno soberbo doado a Champagnat por uma generosa benfeitora. Mais ainda, a propriedade seria doada à arquidiocese para esse propósito. Era um gesto magnânimo, típico da grandeza de coração de Champagnat. Era também uma manifestação da preocupação de Champagnat pelos padres da Sociedade. Os Irmãos de L'Hermitage devem ter refletido pesadamente sobre a generosidade do fundador, pois, com um número florescente na Casa Mãe, os Irmãos poderiam ter feito excelente uso da propriedade oferecida aos padres.

O seguinte extrato da carta de Champagnat ao Vigário Geral Cholleton é bastante claro:

A posição de meus confrades em Valbenoîte não é absolutamente confortável. Esta paróquia e o vicariato não atendem à Sociedade, especialmente pela maneira como os sacerdotes são utilizados no momento. A administração da paróquia ocupa todo o espaço e vai ocupar ainda mais. As melhores pessoas perdem sua vocação ali. Aqueles que sentem alguma atração para a vida religiosa não ousam se oferecer, com medo de serem utilizados como padres. ... Não há sacrifício que eu não esteja disposto a fazer por esse trabalho.²⁴

A proposta de entregar La Grange Payre veio nesta carta.

Champagnat também escreveu sobre sua ansiedade a Jean-Claude Colin. Pareceria que as autoridades em Belley pensavam do mesmo modo que Champagnat — de que os problemas dos padres em Valbe-

noîte precisavam ser assumidos e que, se possível, deveriam estar em casa separada sob a direção de Pierre Colin. A carta de Jean-Claude a Champagnat revela com bastante clareza sua estima e afeição por seu colega de primeira hora. Esta é a resposta de Colin às duas cartas de Champagnat:

Belley, 4 de setembro de 1834.

Meu estimadíssimo confrade,

Todas as cartas que me são enviadas por você são estimadas e agradáveis a mim, mas certamente jamais recebi uma carta sua que tivesse me dado mais satisfação do que a última, em que você me informava o que você escreveu ao Pe. Cholleton. Percebi então seu desprendimento e sua devoção à Sociedade de Maria em geral. Estamos convencidos de que poderemos trabalhar efetivamente para a glória de Deus apenas na medida em que nós vivemos pela Fé e esperamos mais Dele do que dos seres humanos. ...

Assim que Pe. Cholleton responda a sua carta, gentilmente, se for de seu agrado, dirija-a a mim, pois meu irmão não viajará para Valbenoîte antes de conhecermos a decisão do Conselho (do Arcebispo De Pins) sobre essa matéria. Tente aceitar esse atraso de nossos confrades de Valbenoîte.

Minha intenção ainda é enviar-lhe dois de nossos Irmãos de modo que façam seu noviciado com você e recebam em sua casa todo o hábito. É tempo para que esses diferentes Irmãos fiquem centralizados e vinculados à Casa-Mãe dos Irmãos. Você sabe que minhas intenções são de que os Irmãos Maristas e de S. José se tornem um só corpo.

Não creio que você possa fazer seu Retiro tão cedo. Creio que ele acontecerá no mês de outubro. Deus seja louvado. Os dois candidatos provavelmente partirão com meu irmão durante o mês de outubro. Mas você deve preparar para mim um bom Irmão para trabalhar na cozinha. Conto com isso.²⁵

²⁴ Carta do Pe. Champagnat ao Pe. Cholleton, O.M. 1, Doc. 321, Linhas 3-10, 31-32.

²⁵ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc.322, Linhas 1-34.

A carta de Colin continua falando da recepção pelo Soberano Pontífice dos três resumos sobre a fundação da fraternidade “que denominamos Ordem Terceira”.²⁶ Há igualmente um pedido de orações para o reconhecimento da Sociedade por Roma e um desejo de que o número de Maristas possa crescer em Lion. A carta é encerrada da maneira habitual.

Provavelmente encorajado pela carta de Colin, e certamente ansioso para receber uma decisão das autoridades arquidiocesanas que, é claro, eram responsáveis pelos projetos paroquiais, incluindo aqueles de Val-

benoîte, Champagnat novamente escreveu a Cholleton, o Vigário Geral. Champagnat soubera que Rouchon, pároco de Valbenoîte, tinha feito a cobrança de dívidas paroquiais com seus vigários, os jovens maristas, da mesma forma que o Estado fizera no *Ancien Régime* (*Antigo Regime*) promovendo a arrecadação de impostos pelos agentes gerais.

Esta carta aborda a matéria do dinheiro e também apresenta os fortes pontos de vista de Champagnat sobre a vida religiosa. Novamente ele faz uma tentativa de esconder suas convicções e sentimentos:

Vejo claramente que o trabalho dos padres vai entrar completamente em colapso em Valbenoîte, pois representa uma falsa situação. Meu Deus, o que você pede de mim? Não há nada que eu não sacrifique para salvar o trabalho de Maria da ruína. Asseguro-lhe que ainda acredito mais do que nunca de que deus deseja essa obra, mas de um modo diferente de como está agora. A preocupação, o desejo de se tornar rico arruinará tudo. Deus me preserva de julgar meus confrades. Seu altruísmo e devotamento me edificaram tanto desde que tive a honra de tê-los comigo. Pretendo responsabilizar apenas quem lhes deu tal conselho. ... Que o Padre Pompallier, Séon, Forest e Bourdin, ou alguém de Belley, ao invés dele, venham todos juntos, viver as Regras, não tendo outro ministério nesse período a não ser os Retiros e missões no interior, e assim você poderão as coisas tomarem um novo rumo. ... Prometo novamente a vocês que não deixarei meus confrades em necessidade, mesmo que eu tenha de vender minha última camisa. Digo-lhes isso com lágrimas nos olhos. ...Será apenas vivendo retirados do mundo e na meditação sobre as grandes verdades que podemos manter o espírito religioso.²⁷

Champagnat informou então Colin sobre sua segunda carta a Cholleton. Colin, o “Superior Central”, enquanto apoiava o movimento de seus colegas

e suas razões para isso, introduziu discretamente uma nota de precaução em sua resposta, pois temia que os sentimentos pudessem ser feridos.

²⁶ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 322, Linha 36.

²⁷ Carta do Pe. Champagnat ao Pe. Cholleton, O.M. 1, Doc. 323, Linhas 18-107 (parts).

Estava especialmente sensibilizado pela posição de Séon, o novo Superior Marista na arquidiocese, confirmado nessa posição pelas autoridades:

Belley, 23 de setembro de 1834.

Meu estimadíssimo confrade,

A boa disposição que, vejo agora, o Senhor colocou em seu coração, enche-nos de alegria e entusiasmo. Oramos para que nosso Pai o abençoe com as graças de modo a fortalecê-lo mais e mais no espírito de Fé e no desprendimento que o animam. Quando você recebeu a resposta do Pe. Cholleton, eu lhe pedi que a partilha-se conosco, e, sendo afirmativa ou negativa, gentilmente nos dissesse o que é melhor a fazer e em que estágio será necessário para meu irmão estabelecer. Ficaria muito feliz se pudessem fazer sem ele até pelo menos depois do retiro, que provavelmente será realizado o final de outubro.

É conveniente para mim, contudo, transmitir a você meus pequenos temores referentes à sua excelente proposta de transferir a base da Sociedade de Maria de Lion para S. Chamond. Temo que Pe. Séon possa ficar aborrecido e aproveitar para se retirar, o que seria um sério retrocesso.

Administre tudo com tranquilidade. Suas ideias são boas, mas se não puderem ser levadas a efeito sem perturbar a paz e a união de corações, será necessário temporizá-las dar o tempo necessário para saber cada vez mais o desejo sagrado de Jesus e Maria.

Espero que me envie um Irmão cozinheiro imediatamente após seu Retiro. Estou aguardando sua chegada de modo a organizar nossa cada de modo diferente. Meus humildes respeitos ao Pe.

Terraillon e a todos os nossos queridos confrades e Irmãos. Deixo-os todos nos sagrados corações de Jesus e Maria, e sou, com a mais sincera afeição,

*Seu mui humilde servo,
Colin, Superior.*

P.S. Pe. Fontbonne servirá muito bem para nós como professor de Teologia. Por favor, certifique-se de seu consentimento que eu pedirei sua indicação a Lion. Escreva-me assim que for possível sobre esse assunto.²⁸

Essa carta mostra o modo magistral de Colin agir como conciliador. As duas primeiras frases não são meras lisonjas, porque Colin está sinceramente tocado pelo desprendimento e preocupação por seus confrades em Valbenoîte. Parece que a carta de Champagnat a Colin continha o conteúdo que Champagnat escreveu a

Cholleton no dia 8 de setembro. Colin admirava a generosidade, preocupação e grandeza de coração de seu colega.

Segue um pedido de aconselhamento sobre o que deveria ser feito e quando Colin deveria enviar seu irmão Pierre para ajudar na situação. Até en-

²⁸ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat. O.M. 1, Doc. 324.

tão, tudo havia sido deixado para Champagnat. Então surgiram os “pequenos temores” em relação à “excelente proposta” de Champagnat. O terreno estava assim cuidadosamente preparado para introduzir a grande preocupação de Colin — Séon era tão resistente a interferências que poderia simplesmente se retirar! Recordemos que Séon fora eleito líder por seus confrades de Lion em novembro de 1832 e havia sido confirmado na liderança pelas autoridades arquidiocesanas. Colin estava obviamente correto nessa ocasião. Seu último comentário foi um golpe de mestre. Embora reconhecesse novamente que as ideias de Champagnat “eram boas”, o apelo de Colin “para administrar tudo com tranquilidade” e, se necessário, contemporalizar, ele pede um espírito de compromisso da parte de Champagnat. Ao colocar os pensamentos de Champagnat no plano espiritual de buscar “o mais sagrado desejo de Jesus e Maria”, o ponto culminante de uma carta de persuasão maravilhosamente elaborada.

Na carta acima Colin exercita as virtudes da prudência, cuidado e consideração pelas consequências que marcam sua liderança. Nessa

instância, o emocionalmente agitado Champagnat precisa de cuidado e controle. É o contrário da situação de 1839, quando a orientação de Champagnat era essencial para superar as vacilações de um muito cuidadoso Colin em relação à eleição de um Superior Central.

Outros pontos a serem destacados na carta são: 1. A persistência de Colin com Terraillon, uma persistência que valeu a pena, pois Terraillon fez votos de vida religiosa com os outros padres Maristas em 1836; 2. Fontbonne ficou com os Maristas de Lion durante alguns anos, mas finalmente se apresentou como voluntário para as missões na América do Norte. Chanut, outro padre que esteve com Champagnat, finalmente assumiu o posto da teologia em Belley. 3. Embora a oferta da La Grange Payre não tenha sido considerada nessa ocasião, Colin, em carta de 17 de janeiro de 1835, sugeriu a ideia de mudar o noviciado dos padres Maristas de Valbenoite para La Grange Payre; tal iniciativa não se concretizou.

Três semanas depois dessa clássica carta do final de setembro, encontramos Colin elaborando uma pequena carta para seu amigo:

Belley, 10 de outubro de 1834.

Meu estimadíssimo confrade,

Escrevo-lhe depressa para contar que nosso pequeno Retiro vai começar no dia 10 deste mês.

Não temos um pregador, mas vamos realizá-lo ao pé de nosso crucifixo em meditação. Depois

vamos ajustar diversos artigos sobre o progresso de nosso empreendimento. Desejo muito que

o senhor venha. Creio que é necessário o senhor estar aqui. Muitas coisas precisam ser acertadas com o senhor

a respeito da casa em Lion. Se não puder estar nos primeiros dias, tente pelo menos sair de L'Hermitage no dia 19, de modo a chegar aqui no dia 20. Peço que traga para nós um Irmão cozinheiro e, na volta, leve dois de nossos Irmãos para fazer o noviciado com você. Se Pe. Bourdin estiver com você, peço-lhe que o avise sobre nosso Retiro. Por favor, diga-me se o Pe. Fontbonne está ainda disponível para aceitar as aulas de Teologia.

Tenho tempo apenas para abraçá-lo em espírito e dizer que sou, com respeito,

Seu mui humilde servo,

Colin, Superior.

P.S. Peço-lhe que não deixe de vir.²⁹

A referência à casa de Lion considera a possibilidade ou não de transferir o grupo de Valbenoîte para La Grange Payre, bem como de integrar Pierre Colin no grupo.

Pierre Colin finalmente chegou a Valbenoîte, onde, como padre Marista com experiência e equilíbrio, ele era capaz de assegurar a estabilidade da comunidade. A conversa para relocar os jovens padres aspirantes continuou, mas nada aconteceu, apesar de uma oferta do Pe. Forets em janeiro de 1836 para estabelecer um

noviciado dos padres em La Favou-rite, perto de Fourvière. Finalmente, após a aprovação papal dos padres Maristas em 1836, o noviciado para todos os padres Maristas iniciantes foi transferido para a rua Montée S. Barthélemy, Lion — na colina de Fourvière. Era novembro de 1836.

Em janeiro de 1835, nenhuma notícia substancial foi recebida de Roma, mas uma carta posterior de Colin para Champagnat abordou as ideias sobre os Irmãos de S. José e os Maristas:

Belley, 7 de janeiro de 1835.

Estimadíssimo confrade,

Recebi sua carta e agradeço pela saudação de Ano Novo que você me enviou, assim como seus confrades em Belley. Não tenha dúvida sobre aqueles que formamos aqui para você e todos os de sua casa. Vocês sempre partilham de nossa lembrança na presença de Deus.

Estou muito feliz que meu irmão é útil aos nossos queridos confrades de Valbenoîte e que eles apreciam estar com eles. Espero que o Senhor abençoe sua boa vontade e que seu número cresça gradualmente.

Aqui estamos felizes, e não podia ser diferente com o Pe. Canut. O único receio que tenho é que a saúde dele possa impedi-lo de realizar seus empreendimentos. Nosso pequeno noviciado está indo

²⁹ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 325.

razoavelmente bem. Outra pessoa logo se juntará aos outros noviços, de modo que, aos poucos, a Sociedade de Maria vai ganhando estabilidade.

Estou satisfeito por você estar feliz com nossos dois Irmãos que eu trouxe para você. Vejo que você lhes deu o Hábito muito cedo, mas deixo a você esse julgamento. Creio que seria adequado se ambos fossem dedicados ao trabalho manual – na cozinha, no jardim, etc. O maior pode fazer quase tudo e, como o menor parece ter jeito para esse tipo de trabalho, seria bom, creio, designá-lo para isso. Desejo, se você achar adequado, que o maior seja empregado um pouco na carpintaria, jardinagem e outras atividades desse tipo, e o menor na cozinha e aprendendo a cuidar da roupa. Precisamos de Irmãos que saibam fazer tudo isso. Estou também muito feliz com o bom Irmão Timothée. Ele tem boa vontade e desejo de fazer o bem; ele dará um ótimo religioso. Mas, quanto ao Irmão André, ele não parece ter gosto para esses serviços. Ele não sabe cozinhar ou cuidar do jardim e não mostra habilidade para nada. O Ir. Timothée não se arrisca a orientá-lo no serviço. Penso que, na Quaresma, será bom enviar o Irmão André de volta ao noviciado para treiná-lo para uma vida mais produtiva e para o trabalho manual. E, a essa altura, creio que devemos ter um jardineiro. Ir. Timothée gostaria do apoio do Ir. Joseph ou do Ir. Jerome, mas, antes de qualquer coisa, espero escrever a você. Parece-me também que seria bom se os Irmãos envolvidos com o trabalho manual não usassem o rabat e que, em vez da cruz no peito, usassem um Rosário pendurado na cintura. Você deve examinar tudo isso em sua sabedoria. ... Abraço-o carinhosamente todos os seus confrades, e especialmente os dois que eu trouxe a você. Meus melhores votos de Ano Novo a seus confrades sujos nomes me escapam. Irmão Timothée e Irmão André desejam-lhe toda a felicidade possível.

*Sou, com a mais sincera afeição,
Seu mui humilde e dedicado servo,
Colin, Superior.*

P.S. Recomende-me ao Pe. Terrailon e lhe ofereça as sinceras orações que nunca deixei de fazer para a sua conversão. Quando digo 'conversão', ele sabe a que me refiro.

P.P.S. A Madre Superiora de Bom Repos ainda tem no mundo dois sobrinhos, irmãos do jovem Millo que você hospeda em sua casa. Ela deseja muito tirá-los do mundo e vê-los entrar na Sociedade de Maria. O mais velho tem 15 anos de idade e o outro 12. Poderíamos fazê-los Irmãos para as escolas ou obras semelhantes, mas eles deverão ser instruídos e formados antes. Veja o que sua caridade pode fazer para eles.³⁰

Na ocasião em que essa carta foi escrita, Pierre Colin tinha ido a Valbenoîte no escritório de um homem com experiência religiosa, capaz de assegurar a estabilidade daquela pequena comunidade.

Chanut, mencionado aqui, foi de Valbenoîte a Belley, talvez em troca de Pierre Colin, e assumiu as aulas de teologia propostas para Fontbonne.

³⁰ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 330.

As palavras jocosas sobre Terrailon referem-se à esperança de Colin de que Terrailon finalmente decidiria entrar para a Sociedade de Maria desistindo de seu posto como pároco de Notre Dame de S. Chamond. Foi depois de três anos apenas após sua profissão como Marista em 1836 que Terrailon deixara sua paróquia.

Sem dúvida, Champagnat enviou pronta resposta à carta acima, na qual Colin propõe ideias sobre a formação dos Irmãos de S. Joseph e um hábito diferente para eles. Evidentemente, Colin tocou um ponto sensível e Champagnat insistiria novamente em que não devia ser introduzida qualquer distinção entre os Irmãos. Colin responde contra tais objeções:

Belley, 17 de janeiro de 1835.

Estimadíssimo confrade,

As observações que fiz a você sobre o hábito dos Irmãos não podem ser levadas a efeito agora, mas deverão ser examinadas aos olhos de Deus. Penso que, com o tempo, nós mesmos não deveremos usar o Rabat, e não ficaria adequado para os Irmãos usá-lo — falo apenas dos Irmãos que ficarão nas casas dos padres. Os Capuchinhos, os Jesuítas na Itália e diversas outras ordens religiosas usam o Rosário pendurado na cintura. Parece-me que esse costume nos serviria mais do que a eles, nós que estamos especialmente sob a proteção de Maria. Se um dia admitirmos essa regra para os padres, seria adequado que os Irmãos Maristas, que formam um ramo da Sociedade, fossem consistentes nesse ponto. Dou-lhe essas ideias apenas para serem examinadas aos olhos de Deus. Eu mesmo não tenho opinião formada sobre esse ponto e, assim, com certeza, não há pressa.

Você deve sentir que os Irmãos entendem que aqueles que trabalham em atividades manuais não podem ser formados como os outros. Durante seu noviciado, devem ser especialmente indicados para diversas ocupações manuais, ou então perderão o gosto pelo trabalho e se acostumarão com uma espécie de preguiça que os tornarão inadequados para suas funções. Creio firmemente que os Irmãos que passaram muitos anos nas escolas, dificilmente poderiam se tornar Irmãos serviços. É essa impressão que me induz a aconselhá-lo a formar para o trabalho manual, desde o início do noviciado, aqueles noviços que lhe parecerem mais adequados para esses tipos de tarefa. Deixo isso ao seu julgamento, contudo, para ver se o jovem Millot se adaptaria a administrar as tarefas da cozinha ou qualquer outro trabalho desse tipo. Não sei se ele é inconstante, mas acho que nessa idade o tempo corrigirá esse defeito.

Minha opinião seria que você chama-se o Irmão André de volta à sua comunidade e que, sob a orientação de um bom irmão ele fosse continuamente designado para tarefas manuais. Assim orientado, ele poderá se tornar útil. Temos grande necessidade de Cartier, agora Irmão Eugene. Ele ficaria em La Capuchinière, faria jardinagem e ficaria encarregado da adega no seminário. Veja se você pode enviá-lo de volta pra mim até os meados da Quaresma e, ao mesmo tempo, trazer de volta o Irmão André. No entanto, submeto tudo isso à sua prudência.

Temos também aqui em Belley dois irmãos conhecidos já há bastante tempo. Se você considerar adequado, podem tomar o hábito agora. Todavia, eles ainda pertenceriam à sua casa de Irmãos. Você atribuirá um nome religioso a eles e assim eles ficariam dependentes de você. Envie-me sua opinião sobre isso. Evitaremos assim despesas de viagem.

Soube que o Pe. Fontbonne está em L'Hermitage. Aprese-o para vir e nos ajudar nas pregações do Jubileu. Ele nos propiciará um importante serviço e também prepararia para a grande missão que seu zelo destina a ele. Não perguntaria isso ao Pe. Séon. Creio que a presença dele é necessária em Valbenoîte.

Certifique-se de que o bom Senhor o ilumine para encontrar a casa do noviciado dos padres em La Grange Payre. Não deixe essa ideia se perder. Parece-me que em breve você proporá novamente essa ideia a seus confrades em Valbenoîte.

Abraço-o com todo o meu coração (toto corde) e sou, com respeito, Padre.

*Seu mui humilde servo,
Colin.³¹*

Com referência aos dois irmãos em Belley, sabemos que Francis-Xavier Girod recebeu o Hábito em L'Hermitage em julho de 1835, em cujo caso Champagnat não deve ter aceitado a solução proposta por Colin. Quanto ao outro, Joseph-Mary Luzy, ele não aparece nos registros dos Irmãos Maristas, e os registros em Belley estão em conflito com o diário deste Irmão. Ele foi um dos pioneiros da missão no pacífico e está enterrado no cemitério dos padres maristas em Villa Maria, em Sidnei.

La Grange Payre e Valbenoîte são novamente mencionadas, mostrando que Colin estava favoravelmente disposto a receber os noviços dos padres Maristas em La Grange Payre. No entanto, ele temporizaria essa proposta em razão da oposição que poderia advir de alguém de Valbenoîte.

La Grange Payre nunca teve uma comunidade de padres Maristas; foi vendida pelos Irmãos em 1853 para pagar parte do custo da construção de uma nova Casa Geral para os Irmãos Maristas em S. Genis-Laval.

³¹ Carta do Pe. Colin ao Pe. Champagnat, O.M. 1, Doc. 331.

O IR. FRANCISCO EM SUAS CARTAS PESSOAIS

Governo do Instituto e direção espiritual



Ir. Louis Richard

Depois da canonização de nosso Fundador, em 1999, e as beatificações realizadas ou não dos mártires da Espanha, é possível que tenha chegado o tempo para uma reavaliação daquele que foi o braço direito, o primeiro sucessor do Pe. Champagnat e, a meu ver, como espécie de co-fundador. Meu interesse por ele deriva, sobretudo do fato de eu ter informatizado seus numerosos cadernos e também suas cartas, que me revelaram uma personalidade bastante diferente da ideia que eu fazia dele.

UMA BIOGRAFIA JÁ IMPONENTE

Quem quer conhecer o Irmão Francisco não encontra dificuldade: temos cinco biografias deste nosso Irmão: o Pe L. Ponty, capelão em Notre-Dame de Lacabane, escreveu

a primeira em 1899, editada por E. Vitte, em Lyon.

Um tal Irmão Felipe, no dia 8 de maio de 1923, é autorizado pelo Conselho Geral, a publicar um resumo da vida do Irmão Francisco – 24 páginas – inspirado na de Ponty. Aparecerá em 1924, em Turim, com algumas ilustrações.

Em 1949, Guy Chastel escreve uma vida do Irmão Francisco, editada por Alsatia em Colmar. É obra de composição literária bastante agradável.

O Irmão Louis Laurent, (Pierr Zind), publica “Seguindo os passos do Irmão Francisco”, trabalho de historiador, acompanhado de numerosas fotografias.

Enfim, em 1996, o Irmão Gabriel-Michel, escreve também uma bio-

¹ [301 Mélanges. Notes personnelles et autres. * 302, 303, 304 Notes de ses retraites de 1825 à 1869 * 305 Voyage de Rome. Divers. * Retraites de 1872 à 1880. * 306 Projets d'instructions 307, 308, 309 * Instructions * 310,311 Notes diverses * 312 Sujets divers * 313 Civilité, rapports, circulaires manuscrites. * 10, 11, 12 Carnets de lettres, de p. 1 à 1086 * 13 Autre carnet de lettres * 41 à 49 * Carnets ou cahiers scientifiques ou médicaux * Circulaires imprimées (les volumes 1 et 2 le concernent)]

grafia, explorando de modo bastante amplo, seus cadernos e coleções de cartas¹. Neles se encontram também referências a L. Ponty e G. Chastel.

Faltam, porém, referências a outros autores: Irmão Avit com seus ricos e pitorescos Anais; o Irmão João Batista que na Biografia do fundador dá informações não desprezíveis; “*Frère Sylvestre raconte Champagnat*”. Veremos, adiante, que essas diversas testemunhas, que conheceram bem o Irmão Francisco, manifestam interpretações bastante divergentes.

Além disso, um breve fascículo foi escrito pelo Irmão Giovanni Bigotto, em 2003, intitulado “*La joie d’être frère, Frère François*” (“*A alegria de ser Irmão. Irmão Francisco*”) no qual a contribuição das Cartas Pessoais é evocada de maneira pertinente na página 4:

Elas “permitem, num contato direto, encontrar um Irmão Francisco extremamente interessado em tudo o que vivem os Irmãos; é interesse que brota do coração de sua longa experiência de governo e do tempo que sabe passar diante de Deus. Estas cartas são um tesouro ímpar nos documentos que possuímos do Irmão. Que riqueza de fraternidade e que arte do diálogo com o Senhor e a Boa Mãe!”

Adiante, no processo diocesano de beatificação são citados numerosos testemunhos.

RESUMO BIOGRÁFICO

Talvez não seja inútil recordarmos um pouco a história: Gabriel Rivat

nasceu em 1808, e pronuncia seu primeiro compromisso nas mãos do Pe. Champagnat em 1819. Depois de algum tempo na cozinha e nas salas de aulas em Marlihes, Boulieu, Vannosc, tornou-se secretário do Pe. Champagnat em L Hermitage e seu correspondente durante as permanências do Fundador em Paris. Em 1839, foi nomeado Diretor Geral e depois, em 1852, eleito Superior Geral. Em 1860, retirou-se para I Hermitage, onde faleceu em 1881, com 73 anos.

É um personagem que nos parece distante porque as dimensões temporais são criações do espírito, enquanto as medidas espaciais unindo lugares concretos são fáceis de verificar. Se me permitem uma observação pessoal, minha bisavó paterna nasceu uns dez anos após a morte do Pe. Champagnat. Tinha uns 30, na morte do Irmão Francisco. E tenho lembrança clara de sua cordialidade e gentileza. Essas coisas, então, não estão tão longe assim!... Mas, voltemos ao tema que nos interessa: as cartas do Irmão Francisco.

AS CARTAS PESSOAIS DO IRMÃO FRANCISCO

Nas estantes dos Arquivos, entre as riquezas de nossas origens, nós conservamos as 18.063 Cartas Administrativas do Instituto em 17 volumes, de 1834 a 1953. Tratam de todos os problemas inerentes à administração das escolas e outras

casas do Instituto e abordando todas as instâncias administrativas possíveis.

Outra série de cartas é dedicada especialmente aos Irmãos: são as **cartas pessoais do Irmão Fran-**

cisco, cujo destinatário na maioria das vezes ignoramos. Redigidas originalmente em oito cadernetas, foram, provavelmente depois da morte do Irmão Francisco, encadernadas em duas coleções cujo esquema abaixo nos indica a organização.

Volume 1	Volume 2
Cartas p. 1-514 (1842-1852)	Cartas p. 527-1104 (1852-1858)
Tabela p. 515-519	Cartas administrativas, p. 1-144 (1852-1860)
	56 páginas não numeradas, das quais 9 de “tabelas”, sobre os dois volumes.

Portanto, essas cadernetas contêm 1.091 páginas de cartas datadas de 1842 a 1860 e 13 páginas de índice remetendo às páginas das coleções.

Por ocasião da publicação das cartas pessoais do Irmão Francisco, em 1996, os executores, Irmãos Paul-Sester e Jean-Pierre Cotnoir, numeraram as cartas e acrescentaram umas trinta, encontradas em outras fontes. Essas têm a vantagem de serem datadas com precisão. A coleção, pois, alcança um conjunto de 701 cartas pessoais, perto de 670 provenientes das duas coleções do Irmão Francisco. As cartas, nessa coleção, estão colocadas em ordem cronológica de 1841 a 1860, mas, em geral, sem data precisa e, de um ano para outro, o número de cartas classificadas é muito variado. No tomo II, por exemplo, os autores datam 136

cartas em 1853, mas apenas 21 em 1858.

Redigindo as coleções, o Irmão Francisco com certeza fez uma seleção de suas cartas com a finalidade de servir-se delas como base de dados para suas instruções e conferências, como o fez com a maioria de suas numerosas cadernetas. Como, em geral, não possuímos mais os originais, podemos supor que os tinha destruído; a não ser que, depois da morte dele, por negligência, transferências ou voluntariamente, tenham desaparecido. Em todo caso, estas cartas não devem ser consideradas como simples exercício de preservação, mas como base de dados, cujos índices foram elaborados pelo próprio Irmão Francisco.

Atualmente, a coleção de 1996, se apresenta então, assim:

- Volume I: Cartas 1001-1418 (1841-1852)
- Volume II: Cartas 1419-1701 (1853-1860)

Por outro lado, o conteúdo das duas coleções é diferente: se no primeiro, a maioria das cartas é dirigida a Irmãos, muitas outras se referem a párocos, superiores, autoridades diversas e, sobretudo, o conteúdo das mesmas, trata essencialmente de questões de governo. É na segunda coleção, que sobressaem as cartas de direção espiritual correspondendo ao que já pedia a Regra de 1837:

1º- Os Irmãos Superiores escreverão todos os meses ao Superior, e os Irmãos Diretores de cada estabelecimento, cada dois meses, para informar sobre o que está acontecendo em casa.

2º- Os demais Irmãos escreverão a cada quatro meses. A visita dos Superiores não dispensa esta correspondência.

Sabemos que o Irmão Francisco até a eleição, no dia 20 de maio de 1854, do Irmão Pascal como Assistente, estava encarregado da pequena província do norte, (29 Irmãos, em 1852), além de seu cargo de Superior Geral. O confronto das datas e do número de cartas nos leva a acreditar que grande parte de sua direção espiritual se referia a Irmãos desta província, como parece indicar a queda brusca de suas correspondências em 1855.

1849	1850	1851	1852	1853	1854	1855	1856	1857	1858
26	15	8	60	36	49	14	9	16	21

Entretanto, todo Irmão podia recorrer a ele, na qualidade de Superior Geral, e sua direção espiritual se dirigia certamente também a Irmãos de outras Províncias.

De qualquer forma, é nas correspondências do segundo volume que deixou transparecer melhor seus sentimentos pessoais. E é sobre este volume pessoal e mesmo íntimo, cujos beneficiários nos são quase sempre desconhecidos, que eu gostaria de me deter, para aclarar sua personalidade e os grandes eixos de sua espiritualidade.

ÍNDICES PRECIOSOS

Como estes índices foram estabelecidos pelo Irmão Francisco mesmo, temos o direito de considerar que nos comunicam excelente ideia do que lhe parecia primordial. No total, em seu índice geral, o Irmão Francisco reteve 107 itens, quase todos ligados à espiritualidade ou à vida ascética. Os que julgou mais importantes foram divididos em subtemas podendo chegar até a oito. Assim “tentação”, “vocaçãõ”, “meninos” têm oito itens cada um; “Jesus”, “Maria”, “diretores”, 6 itens;

“trabalho”, “regra”, “meditação” 4 (18 referências); ou então, “regra” (8 itens. Depois de cada item, são indicadas as páginas correspondentes. Às vezes, itens muito próximos poderiam ser amalgamados. Assim: “oração” (16 referências) e “piedade” (18 referências) e “regularidade” (11 referências). No quadro abaixo damos uma visão de conjunto dos temas que oferecem ao menos 10 referências às cartas.

R. ²	Temas	Subtemas
43	Vocação	benéfico, reconhecimento, tentação, indecisão, parecer do confessor, pensamento/palavra contra, perturbação, inquietação, constância.
37	Combate	teimoso, queda, Deus e demônio
33	Diretor	cargo, comportamento, para os Irmãos, penas, qualidades, confiança
33	Meditação	distração, securas, temas
30	Crianças	progresso, educação, recompensa, oração, vigilância, confissão, afeição sensual, relações, acompanhamento
30	Tentações	vantagens, coragem, astúcias do demônio, meios de resistência, desprezo, invocações, vitória, higiene
28.	Jesus	imitação, sofrimento, amor zelo, nas crianças, confiança, tudo
25.	Trabalho	penas, deveres, indiferença, temporal, cozinha
18	Piedade	
16	Encorajamento	
16	Generosidade	
16	Orações;	aspirações ³
15	Conselhos	religiosos
15	Maria	recurso, proteção, tentação, amor filial, para as crianças, consagração
14.	Trocas	pedidos, aceitação, de Congregação
14	Caridade	união fraterna
14	Notícias	da Sociedade, Capítulo Geral, Irmãos da Oceania
13	Desânimo	

² Número de referência às páginas.

³ Isto é: orações jaculatórias.

12.	Correção dos Irmãos	
12	Defeitos	suportar os defeitos dos outros
12	Obediência	respeito e união ao Diretor, falta, consequências
12	Pena	preocupação, mau religioso
11	Espírito do Instituto	de fé, de família
11	Regularidade	
11	Sofrimentos	
11	Superior	abertura, docilidade, correspondência
11	Tristeza	
10	Confiança em Deus	
10	Morte do religioso	bom, pensamentos
10	Perfeição de seu estado	meios

Esses temas são, evidentemente, o reflexo do conteúdo das cartas dos Irmãos que expõem ao superior suas dificuldades: tentações (30), desânimo (13), tristeza (11), sofrimentos (11), penas (12), defeitos dos coirmãos (12) ou problemas de caridade (14)...

Ao que o Superior responde por chamadas salutareis: em primeiro lugar, a vocação (43), a luta espiritual (37), a oração (33), conformidade com Jesus (28) e Maria (15)... Um levantamento sintético de todas as rubricas deste índice poderia ser sintetizado assim:

Grandes Verdades	57	Combate 37; Morte do religioso 10; Mundo 5; Estado da alma 5
Oração	67	Contemplação 33; Piedade 18; Orações 16
Espiritualidade	82	Jesus 28; Maria 15, Confiança em Deus 10; Vontade de Deus 8; Amor de Deus 7; Presença de Deus 5; Graças 5; Comunhão 4
Caridade	29	Caridade fraterna 14; Defeitos, paciência em relação aos outros 16

Virtudes	51	Alegria 8; Energia,7; Verdadeira devoção 3; Estudos religiosos 4; Vontade 3; Discricção 3; Generosidade 16; Zelo 7
Defeitos	21	Tibieza 4; Pecado 4; desânimo, 13
Vocação	103	Vocação; Perfeição do estado 10; Regularidade 11; direção 33; Exame particular 3
Exortações	19	Encorajamento 16; Sucesso 3
Problemas existenciais	80	Tentações 30; Sofrimentos 11; Penas, inquietações 12; Tristeza 11; Doença 8; Contrariedades 8
Educação Trabalho	86	Alunos 30; Trabalho 25; Zelo 7; Estabelecimento 6; Internos 4; Mudanças 14; Recreio 3

Entretanto, toda sistematização conserva um lado aleatório e muitos temas se sobrepõem a várias referências possíveis. Eu então escolhi transcrever extratos significativos deste *corpus* de acordo com quatro eixos:

1. Tratamento de temas de ordem pessoal: (570 referências)
2. Tudo o que se refere à vida interior de cada pessoa (314 referências)
3. A docência (226 referências)
4. O Instituto (138 referências)

Quando o Superior mantém com seus Irmãos uma correspondência de Regra, é normal que os temas mais comuns sejam diretamente orientados para seus problemas. É preciso, antes de tudo, firmá-los na sua Vocação (43). O Instituto é jovem e os Irmãos ainda mais. Por

isso, a Direção (no sentido espiritual e institucional: 33 citações) é um dever capital para continuar o trabalho de um postulante e de um noviço curtos, ou para aperfeiçoar a formação dos Diretores. Ele anima, pede generosidade e energia, instiga a suportar as penas, os sofrimentos, ou doenças⁴.

Seus Irmãos são religiosos e este caráter deve ser reforçado por intensa vida interior. Meditação, oração, relações frequentes com Deus (amor, confiança, vontade), por Jesus e Maria, caridade fraterna, apoio mútuo, estudo religioso: tantos meios indispensáveis para se conservar como bom religioso, fiel discípulo do Fundador.

Eles também são professores e essa recordação aparece como observação anexa, porque se trata de

⁴ É, no entanto, interessante notar que o Irmão Francisco nunca foi oficialmente diretor de comunidade antes de ser nomeado Diretor Geral e que apenas o será depois do Generalato, em Notre-Dame de I Hermitage, isto é, quando ele parou de escrever.

problema mais estrutural que se ajusta, oficialmente, com os Diretores. Todas essas ocorrências giram em torno dos alunos, dos recreios, do zelo, mas também das mudanças e dos trabalhos.

Essas cartas são pessoais, mas não deixam de lado o Instituto, a “Sociedade” como escreve muitas vezes o irmão Francisco. Nelas se encontram avisos gerais, a recordação do espírito do Instituto e das Regras, notícias dos Capítulos Gerais, dos missionários da Oceania, do andamento do Instituto. O Superior precisa às vezes de informações que as solicita, e responde aos votos de Feliz Ano Novo.

Mas importa passar das generalidades a exemplos concretos revelando no Irmão Francisco o coração de mãe, sofrendo com os que sofrem, instruindo, explicando sem se cansar, mas sem abandonar uma grande firmeza.

LEITURA DAS CARTAS

A primeira impressão que decorre da leitura dessas cartas, provavelmente dirigidas a jovens Irmãos, é o tom caloroso de seus preâmbulos, ou conclusões tanto para os jovens Irmãos quanto para os Diretores. Por exemplo, provavelmente para jovens Irmãos:

1424 “Recebi sua carta com terníssimo interesse”

1495 “Abraço-o de todo coração, prometo-lhe não o esquecer e tomar o mais paternal cuidado de você”⁵.

E a um Irmão Diretor:

1582 “Você sabe que desde o momento em que o conheci, sempre o amei. Amo-o ainda mais agora, que você me representa e que vai me fazer uma família de santos. Reze para mim e eu rezarei por você todos os dias...”

Não se trata de um chefe que governa seu grupo de longe e do alto, mas de um pai - e mãe - que olha por todos, fazendo-lhes conhecer com toda sinceridade e verdade, o fundo de seu coração e o primeiro cuidado que o anima. E esse amor pessoal conduz com naturalidade à busca do amor fraterno, da união nas pequenas comunidades da época:

1421 “Conservem, com cuidado, essa paz entre vocês, essa doce união, essa caridade fraterna que fazem a felicidade da vida religiosa e que os tornam tão fortes para superar as dificuldades e obstáculos que se opõem à nossa salvação”⁶.

Não é questão de amor simplesmente humano, mas da aplicação dos sentimentos que reinavam na Sagrada Família. Este amor leva o Irmão Francisco a se entristecer com os sofrimentos dos Irmãos e também a se regozijar com os acontecimen-

⁵ Igualmente 1427, 1430, 1472, 1481, 1653.

⁶ Ver também: 1422, 1428, 1447.

tos felizes que dizem respeito a seus correspondentes, nunca esquecendo o papel positivo da alegria.

1425 “Compaço-me de suas penas e de sua preocupação em relação ao trabalho que lhe é confiado.”

1434 “Desejo muito vê-lo contente, alegre, feliz e satisfeito, no meio de seus bons Irmãos”⁷.

Nas comparações que usa, aparece até mesmo certo humor:

1436 “Cultive sempre bem seu jardim espiritual, remexa a terra, tire as pedras, passe o ancinho, semeie, plante, regue, arranque, corte, torne a plantar, etc. No jardim sempre há o que fazer, em qualquer tempo e estação”.

1572 “É no combate, e não no quartel, que o soldado ganha a medalha de honra”⁸. (C.1572)

Mas esse calor humano não é apenas sentimento. Será imitado pelos diretores que devem, além de seus alunos, dirigir e formar os jovens, cheios de boa vontade e de ignorância. Que, por conseguinte, provem que têm paciência, bondade, condescendente, mas determinado:

1470 “A primeira coisa que deve fazer com seus Irmãos é a de não se mostrar surpreso com seus defeitos e imperfeições, e com todos os aborrecimentos que lhes dão, do que se estivesse ouvindo a brisa do inverno. É mesmo preciso esperar que isto aconteça e contar como coisa certa. E sejam lá quais forem seus defeitos, erros e falhas, nunca perder a esperança com eles.

Acontece com a virtude o mesmo que com a ciência: só se adquire por graus, pouco a pouco, com muito esforço, com frequentes lições, muitas vezes repetidas, como ocorre com nossos alunos. Da mesma forma, a virtude só entra no coração, pouco a pouco, com o tempo, e por assim dizer, gota a gota. É preciso vertê-la pouco a pouco, introduzi-la no coração do jovem, mais ou menos como se introduz um líquido num frasco de gargalo bem estreito. Se o derrarmos de uma vez, o líquido cairá fora. Não entra quase nada. Se o vertermos devagar, gota a gota, ou como um filete, ele entra facilmente, nada se perde, e o frasco logo está cheio

1491 “Outra coisa que lhe recomendo é a de cuidar do jovem Irmão e nada negligenciar para formá-lo bem, e fazer dele um bom Irmão. É preciso que não se surpreenda nem se preocupe demais com todas as pequenas contrariedades que terá com ele. São devidas à fraqueza humana. Cada qual tem seus gostos, seu humor, seu caráter, suas inclinações, suas manias, e mesmo caprichos que alimenta, que não supera senão com extrema dificuldade, e pelos quais é, às vezes, dominado contra sua vontade. Esse Irmão, às vezes se perde, comete infantilidades, mostra-se indócil, negligencia seus deveres. Estou longe de desculpá-lo e ainda menos de aprová-lo; mas quantos esforços, quantos sacrifícios, não tem que fazer, na sua idade para se vencer, para se dominar em muitas circunstâncias e para não abandonar tudo!”

⁷ Ver também: 1439, 1540, 1559.

⁸ Ver também: 1462, 1617.

Será que é por causa de sua saúde, muitas vezes fraca, que o Irmão Francisco sempre se interessou pelos cuidados médicos dados aos Irmãos? É igualmente, como o diz o Irmão Avit (2ª etapa: 1819) porque *“O Bom Padre deu lições de latim a seu discípulo e lhe fez estudar medicina. O futuro Superior Geral foi em primeiro lugar, guia dos enfermeiros e o amigo dos doentes que aliviou do melhor modo possível.”* Mais tarde, como enfermeiro em I Hermitage, aprofundará seus conhecimentos médicos, como provam os numerosos cadernos nos quais copia conscienciosamente, os diagnósticos e remédios da época. Sabemos que a expectativa de vida no meio do século XIX era menor que a atual, e as condições sanitárias, o trabalho e a alimentação a tornavam ainda mais curta entre os Irmãos. Compreende-se então este cuidado num Superior que vê morrerem muitos jovens religiosos.

1475 “O senhor me diz que tenho dois jovens bem doentes. Sabe que isso me toca o coração e quero saber exatamente qual é a doença com todas as circunstâncias, e estou ainda mais interessado em saber os remédios que lhes dão, e os meios que empregam para curá-los.

Desejo então que, com toda a sinceridade e bondade de seu coração, me diga:

1475 1º- Se ama estes dois pobres jovens como os outros e mesmo mais que os outros, porque

estão mais doentes, e que, por conseguinte, necessitam de amor mais forte, e mais generoso”⁹.

Proporá seus próprios remédios dos quais o primeiro – e mais sábio – consiste numa vida tranquila, regular, equilibrada, e comida suficiente.

1591 Quero também que o senhor tome razoável cuidado de sua saúde e da de seus Irmãos. Alimentem-se bem de acordo com a Regra. Não cometam nenhuma imprudência. Tomem cuidado nas viagens, nos passeios para não apanhar excesso de calor ou de frio. Não gritem, não falem muito alto nas aulas. Entrem e saiam exatamente na hora”.

1664 “Quanto à sua indisposição, o que há de melhor a fazer, salvo o parecer do médico, é seguir um regime conveniente, isto é, tomar o alimento que lhe convém, sem se preocupar nem se chatear. Nas indisposições e doenças crônicas, cada qual deve ser um pouco o próprio médico e quando acertamos, ater-se a isso”.

Ele utiliza o modo medicinal como imagem da vida espiritual.

1563 “Oh! Como uma boa infusão dessas virtudes, tomada todo dia pela manhã, ao meio dia e à tarde, acalmaria logo, os excessos de febre, e abrandaria as amarguras que poderia ressentir nesses encontros e lhe proporcionariam agradavelmente essa calma, essa paz, essa doçura e esse santo contentamento da alma que tudo recebe da mão de Deus, e que se alegra de ter que sofrer algo por seu amor”.

⁹ 1524, 1688.

A bondade, tão evidente nele, em nada impede a firmeza que manifesta claramente quando a necessidade se faz sentir. A um Diretor que parecia ser carente desta virtude, não mede as palavras:

1475 “Estou bem acostumado a combater, mas não posso me acomodar em ceder. Não quero que o demônio domine, que as paixões triunfem. Prefiro fazer-lhes guerra o ano todo, a vida inteira. Há diretores que neste ano tiveram problemas sérios, sobretudo, com seus Irmãos e com pessoas de fora. Não cedi e posso me aplaudir por isso, porque os negócios se arranjaram e os Diretores estão contentes.

Se lerem minhas cartas com atenção, verão que têm um objetivo totalmente diferente e que desde o começo do ano, eu procurei fazer-lhes imbuir-se bem do espírito da Sociedade e formá-los para que orientem bem seus Irmãos e o estabelecimento. Vocês estão no meu lugar, vocês são meus representantes diante dos Irmãos. Eu gostaria que vocês falassem, que vocês agissem, que vocês os tratassem, em tudo, como vocês sabem que eu faço, que tivessem a respeito deles, os mesmos sentimentos e as mesmas disposições que eu, e então não é possível que os Irmãos não se submetam e não se doem: uma longa experiência nos ensina isso”¹⁰.

É ele o responsável! E, como bom administrador, não teme descer aos detalhes quando se dirige, provavelmente, a um mestre de noviços:

1449 “Recebi, com muito interesse, as diversas composições de seus bons noviços e me sinto feliz, ao constatar que entre eles há alguns bem adiantados nos diferentes aspectos da docência. Mas gostaria que o senhor me desse também uma informação sobre cada um deles, como fazia, no ano passado, o Irmão Marie-Protais. Para isso, poderia se entender com ele e com o Irmão Diretor, quando este voltar. Esta informação conteria o nome, a idade, a região, a data de entrada no Instituto de cada noviço. Depois, nela marcaria o estado de saúde, suas aptidões, seu caráter; de que meios dispõe, que disposições apresenta, se é piedoso, dócil, sociável, apegado à vocação, se tem bom senso, juízo, se ele é levado a fazer com alegria tudo o que se lhe manda e se o faz bem. Você me daria, enfim, todos os detalhes e toda informação necessária para bem conhecer uma pessoa, a fim de poder depois bem orientá-la”.

Em 1860, o Irmão Francisco é desonerado da direção do Instituto, no silêncio e no recolhimento de I Hermitage, mas mesmo assim não tolera infrações à Regra. É por isso que repreende um Diretor um tanto negligente:

1672 “Soube, com pesar, que seus Irmãos vieram, ontem, banhar-se na reserva, sem me dizer palavra, nem apresentar qualquer documento para dizer que estavam em regra. O Senhor sabe que é um escândalo para a casa e um grande desgosto para os superiores. Já não recebemos bastantes lições fortes a esse respeito?... Se seus Irmãos precisam tomar

¹⁰ 1547, 1561.

banhos, que se ponham em regra e que o mostrem. Já é a segunda vez que me sinto obrigado a lhe escrever, para chamá-los à ordem, no espaço de algumas semanas de intervalo. Desde que estamos juntos, isto ainda não me tinha acontecido”.

Uma carta na qual se manifesta seu espírito de pobreza, parece nos informar sobre as circunstâncias de sua partida de Saint-Genis, em 1860, que num primeiro momento, não parece ter sido concebida como definitiva.

1679 “Como parece que eu ainda ficarei algum tempo aqui, onde me senti tão bem com minha numerosa e brava família de noviços e postulantes, que volta para perto de vocês, peço-lhes de me mandarem na primeira ocasião, meu hábito velho, minhas velhas calças e dois pares de meias. Vocês encontrarão isso na gaveta mais baixa da cômoda do meu quarto”.

Se existe uma preocupação, jamais terminada, sempre no canteiro de obras, cujo equilíbrio, num lugar, se obtém mediante um desequilíbrio em outro, é bem o dos envios e das colocações. O superior tem que se mover entre a necessidade e a obrigação. Tomemos como exemplo o que escreve a um Irmão da Província de Beaucamps:

1701 “Pensei várias vezes em mandar-lhe um ajudante, mas sabedor da enorme dívida que lhe deixou seu predecessor, sempre recuei e falhei, contra a minha boa vontade. Por outro lado o senhor mesmo, na visita que fez a Beaucamps, pôde perceber a penúria de elementos que existe na casa. O senhor ficou

sabendo que fomos obrigados a empregar indivíduos que não tinham o brevê e nem mesmo terminado o noviciado”.

Perante esta tarefa imensa poderíamos desanimar, mas Francisco, fiel imitador de seu mestre, Marcelino Champagnat, apoia-se na mesma convicção que Maria nos protege. Muitas vezes, usa os mesmos termos. Em várias cartas (1433, 1510, 1513), recorda a doçura da proteção de Maria: “*A gente está tão bem!*” A outro Irmão aconselha:

1538 “Recomende-se frequentemente à Santíssima Virgem e consagre-se a Ela cada dia. Esta Boa Mãe que o ama como seu filho, cuidará de você. Siga-a e não se desgarrará. Reze a ela e você sempre será vencedor. Deixo-o com confiança entre suas boas mãos”.

Não posso terminar estas amstras sem retomar o que ele não se cansa de repetir a seus Irmãos: a Regra, o Instituto, é o “bom Pai”.

1650 “Estou com os sentimentos da mais cordial afeição, e em união com suas orações na capela, na casa e no túmulo do Champagnat”.

1666 “Eu o convido, também, a assimilar bem as Regras e Constituições, para poder citá-las corretamente, em seus conselhos e recomendações, de modo que os Irmãos percebam que não é você que fala, manda, exige, mas são as Regras, que é o Pe. Champagnat.

1678 (1872) “É com acréscimo de consolação e felicidade que vejo a família de nosso venerado Fundador crescer e multiplicar-se tão admiravelmente, apesar das dificuldades dos tempos”.

AS CARTAS PESSOAIS E AS TRADIÇÕES A RESPEITO DO IRMÃO FRANCISCO

As cartas confirmam sua imagem de primeiro e fervoroso discípulo do Fundador. Mas apresentam-no também como superior, ao mesmo tempo, fraternal e firme. Sobre este ponto parecem contradizer uma tradição veiculada particularmente pelos Irmãos Luís Maria, João Batista e Avit.

A este respeito nada mais forte do que a circular (tomo IV, p.239) consagrada ao Irmão João Batista, depois de sua morte em 1872, pelo Irmão Luís Maria, estando ainda em vida o Irmão Francisco. Para ele, “o Venerado Pai, deve (ao Irmão João Batista,) o fato de ter sobrevivido a si mesmo por mais 32 anos” e por

consequente, “*não é para nós como um segundo Fundador?*” O Irmão João-Batista “*teve no Instituto, uma missão toda especial, a de constituirlo e completá-lo*”, pois pessoa alguma foi capaz “*de penetrar como ele podia fazê-lo, no pensamento íntimo e original do Padre Fundador [...] de voltar com o mesmo conhecimento das pessoas e das coisas, à origem do Instituto; para determinar, com a mesma autoridade, o espírito, a finalidade, as regras, de acordo com o Regime e o Capítulo Geral*”.

O Irmão Francisco, embora primeiro superior e o mais antigo discípulo, parece então bem esquecido. Mas já na biografia do Irmão Luís Maria, (*Biographies de quelques Frères, pág.30,1868*), o Irmão João-Batista havia formulado um elogio bastante ambivalente:

“O Irmão Francisco sempre se distinguiu por uma atração acentuada pela vida oculta, pelo espírito de oração e de união aos mistérios de Nosso Senhor. Foi por este meio que se elevou a essa alta virtude que todos admiramos nele e que prestou tão grandes serviços ao Instituto. Como Superior Geral, deixa normalmente os problemas da administração a seus assistentes. Encarrega-os de tratar os negócios com os homens, enquanto ele, elevando as mãos aos céus, trata-os com Deus, e obtém essas graças de bênção que foram a causa fundamental do desenvolvimento e prosperidade extraordinária do Instituto”.

Nos Anais, o Irmão Avit formulará, de acordo com seu costume, os julgamentos mais afiados:

“Embora fosse muito estimado por todos, o Irmão Francisco não tinha o caráter, a iniciativa, o entusiasmo do Pe. Champagnat. Ele não possuía os corações e não dominava as vontades como o fazia tão bem o pranteado defunto. Apreciava-se pouco seu modo frio, lento e sentencioso nas instruções. Era tido por meticuloso, dando às vezes muita importância a faltas leves, aceitando dificilmente desculpas e temendo muito as observações.”

Evocando (1850, §53) a circular sobre o espírito de fé, publicada pelo Irmão Francisco, a partir de 1848¹¹, o Ir. Avit parece estranhar alta doutrina que nela se encontra e continua:

“ós nos permitimos dizer que esta era, sobretudo, obra do Pe. Matricon e do Irmão Luís Maria¹².

Ademais, o Irmão Francisco começava a se sentir frequentemente can-

sado por dores de cabeça que lhe tornavam penoso qualquer trabalho sério.

Quando o Irmão Francisco renunciou, em 1860, o Irmão Avit insistirá um tanto pesadamente a respeito de sua afeição por I Hermitage e seu desejo de deixar o governo (1860, § 25, 67). Enfim, comentando a notícia de seu falecimento (1881 & 35) se contenta com estas palavras:

“... No entanto, nada acrescentaremos ao que já dissemos, em diversas ocasiões, a respeito deste virtuoso falecido, a não ser o seguinte: a seus conhecimentos médicos, juntava doce aptidão para a poesia religiosa. Foi ele quem compôs quatro hinos de nossa coleção”.

O Irmão Silvestre traz a tradição contrária. Nas suas memórias do Pe. Champagnat, cita 35 vezes, o nome do Irmão Francisco¹³ e não apenas como Irmão modelo. Quando expõe o “*maravilhoso desenvolvimento da*

Congregação”, depois da morte do Pe. Champagnat, (p. 224, 225), enfatiza fortemente, o eminente papel do Irmão Francisco e evita recordar o nome do Irmão Luís Maria na aquisição e construção de Saint-Genis-Laval.

¹¹ Será escrita em quatro partes.

¹² É certo que o Irmão Francisco não redigiu sozinho esta circular, mas o Irmão Avit exagera quanto à pequena parte que nela teve.

¹³ 21 vezes o Ir. Luís Maria e muito pouco o Ir. João Baptista. É verdade que seu texto se refere constantemente à Vida do Fundador.

“Sob seu sucessor imediato, as vocações se tornam mais numerosas, as fundações se multiplicam, de forma que l’Hermitage, este grande relicário do Pe. Champagnat, como a chamava o Irmão Francisco, o primeiro superior geral, não é mais nem uma casa bastante espaçosa, nem bastante conveniente para ser o centro do Instituto. [...]. Saint-Genis-Laval, município situado a alguns quilômetros de Lyon, é designada para ser o local da futura Casa Geral da Congregação, e l’Hermitage não é senão uma sucursal, preciosa sob todos os aspectos.

[...]

Depois, sempre sob seu sucessor, o Irmão Francisco, dá-se a aprovação da Congregação pela Santa Sé, com a faculdade de eleger canonicamente um Superior Geral e de fazer os votos simples de consagração”.

UM CONVITE A APROFUNDAR

Parece-me que o estudo das cartas, acima feito, contribui para reforçar a tese do Irmão Silvestre, a tornar frágil o julgamento do Irmão Avit, a amalgamar com o do Irmão Luís Maria e do Irmão João Batista. Com efeito, é sob o generalato do Irmão Francisco que acontecem mudanças fundamentais no Instituto que não são devidas apenas a estes dois Assistentes. E o Irmão Avit parece ignorar que depois da demissão, o Irmão Francisco teve ainda numerosas atividades de formação dos Irmãos (conferências, retiros) como testemunham seus cadernos. Mas é pena e estranho que nada nos tenha sobrado de sua correspondência depois de 1860, porque é pouco provável que sua atividade de diretor espiritual tenha parado. Além disso, é também difícil abstrair de fatos comprovados (seus problemas de saúde, sua precoce saída de cena...) e de opiniões reservadas a respeito do personagem. Apesar

dos trabalhos empreendidos sobre o Irmão Francisco, este continua a nos parecer muito “desconhecido e oculto”.

Concluindo, o que nos trazem estas páginas sobre o Irmão Francisco? Confirmam sobretudo, o que sabíamos dele.

A criança de dez anos, levada ao recém-nomeado vigário de Lavalla, primeiramente por seu irmão mais velho e depois pela mãe, que Iho confia mesmo ignorando o futuro dele; a quem Champagnat vai fazer começar o estudo do latim (quando ele mesmo teve tanta dificuldade!), e proporcionar-lhe rudimentos de medicina; e que ele ligará a seu Instituto nascente, vendo nele um de seus primeiros discípulos, é para nós um modelo de obediência e docilidade, como o afirma o Irmão Avit, nos Anais. Sempre foi reservado, reflexivo e prudente, mas quando as responsabilidades lhe foram propostas e viu nelas a vontade de Deus, por meio de seu superior, aceitou as

responsabilidades e preocupações com competência e consciência. Todos os Irmãos eram para ele verdadeiros Irmãos do coração. E, chegando ao final da vida, retirou-se com o máximo de discrição possível, ficando sempre ao serviço dos seus, na sua casa de I Hermitage, relíquia de seu mestre e modelo, Marcelino Champagnat.

E assim, suas cartas pessoais, ao revelarem o fundo do coração do Irmão Francisco, iluminam o leitor do século XXI, a respeito da quintessência de nossa especificidade. Embora as condições de toda ordem sejam diferentes, entre nós e no mundo ao redor de nós, esse espírito de nossas origens deve continuar a nos inspirar, na necessária evolução do Instituto.

Um Ícone da Missão Marista **O ADOLESCENTE MONTAGNE**



Ir. Manuel Mesonero

INTRODUÇÃO

O relato “do jovem Montagne converteu-se no arquétipo de todas aquelas crianças e jovens aos quais a missão marista se deve dirigir¹”. Para encontrar o significado preciso e completo do encontro de Marcelino com o adolescente Montagne, precisamos conhecer o contexto em que aconteceu, mas, sobretudo, compreender o significado que ele deu ao fato e o impacto que ocasionou a poucas semanas da data de fundação de sua obra.

Pra atingir esse objetivo, proponho conhecer e analisar os escritos de Marcelino que transmitem a origem de sua inspiração para fundar a obra marista. Desse modo poderemos ter uma ideia global do que significou para ele o encontro providencial com nosso protagonista: o adolescente Montagne. Assim, antes de abordar

o relato do encontro com o adolescente, é necessário verificar o que aconteceu anteriormente para se ter uma visão ampla e poder oferecer um significado global do acontecimento. Disso decorre a necessidade de que este texto percorra um caminho mais longo que convido a fazer comigo.

UMA INSPIRAÇÃO JÁ PRESENTE EM SUA CONVERSÃO: CATEQUIZAR

Os autores situam a conversão de Marcelino após a metade de sua carreira eclesial, durante período em que morreu sua mãe, em 1810. O sofrimento e a dor de sua ausência, unida à notável melhora da vida no seminário de Verrières², deu-lhe a oportunidade favorável para refletir sobre o sentido de sua vida e as metas que queria alcançar. Nosso se-

¹ Cf. OM. IV, p. 120.

² A mudança propiciou um novo diretor, Jean Joseph Barou, de personalidade mais organizada e com maior autoridade sobre os jovens seminaristas.

minarista tinha então 21 anos. Dois fatos confirmam essa conversão: a mudança resultante da avaliação positiva de seu comportamento e seu diário de bons propósitos, que apresentam suas resoluções³:

“Oh meu Senhor e meu Deus, prometo não mais Vos ofender... não voltar mais à taberna sem necessidade; fugir das más companhias; em uma palavra, não fazer nada que vá contra Vosso serviço. Ao contrário, dar bons exemplos...; instruir os outros em Vossos divinos preceitos; ensinar o catecismo tanto a pobres como a ricos. Fazei, Divino Salvador, que eu cumpra todas essas resoluções assumidas.”⁴

O manuscrito reúne todos os elementos essenciais que demonstram uma verdadeira e sincera conversão. A primeira resolução, “não mais Vos ofender”, é transparente: Marcelino define sua vida a partir da moralidade e procura abster-se da ofensa a Deus. O compromisso de “não voltar à taberna sem necessidade” nos adverte que a atividade de ir aos bares em seu tempo livre foi persistente. A expressão “não voltar” indica deixar algo que ainda estava fazendo e afetava o desapego de um costume arraigado. A resolução “fugir das más companhias” sugere uma estratégia muito conhecida, pois é uma disposição de todos os tempos: a fuga. Os maus amigos corrompem

os bons costumes, por isso a necessidade de deixá-los.

A segunda série de propósitos começa por “dar bons exemplos”. Marcelino se percebe também como luz e testemunho: “vós sois a luz do mundo” (Mt 5, 14). Continua em seguida com “instruir os outros”, em que se percebe seu desejo de vislumbrar sua missão de guiar como pastor aqueles que um dia farão parte de seu rebanho.

O último propósito, “ensinar o catecismo”, só pode nos emocionar, pois faz lembrar, desde o primeiro escrito, sua inclinação mais singular: a de ensinar as crianças, evangelizá-las, conduzi-las a Deus. Catequese é o caminho preciso para educar um público determinado: a infância. Um dia, não muito depois, encontrará, exatamente nessa tarefa, sua missão de fundador. Desde a primeira hora de sua conversão se constata como o Espírito o inspira nessa direção.

Nos testemunhos de suas férias em Rosey, temos a prova que confirma que seus propósitos o levaram a realizar seu projeto:

“Disse Champagnat a algumas pessoas de Rosey: ‘Se vierem, ensinarei o catecismo e lhes direi como devem viver’. A pequena casa se encheu:

³ Esse manuscrito está sem data. A referência a 1812 é apenas uma possibilidade remota. Esse texto é autônomo e anterior ao manuscrito datado nesse ano porque indica um início, alguns propósitos e um final. Balko indica a data de 1810, e é a que nos parece a mais razoável e a que mais se ajusta ao contexto e ao resto dos dados que temos de Marcelino.

⁴ Resoluções 28.

nos domingos seguintes o povo acudia das aldeias de La Frache, La Faye, Ecotay, Marconière, Montaron e Allier; a habitação era insuficiente. Ele se apoiava de pé sobre o umbral da porta e falava ao auditório, que lotava o quarto e parte da residência vizinha. Apesar de ser muito jovem, pregava tão bem que as crianças e os adultos permaneciam com frequência duas horas sem se aborrecer. Quanto a mim, embora muito jovem, pois só tinha dois anos, não me cansava de escutá-lo. Ele explicava as coisas tão bem...!⁵”

A menina Juliana Epalle, sua vizinha, reconhece a mudança produzida quando Marcelino voltou a Rosey em suas férias de verão e avalia a explicação do catecismo como um dom especial do jovem seminarista.

A INSPIRAÇÃO SE CONFIRMA

Se continuarmos a analisar seus escritos, constataremos que, no final do primeiro ano de teologia em Lyon, em 1814, ele elaborou seu plano de férias. Marcelino voltou ao lugar onde já não mais moravam seus pais. Nesse plano ele se coloca como referência. Diante do rigor e

da meticulosidade do modelo de férias do Manual do seminário⁶, mantêm-se livre, priorizando o amor à família e a paixão por seus apostolados favoritos. Em referência à família, ele a situa como sua primeira obrigação, antes mesmo do que a oração⁷. Nos relacionamentos declina de qualquer privilégio social que já se atribuía a quem “vestia batina” e se propõe “a ficar na casa de seus familiares”. E as propostas sobre seus apostolados favoritos retratam os elementos mais genuínos de sua personalidade:

12º Instruir os ignorantes, ricos ou pobres, no que se refere à sua salvação.

13º Visitarei os doentes sempre que me for possível⁸.

Seu programa incide de novo na catequese para todos, “ricos ou pobres”, e adverte sobre a constância dessa ação repetida no tempo. A confirmação desse plano encontra-se nos testemunhos dos anciãos, cujas lembranças da infância ainda estão gravadas na memória: “*Os anciãos ainda recordam comovidos*

⁵ (SUMM 44) Sra. Juliana EPALLE SUMMARIUM, PRIMA POSITIO, 1910. Cf. Também: CARAZO, Agustín (Postulador), “Témoignages sur Marcellin Champagnat”, Enquête Diocésaine, Roma, 1991, p.197 ch336001.doc

⁶ O manual do seminário dedicava vinte páginas com orientações aos estudantes para suas férias em anexo denominado: “Regulamento de vida para as férias”. Nessa seção havia muitas orientações concretas e práticas sobre elas. Gastón de Pins. J.P. *Petit manuel a l usage du séminaire de S. Irénée*. Lyon: Rusand, 1833, p. 214-235

⁷ Estes são os propósitos relacionados à família:

1º Passarei minhas férias com minha família.

2º Farei poucas viagens.

3º Adaptar-me-ei, sempre que possível, à maneira de viver de meus familiares. Tratarei a todos com cordialidade e caridade. Procurarei conquistá-los todos para Jesus Cristo com meus exemplos e minhas palavras. Não lhes direi nenhuma palavra que possa aborrecê-los ou causar-lhes mal. RESOLUÇÕES. Marcelino.

⁸ RESOLUÇÕES.

suas piedosas instruções durante as férias, quando estava no seminário maior...⁹”. Essas crianças nos fazem compreender que a primeira localidade onde descobriu seu carisma pessoal como educador e catequista foi em sua cidade natal. Esse dom pessoal deu lugar, poucos meses depois, ao que seria seu carisma como fundador:

Ele nos falava com frequência das missões e da felicidade de converter as almas a Jesus Cristo. E quando meu irmão, martirizado na Oceania em 1845, abandonou a casa paterna sem dizer nada a ninguém, meu pai demonstrava ressentimento contra o padre Champagnat, pois estava persuadido de que a ideia de ir às missões vinha das exortações do seminarista Champagnat.¹⁰

Junto ao dom de ensinar, aparecem também, pela primeira vez em seus escritos, as visitas aos enfermos. Percebemos nessa ação apostólica seu coração compassivo, que o impulsionava a realizá-las. Interessa aqui, de modo especial, acompanhar com atenção a evolução dessas atividades apostólicas de Marcelino, porque o caso Montagne é justamente a integração de duas circunstâncias: a atenção a um doente grave e a urgência que esse tem de ser catequizado.

O CHAMADO COMO FUNDADOR DE UM NOVO CARISMA

Quando Marcelino volta de suas férias para começar o 2º semestre de Teologia (1814-1815), reinava uma monarquia que não conseguiu se estabilizar. Foi então que Napoleão, retornando da Ilha de Elba, voltou ao primeiro plano e assumiu o trono, enquanto os Bourbons fugiam para a Bélgica. Foi o período conhecido como os Cem Dias¹¹. Em 23 de Junho de 1815, cinco dias depois da derrota de Napoleão na campanha de Waterloo, em 23 de junho de 1815, o bispo de Grenoble oficiou a cerimônia do diaconato de Marcelino e seus companheiros.

Com a Restauração de Luís XVIII, a Igreja começou a se organizar, resgatando um clima de religiosidade popular com o objetivo de recristianizar a sociedade francesa. Essa mudança política também ocorreu no seminário de Lyon com entusiasmo. Sob a proteção desse sentimento eclesial propagado pelos formadores, que intuía que para tarefa tão grande os seminaristas eram imprescindíveis¹², surgiram diversas instituições religiosas, como a Sociedade de Maria.

⁹ CPO, p.315.

¹⁰ O testemunho é de Julienne Épalle. Seu irmão era mais jovem do que ela, assumiu o sacerdócio e morreu martirizado. O irmão marista Gennade Rolland foi testemunha do assassinado do monsenhor Epalle nas ilhas Salomão, em 1845. SUMM 71

¹¹ Esse período vai de 20 de março de 1815 até 28 de junho de 1815, data da segunda restauração de Luís XVIII como rei da França. Dessa vez a monarquia duraria mais tempo.

¹² Neste contexto aconteceu uma explosão de instituições que, com muita rapidez e em poucos anos, ocuparam uma posição notável ao lado das grandes ordens antigas.

A origem dessa sociedade foi um grupo de cerca de quinze seminaristas que se formou ao redor de Jean-Claude Courveille. Ele se converteu em seu iniciador e líder¹³. Marcelino, também convocado, estava entre eles. Suas reuniões projetavam um futuro apostólico e missionário cheio de entusiasmo.

Marcelino teve uma participação ativa e especial no grupo. Ele sentia fortemente que, no projeto dessa congregação mariana, deveria haver um ramo de irmãos catequistas. Repetia: “precisamos de irmãos”. Os demais membros do grupo não se opunham, porém, para eles, a ideia de Marcelino parecia de menor importância¹⁴. Após insistir muito, o grupo se resignou ao projeto de fundação dos irmãos: “Está bem. Você se encarregará dos irmãos, pois é sua a ideia”¹⁵. Desde então, essa tarefa constituiria para ele a missão de sua vida. Seu companheiro Collin, que mais à frente seria o primeiro superior geral da Sociedade de Maria, recorda, muitos anos depois, esses fatos e a posição específica de Marcelino:

A ideia desse Instituto corresponde exclusivamente a ele (ao senhor Champagnat). Foi ele quem, recordando o quanto lhe havia custado estudar, dizia a seus companheiros: precisamos fundar também irmãos educadores¹⁶.

E o dia esperado de sua ordenação chegou após onze anos de formação. Foi no dia 22 de julho de 1816. Marcelino tinha então 27 anos. E no dia seguinte, 23 de julho, doze jovens sacerdotes se dirigiram ao santuário da santíssima Virgem, em Fourvière, onde fizeram a promessa de fundar a Sociedade de Maria. Esse ato é considerado como fundador da Sociedade de Maria:

Tudo para a maior glória de Deus e pela honra de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nós... temos... a firme vontade de nos consagrar... à fundação da piíssima congregação dos Maristas... para glória de Deus e honra de Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo... Prometemos... oferecer nossas pessoas... para a salvação das almas por todos os meios possíveis... Assim seja¹⁷.

É interessante ler o texto com o olhar de Marcelino: o que significava para ele a promessa de Fourvière? Significava um compromisso especial de fundar uma “congregação” que abrangia diferentes ramos - padres, irmãos e irmãs - porém como uma só congregação. Em especial, assumiu o compromisso de levar avante o ramo dos irmãos:

“Elevado ao sacerdócio em 1816, antes mesmo de deixar o seminário de Lyon, pensei seriamente em criar uma sociedade de professores que, creio, deve ser consagrada à Mãe de Deus.¹⁸”

¹³ Tratava-se de um seminarista novo, que havia entrado em Santo Irineu durante o 2º ano de Teologia. Courveille confessou que havia se inspirado no dia 15 de agosto de 1812 em Puy (cfr. OM 2, doc. 718 (5), pág. 580).

¹⁴ P. Zind, *V-M*, N. 138, p. 3.

¹⁵ Essa expressão aparece em sua biografia. VIDA, capítulo 3.

¹⁶ OME, doc. 171, pág. 470.

¹⁷ OME, doc. 15, págs. 58-64.

¹⁸ CARTA 34. Ao rei Luís Felipe.

O texto não oferece dúvidas: “antes de terminar o seminário de Lyon” indica que, estando próximo de seu sacerdócio, mas “antes de terminar” como seminarista, pensou com seriedade no instituto dos irmãos. E a consagração da instituição a Maria começou em Fourvière. Ignorantes dos problemas que viriam, os jovens sacerdotes se dirigiram com entusiasmo a suas respectivas nomeações. Marcelino foi nomeado para La Valla.

Antes de se encaminhar à sua paróquia, escreveu quatro pontos básicos para sua futura vida sacerdotal. Esse programa reflete uma síntese entre suas iniciativas pessoais e a formação recebida de seus formadores. Novamente Marcelino, em seu pequeno plano, reivindica a si mesmo:

“Diante da perspectiva de uma ação apostólica iminente, retoma seu dinamismo natural e sua espontaneidade”¹⁹.

Em seu primeiro compromisso nota-se sua prioridade pela compaixão:

1° Depois do almoço me dedicarei a visitar os enfermos da paróquia, se houver. Mas antes farei uma visita ao Santíssimo Sacramento toda vez que sair, seja na paróquia ou nos povoados; quando regressar visitarei novamente o Santíssimo...”

Ao longo de suas próprias obrigações, como eram a celebração da Eucaristia, a revisão obrigatória das rubricas ou meditação diária, assume por iniciativa própria o compromisso de cuidar dos doentes²⁰. Deixa-se levar, mais uma vez, por seu coração compassivo. Essa atividade apostólica se insere em sua devoção ao Santíssimo, que se propõe a visitar antes de ver os doentes e na sua volta.

Chama a atenção que, a poucas semanas do evento do adolescente Montagne, Marcelino assume a visita aos doentes como seu primeiro compromisso. Fica evidente que se colocava à disposição das aspirações do Espírito e seu ânimo estava preparado para assumi-las.

O ENCONTRO COM MONTAGNE

Marcelino chegou à paróquia de La Valla no dia 13 de agosto, uma quinta-feira. Trata-se de um povoado espalhado pelos profundos vales ou altas escarpas do Pilat²¹, distante 23 quilômetros de sua cidade natal. No sábado, festa da Assunção, celebrou sua primeira missa, apresentando-

¹⁹ BALKO, p. 64

²⁰ O texto das resoluções é o seguinte:

2° Passarei, uma vez por ano, os preceitos do missal.

3° *Minha meditação, que durará meia hora, farei sempre, se possível, antes de sair de casa.*

4° *Não rezarei jamais a missa sem antes ter feito quinze minutos de preparação, mais ou menos, e outro tanto de ação de graças.* RESOLUÇÕES.

²¹ Paróquia populosa situada no cantão de Saint-Chamond (Loira). O censo de 1820 estimou uma população de 2423 habitantes.

se a seus paroquianos. Marcelino, ao iniciar sua vida apostólica, não improvisou, mas trabalhou conforme um plano previamente elaborado, cumprindo com pertinácia seus propósitos escritos.

No dia 6 de outubro, quando completava apenas oito semanas residindo na paróquia, observou um jovem e decidiu falar-lhe de seu projeto. O jovem se chamava João Batista Granjón e tinha 22 anos²². No dia 26, sábado, decidiu-se²³. João Batista lhe pediu para visitar um doente de sua aldeia de La Rive, distante uns quinze minutos a pé. Durante o caminho, sondou o jovem e, no dia seguinte, em circunstâncias semelhantes, fez sua proposta ao jovem e o convidou para que pensasse nela²⁴.

No dia seguinte, dia 28 de outubro, segunda-feira, ocorreu o evento Montagne. Chamaram Marcelino de manhã para atender a um doente que se encontrava em Le Bessat²⁵. A tradição não preservou o nome de quem veio dar a notícia. Uma possibilidade seria Francisco, o irmão do doente, que era carpinteiro. A aldeia, a maior da paróquia, era a mais distante e de mais difícil

acesso. Em pouco menos de dez quilômetros, era preciso superar um desnível de mais de 600 metros. Levava-se um par de horas para chegar lá, e com tempo bom. No inverno, porém, era praticamente inacessível, pois ficava encoberta pela neve durante metade do ano.

Marcelino, sem ignorar as dificuldades, acudiu com presteza, pois considerava uma prioridade de seu apostolado: a atenção aos enfermos. Foi em casos como esse que o coadjutor conquistou sua paróquia, e mais tarde diriam coisas como essa:

“O padre Champagnat amava seus doentes de todo o coração. Visitava-os, cuidava deles e os ajudava a morrer bem, com ternura paternal. Nada o detinha: nem a neve, nem os caminhos inóspitos, nem a escuridão da noite, levando aos moribundos o consolo dos últimos sacramentos da Igreja...”²⁶

Marcelino, recém-chegado ao lugar, deixou-se guiar a seu destino. A estrada atravessava encostas íngremes, florestas, rochas e riachos, o que propiciava uma paisagem espetacular nessa época do ano. Quando chegaram ao Le Bessat, a 1.179 me-

²² OM II, 741.

²³ OM II, 754.

²⁴ Nesse mesmo dia 27, domingo, veio a St. Chamond outro joven de La Valla, Jean Batiste Audrás, para solicitar a entrada no instituto dos Irmãos de La Salle. Porém, ao comprovar sua idade, 14 anos, lhe disseram que esperasse e, enquanto isso, falasse com seu confessor, que era Marcelino, OM IV, 189.

²⁵ Le Bessat pertence ao município de Saint-Étienne, região de Saint-Genest-Malifaux, situado a uma altitude de 1179m. Contava então com 71 habitações e uma população de cerca de 500 pessoas.

²⁶ TESTEMUNHOS. Angélique Séjouard.

tros de altura, os caminhantes ainda precisaram andar meio quilômetro, pois a família do paciente vivia nas aldeias de Les Palais.

Quando chegou à casa, João Batista Montagne, 52 anos, e Clemencia Porta estavam esperando-o, pois seu filho João Batista, de 16 anos, estava muito doente. O consolo e a dedicação que Marcelino podia lhe proporcionar por seu apostolado era prepará-lo para morrer.

O trabalho pastoral de Marcelino cresceu muito em razão das dificuldades especiais que teve de superar. A gravidade da doença se somou à grande ignorância religiosa em que se encontrava o adolescente. Marcelino precisou utilizar suas melhores competências de catequista para fazer João Batista compreender as verdades básicas da fé em momento tão delicado. Quando o considerou preparado, embora de maneira tão precária, o confessou²⁷.

Ao finalizar essa primeira atenção ao adolescente, Marcelino se ausentou por um tempo para ver algum doente na região com a intenção de voltar a visitar a família e acompanhá-la na situação crítica em que se encontrava. No entanto, quando retornou ao lar dos Montagne, o adolescente havia morrido às sete horas do anoitecer. O má-

ximo que o sacerdote pôde fazer foi consolar a família que chorava a ausência de um filho em tão tenra idade. Marcelino não conseguiu prorrogar muito sua permanência com a família Montagne, pois a noite se aproximava e um longo caminho de volta o esperava.

De volta a La Valla, Marcelino voltou a sentir o chamado dirigido a seus companheiros: “precisamos de irmãos”. Os acontecimentos daquele dia, porém, propiciaram a ele um realismo incomum: terminara de atender a um adolescente com uma ignorância tal que não podia nem receber os sacramentos em um momento crucial de sua vida. E tudo em decorrência da falta de educação cristã em sua infância.

“Quantas crianças como essa encontraremos distantes do caminho da salvação?”²⁸

Marcelino, após um dia em Le Bessat, chegou à casa paroquial já de noite, cansado e com um profundo sentimento da URGÊNCIA de começar sua obra.

Passados cinco dias do encontro com Montagne, em 2 de novembro, sábado, dia dos mortos, um adolescente veio se confessar. Tinha 14 anos e se chamava João Batista Audras. Falou-lhe da inquietação pela vida religiosa e de como em La Salle

²⁷ As disposições dos sínodos daquele tempo diziam que não se podia dar a absolvição nesses casos. No 8º encontrava-se: “8º *Aos que ignoramos princípios da fé*”.

²⁸ Cfr. OM 754. ch338001.doc. A expressão não é textual, mas apresenta seu significado básico.

não o havia admitido por causa da idade. Marcelino viu essa circunstância como providencial para ter um segundo candidato. Falou de seus projetos e lhe deu tempo para pensar na resposta²⁹. No mês seguinte, conseguiu adquirir uma casa perto de sua residência paroquial³⁰. Marcelino dedicou dois meses de trabalho duro para torná-la habitável. No dia 2 de janeiro de 1817, quinta-feira, os dois jovens começaram a viver juntos. É a data considerada a fundação da congregação dos Irmãos Maristas.

HISTORICIDADE DO RELATO

A historicidade do relato Montagne está confirmada. Em referência aos fatos, o Ir. Gabriel Michel proporcionou, em 1966, os dados necessários para confirmá-los, começando pelo nascimento e pelos dados do falecimento do adolescente³¹. Esses documentos servem para confirmar o nome do doente, a localização precisa, sua família e a data de sua morte. São informações básicas que a biografia não nos propiciava.

Um dado que pode ser esclarecido é a idade do adolescente. A

biografia o descreve como uma “criança”, enquanto o Ir. Francisco, falando dele, atribuiu-lhe 17 anos, pois com certeza conhecia apenas a data da morte³². O erro foi corrigido ao se verificar a data de nascimento em 10 de maio de 1800, comparando-a com a data do registro do falecimento: dia 28 de outubro de 1816, às 19 horas. O jovem tinha, portanto, 16 anos.

Quanto à narrativa, o testemunho mais antigo existente é um registro do sacerdote Bourdin, que viveu com Marcelino em L’Hermitage de 1828 a 1831. Ele anotou as conversas que manteve com o fundador. Suas observações espontâneas confirmam o núcleo da narrativa oferecida:

[6] Eis o que apressou a fundação da obra: um menino doente nas escarpas do Pilat precisando de ajuda... Sai um momento para visitar um doente; quando retorna encontra o menino morto. Reflexão: ‘quantas crianças longe do caminho da salvação’...³³.

As anotações constituem provas dos elementos essenciais da história: o lugar, embora vago; o paciente e sua morte; o tempo aproximado do evento, antes da fundação, e o erro de cálculo da idade do Marcelino, por razões desconhecidas.

²⁹ OM IV, 189. E lhe deu o livreto “Pense bem.”

³⁰ Tratava-se de um edifício antigo de um vizinho, o sr. Bonner.

³¹ Boletim do Instituto, nº 204.

³² Na data de falecimento há uma confusão, pois figura 17 anos, porém não há dúvida que a idade é 16 anos ao se comparar a data de falecimento com a do nascimento.

³³ OM 754. ch338001.doc.

AS MITIFICAÇÕES DO RELATO

A partir do relato dos fatos, é possível analisar algumas interpretações que sobrecarregaram seu sentido, chegando a mitificá-lo. Eis alguns textos que podem ajudar a explicar isso:

- O desconhecimento que o garoto tinha sobre Jesus o convenceu (a Marcelino) de que Deus o chamava a fundar uma congregação de irmãos.³⁴
- Com o episódio de João Batista Montagne, a resolução de Marcelino Champagnat se consolidou. Impunha-se como um dever passar de projeto à sua realização...³⁵

A expressão “o convenceu de que Deus o chamava” é inadequada, pois contradiz os escritos de Marcelino e os testemunhos do grupo fundador da Sociedade de Maria, que declaram que a decisão de Marcelino de fundar um ramo dos irmãos estava tomada antes de ser coadjutor em La Valla.

Tampouco a visita ao doente causou o efeito de “passar de projeto à sua realização”. De fato, sabemos que, um dia antes do evento, Marcelino já se havia mobilizado na realização prática da obra marista, apresentando seu projeto a João Maria Granjón.

Marcelino, referindo-se a esse período, registra o que significou a experiência dos primeiros meses em La Valla e do plano que havia assumido antes de chegar ali:

“Elevado ao sacerdócio em 1816, fui nomeado vigário em uma paróquia rural; o que vi com meus próprios olhos me fez sentir ainda mais vivamente a importância de colocar em execução sem mais demora o projeto há muito meditado.³⁶”

“O que vi com meus próprios olhos” significa uma situação geral da paróquia em relação à necessidade de educação que ela apresentava. Marcelino não especifica a situação, não dá nomes. Por outro lado, ao dizer ‘me fez sentir ainda mais vivamente’ está indicando um convencimento anterior. E o rascunho da mesma carta, ligeiramente diferente pelas correções, especificou a época de sua decisão de fundar a instituição: foi no período ‘antes de deixar o seminário Maior’³⁷.

É certo que o Espírito Santo pode agir imediatamente e sem conexão com a história anterior a um evento. No entanto, também é certo que as coisas raramente acontecem assim. O caso Montagne deve ser considerado como “a culminância de um itinerário cujo esboço já era percebido desde 1810-1812”³⁸. Não é casualidade que desde sua conversão Mar-

³⁴ ÁGUA DA ROCHA. ESPIRITUALIDADE MARISTA.

³⁵ Pierre Zind.

³⁶ CARTA 34 B. Ao rei Luís Felipe, em 28 de janeiro de 1834.

³⁷ CARTA 34 A. Ao rei Luís Felipe, em 28 de janeiro de 1834.

³⁸ Ir. André LANFREY, FMS. *Ensaio sobre as origens da espiritualidade*.

celino tivera como um de seus propósitos ensinar o catecismo; tampouco foi casual que, entre suas resoluções, destacara o cuidado com os doentes; nem que sentira a necessidade de um ramo de irmãos nas reuniões do grupo fundador da Sociedade de Maria.

Se levarmos em conta todos esses dados, veremos o caso Montagne como providencial, causando no santo grande impacto. Desde cedo foi movido enormemente pelo sentido de urgência de uma obra que não admitia espera. Foi a gota d'água que fez transbordar um copo que já estava cheio.

O SIGNIFICADO DO ÍCONE

Um ícone é um “signo que apresenta uma relação de semelhança ou analogia com o objeto que representa³⁹.” Disso decorre a importância de entender o significado que teve para Marcelino o encontro com esse adolescente. Para tanto retomemos as anotações que Bourdin realizou sobre seus diálogos com Marcelino. Sobre a reflexão do fundador sobre esse encontro, ele anotou:

[6] Eis o que apressou a fundação da obra: um menino doente nas escarpas do Pilat precisando de

ajuda... Sai um momento para visitar um doente; quando retorna encontra o menino morto. Reflexão: ‘quantas crianças longe do caminho da salvação...’⁴⁰

O raciocínio de Marcelino é claro: Montagne precisava muito de instrução religiosa, pois sem isso não sabia o que era confissão (arrepender-se). Se tivesse a instrução religiosa adequada não estaria nessa situação dramática... O relato da biografia promove a mesma reflexão colocando-a na boca de Marcelino: “Quantas crianças se encontram nessa mesma situação... por não haver ninguém que os ensine as verdades da fé.”⁴¹

O impacto que a carência religiosa e sua urgência produzem em Marcelino foi um sentimento de urgência para curá-la. A expressão “exigiu pressa⁴²” confirma o resultado desse acontecimento, levando-o a agir prontamente.

Atualmente há uma tendência de se ver nesse adolescente um protótipo de pobre, necessitado e marginalizado social que a missão marista vê como candidato por excelência de sua missão. Um texto que poderia ser interpretado dessa forma é este:

Vamos depressa... ao encontro do jovem Montagne. Levemos Jesus Cristo às crianças e jovens,

³⁹ Cf. DICIONÁRIO HOUAISS da Língua Portuguesa.

⁴⁰ OM 754. ch338001.doc.

⁴¹ BIOGRAFIA. c. VI.

⁴² Em francês “Ce qui nécessit LA HATE de l'oeuvre”.

especialmente aos mais pobres, 'em todas as dioceses do mundo'.⁴³

Certamente o adolescente Montagne poderia ter pertencido a uma família pobre. O dado, no entanto, não consta das fontes citadas. Um bom relato expressa o que é mais importante. Se algo não está descrito, é lógico supor que aquilo não foi registrado porque se considerou um aspecto secundário do ocorrido.

As duas circunstâncias que comoveram Marcelino, expressas no relato, foram: a falta de instrução religiosa e a urgência em obtê-la. Contudo, omite-se o dado socioeconômico, que até hoje ignoramos. Por isso, parafraseando o Capítulo Geral, poderíamos redefinir assim: "Levemos Jesus Cristo às crianças e jovens, especialmente aos mais necessitados de instrução religiosa..."

Esse fato não nega, antes destaca, que os maristas nasceram para educar e evangelizar principalmente as crianças e jovens mais pobres e necessitados. Para tanto, basta obter detalhes nas pequenas escolas que ele fundou ou ver alguns textos básicos do fundador como estes:

Temos muito interesse em formar bons cristãos e bons cidadãos no mundo rural.⁴⁴

"A finalidade do Instituto dos Irmãos é também oferecer instituições de assistência social ou casas de acolhida para jovens.⁴⁵

A sociedade rural era a que contava com menos recursos naquele tempo. Por isso, o Instituto também tinha como finalidade uma educação "não formal", mediante a oferta de "casas de acolhida ou refúgio, para crianças e jovens marginalizados, geralmente órfãos, que não possam ser atendidos por suas famílias."

O ícone Montagne pode encontrar significação mais completa se nos valermos de mais uma fonte: o trabalho que Marcelino realizou em Le Bessat após o encontro com ele nessa aldeia. Ele observou a situação da infância em Le Bessat onde a instrução não existia há séculos: "seus habitantes viveram por mais de três séculos em completa ignorância e com uma brutalidade realmente deplorável"⁴⁶. Por isso, quando Marcelino pôde dispor de jovens como educadores e catequistas, enviou o Ir. Lorenzo para atender os outros adolescentes Montagne que viviam ali. A iniciativa da missão foi de Marcelino. Ele a apresentou aos irmãos para contar com seu parecer e esperar suas reações à proposta. Assim, quando Ir. Lorenzo pediu insistentemente, o fundador atribuiu a missão a ele⁴⁷.

⁴³ XXI cap. geral.

⁴⁴ CARTAS 273

⁴⁵ REGRAS 37. 1. 2. p.10.

⁴⁶ "Délibération du Conseil Municipal de Lavalla, 28 mars 1827: Lettre du préfet de la Loire à Frayssinous, 7 juin . ARCHIVES NATIONALES, PARIS, F-19, 750B.

⁴⁷ O fundador agia da seguinte forma em algumas das missões para os irmãos: primeiro lhes apresentava o trabalho pastoral e em seguida esperava a reação que surgia nos irmãos para decidir quem enviar.

A missão de Le Bessat é um símbolo de ousadia e de valor que supera os lugares eclesiais convencionais com a finalidade de chegar lá onde a necessidade de instrução religiosa é maior. O mesmo biógrafo descreve esse trabalho pastoral como se ele se tratasse de um modelo carismático próprio das origens, que, com a norma então vigente, não pode ser imitada nem voltar a se repetir.

Mediante muitos atos de zelo e sacrifício, o Ir. Lorenzo obteria resultados fantásticos. Ele morava em uma casa particular, preparava suas próprias refeições, ia toda quinta-feira a La Valla para se abastecer de provisões, dava catequese duas vezes ao dia, reunindo as crianças ao som de um sino. Esse trabalho foi realizado durante dois anos, conquistando tal respeito que as pessoas o saudavam com o chapéu quando ele passava. A aldeia sofreu uma autêntica transformação.

Ao final de 1822, o irmão foi enviado para inaugurar a escola em Tarrantaise, vizinha de Le Bessat, por solicitação de seu pároco, Pe. Préher. Ali ministrava aulas em um celeiro e visitava Le Bessat aos domingos e quintas-feiras.

Os dados disponíveis sobre o Ir. Lorenzo mostram que ele foi um catequista nato, e o que mais valori-

zava em suas atividades de pastoral era seu trabalho em Le Bessat. Em seguida, apresentamos como solícita ao Ir. Francisco uma missão como aquelas dos primeiros tempos:

Você me disse que esperava... catequizar as crianças da diocese de Angoulême. Oh! Imploro que me deixe ir o quanto antes. Só preciso de um catecismo e uma sineta. Parecem-me ouvir essas pobres crianças que me dizem: 'Ah! Se conhecêssemos esse grande Deus que nos criou, que deu a vida por nós, nós o serviríamos melhor do que nossos desafortunados pais...'⁴⁸

O texto do Ir. Lorenzo é magnífico, pois nos apresenta o significado primordial que ele deu à sua missão até o final de sua vida: a catequese como essência de um carisma. Esse significado reflete a maneira fiel que Marcelino havia empregado ao se encontrar com o adolescente Montagne: levar a instrução religiosa às crianças onde fosse mais necessário.

CONCLUINDO

Após estas considerações, podemos concluir nossas reflexões sobre o significado do ícone Montagne:

- O encontro de Marcelino foi a culminância do processo de inspiração do Fundador que o impulsionava a remediar a necessidade de instrução religiosa. A partir de

⁴⁸Carta ao Ir. Francisco, 26,12, 42. Lorenzo tinha então 49 anos. Delorme, Alain. Nossos primeiros irmãos, p.35.

- sua conversão, Deus suscita nele o dom de catequizar como carisma pessoal. Os primeiros testemunhos que certificam esse dom são as crianças vizinhas de sua aldeia natal: Rosey, quando seminarista. Esse carisma, unido à sua inquietação pela educação, levou-o a reivindicar o ramo dos irmãos no grupo fundador da Sociedade de Maria, quando estava no seminário maior. O compromisso de Fourvière, recém-ordenado, significou para ele uma obrigação assumida em público de levar adiante todos os ramos, em especial o dos irmãos. Por isso, ao chegar à sua paróquia, “o que viu com seus próprios olhos” fez com que confirmasse sua decisão, e o encontro com o adolescente Montagne provocou nele um profundo sentimento de urgência. Foi o “arremate” em um prego já cravado.
- As fontes fidedignas do relato coincidem e repetem o essencial: o impacto do adolescente em Marcelino foi provocado por uma carência muito grave de educação religiosa. A essência da missão marista consiste em remediá-la.
 - O destinatário prioritário do novo instituto, ou seja, aquele pelo qual é necessário começar, é aquele mais necessitado dessa formação. São aquelas crianças ou jovens que não são atingidas pelas outras instituições da Igreja⁴⁹.
 - O relato Montagne, bem como a missão de Le Bessat onde aconteceu, é apresentado como o modelo carismático do Instituto marista, pelo que ele transborda de entusiasmo e por não se acomodar aos parâmetros da regra que veio a seguir. É a vida heroica representada pelo Ir. Lorenzo em Le Bessat, vivendo dos donativos dos irmãos de La Valla, pois a escola que dirigia era gratuita e praticamente sem recursos. No entanto, com o passar do tempo, a instituição se desenvolveu, assumindo compromissos pastorais e educativos em grandes obras difíceis de deixar. Inicia-se então um drama institucional que poderíamos denominar renovação ou renascimento: deixar o que temos ou voltar aos lugares onde nos viram nascer, ali onde nos esperam as crianças e jovens aos quais ninguém, ou muito poucos, chegam. Difícil, muito difícil, porém emocionante e desafiador!

⁴⁹ A partir desta perspectiva, os destinatários maristas prioritários estão nas fronteiras, isto é, nos lugares mais distantes, afastados, não do ponto de vista físico, mas de desatenção.

MATHIEU PATOULLARD, VIZINHO DE L'HERMITAGE



Ir. André Lanfrey

A casa atual de l'Hermitage ocupa os dois lados do Gier, mas nem sempre foi assim. Quando, em 13 de maio de 1824, Champagnat e Courveille compram, na comuna de Saint Martin-en-Coailleux, o terreno onde querem construir a casa de l'Hermitage de Nossa Senhora, do outro lado, pertencente ao município de Izieux, existem edifícios industriais pertencentes a Antoine Thiollière-Laroché¹, que irá vendê-los logo, em 3 de julho de 1824, a Mathieu Patouillard, que passará a ser o vizinho de l'Hermitage até 1º de janeiro de 1839, data da venda dessa propriedade para Champagnat pela elevada quantia de 39. 000 francos. Portanto, apesar do seu nome, l'Hermitage permanecerá por 15 anos uma casa sujeita a uma vizinhança muito próxima e à vocação totalmente outra.

Nós conhecemos um pouco Patouillard pelas fontes maristas graças

à escritura de venda passada em 1839 (OFM3, Doc. 677 p. 480). Tem por esposa Françoise Touillieu e três filhos: Jeanne, Vincent e André. A escritura declara que é “pisoador” e descreve exatamente a propriedade comprada em 1824: “compreendendo pisoeiro, oficina para branquear algodão, casa de moradia, celeiro, estábulo, tanque, colheita, calha, cursos e captações de água no rio Gier, prado, pomar, pastos, terras, bosque e rochedos, todas as coisas, pertences e dependências”. É, portanto, um pequeno fabricante especializado em limpeza e cardagem de lã (pisoador) e na preparação de tecidos de algodão, devido à força motriz fornecida pelas águas Gier. Também é um proprietário agrícola em Izieu e St. Martin-en-Coailleux². Comprando tudo, Champagnat duplica mais ou menos a superfície de l'Hermitage e adquire o direito de usar a força motriz do Gier.

¹ Conforme os Anais do Instituto, esse estabelecimento foi criado em 1668 pela família Dugas (T. 2, 1840, § 22).

² A escritura indica que elas lhe ocasionaram um processo com a viúva Motiron, terminado em 1837.

A certidão de casamento dos esposos Patouillard³, em 19 de janeiro de 1813, nos dá importantes precisões sobre suas famílias. Mathieu Patouillard é então carpinteiro em La Bruyère, comuna de Izieu, onde nasceu em 11 de setembro de 1784. Ele é filho de Jean Patouillard, falecido em Lavalla, a 21 de outubro de 1806, e de Jeanne Salichon. Sua esposa, Françoise Touilleux, costureira, nasceu em 30 de setembro de 1792 e ainda reside em Moulin de Soulage, na parte inferior de La Valla. Ela é filha de François Touilleux, tailliandier⁴ (sic), serralheiro, residente no mesmo lugar, e de Antoinette Dumaine, falecida em Izieu, em 30 ventoso, ano 11⁵. As testemunhas, que são o pai da noiva e seu tio, ferreiro, bem como o taberneiro de cinquenta anos, Mathieu Lassablière, de Creux (Izieux), assinaram o documento. Somente Vincent Rivori, de quarenta e cinco anos de idade, agricultor, não sabe assinar.

Estamos, portanto, no mundo do artesanato, ainda próximo de suas origens rurais, mas já alfabetizado. Quando Mathieu Patouillard casou, tinha vinte e nove anos (cinco a mais que Champagnat) e sua mulher, vinte e um. É uma diferença de idade corrente na época, pois o noivo precisa de tempo para se estabelecer antes de fundar um lar. Ele escolheu sua esposa do meio artesanal ao



Retrato de Mathieu Patouillard - Foto de André Lanfrey, feita em 5/12/2011 na casa da Srta. Maryvonne Arnaud, em St Chamond, na presença de M. Marius Arnaud, seu primo.

que ele próprio pertence. Trata-se, portanto, de uma pequena burguesia, mas que demonstra ambição, porque a compra da propriedade dos Gaux, em 1824, certamente necessitou de empréstimos.

Enquanto isso, duas crianças nasceram: Jeanne, em 20 de novembro de 1813, em Izieu, quando seu pai provavelmente ainda era carpinteiro; mas seu irmão, Vincent, nasceu em 13 de fevereiro de 1816, em Moulin Soulage, na comuna de La Valla. Ao adquirir a propriedade de Thiollière-Laroche, o casal Pa-

³ Registro da Certidão de casamento, A.D. da Loire.

⁴ Um serralheiro é um artesão que fabrica ou vende utensílios que servem para cortar (machados...)

⁵ 21 de março de 1803.

touillard se aproximou da cidade e tornou-se o proprietário de uma oficina de indústria têxtil no momento em que Champagnat está construindo l'Hermitage, do outro lado do Gier. Acrescentemos que um terceiro filho nascerá tardiamente em março ou abril de 1831⁶. Na certidão de 1839 tem o prenome de André, mas na certidão de seu casamento, em 17 de outubro de 1855, ele leva o prenome de Vincent, com a idade de 24 anos e cinco meses⁷.

Evidentemente, uma vizinhança de 15 anos deixou vestígios nos Anais do Instituto. Uma questão prévia, ademais, pode ser examinada: por que será que o Pe. Champagnat e Courveille, que compraram os rochedos e os prados na frente do estabelecimento industrial, não compraram uma oficina que teria correspondido a um dos artigos contidos no projeto do prospecto de 1824?

A instrução das crianças em geral, e em particular dos pobres órfãos, é o objetivo de nosso estabelecimento. Assim que terminarmos a casa de l'Hermitage e nossos recursos nos permitam utilizar uma boa captação de água [...] nós receberemos as crianças das casas de caridade; nós lhes daremos um emprego ao lhes darmos uma educação cristã (lr. Pedro Herreros, A regra do Fundador, p. 23).

Podemos supor várias dificuldades: um preço muito alto, o cuidado de respeitar a vocação industrial da propriedade, um espaço considerado muito exíguo... mas a questão merece ser considerada. E podemos até mesmo nos perguntar se Champagnat e Courveille não aguardaram um tempo para comprar a propriedade Thiollière-Laroche e sua captação de água.

Em qualquer caso, as relações entre Champagnat-Courveille e o Sr. Antoine Thiollière-Laroche, negociante residente em St Etienne, não são ruins, visto que em 3 de julho de 1824, no mesmo dia em que cede a Patouillard sua propriedade na margem esquerda do Gier, ele vende para os dois sacerdotes “um terreno de rochas e bosque”, de 57 ares e 40 centiares, localizado na margem direita, por três mil francos, que são adiantados pelo Sr. Benoît Bonnard de Rive-de-Gier⁸.

Os Anais (T.1824 1 § 51) relatam que, desde a construção da casa, os Irmãos e o P. Champagnat moram “numa cabana do Sr. Patouillard⁹”. Em 6 de janeiro, quando Champagnat, muito doente, fez seu testamento, “Mathieu Patouillard, pisoeiro e proprietário¹⁰, residente em Gauds,

⁶ A.D. da Loire, Registros do estado civil.

⁷ As crianças que têm vários prenomes, o costume estabelece um prenome dominante. É provável que o último filho se chamasse de fato André Vincent, (seu irmão pode ser o seu padrinho) mas era conhecido em St Chamond sob o nome de Vincent.

⁸ OFM 3 doc. 647.

⁹ Mas, Patouillard tendo comprado só em julho, pode-se supor que no início moram com o Sr. Thiollière-Laroche.

¹⁰ Isto é, camponês proprietário.

comuna de Izieux”, é um dos signatários. E em 1839 (T.1, p. 469-470), os Anais resumem assim os 15 anos de relações entre os dois vizinhos:

“A família Patouillard acusou, algumas vezes, os Irmãos de jogarem pedras no seu prado e captar a água do Gier para regar o jardim. Ademais, a vizinhança dessa família, sobretudo as muitas pessoas que tinham negócios com ela, privavam os Irmãos de todos os benefícios da solidão, benefícios que decidiram o piedoso Fundador, em 1824, a colocar ali a casa-mãe de seu Instituto.”

Deixemos de lado o caso das pedras lançadas no jardim Patouillard, que parece anedótico, e atribuamos mais importância ao problema da água, porque a casa de l’Hermitage, sem o direito de fazer uma captação de água, retirando-a do Gier em direção da nascente do canal Patouillard, as secas deveriam causar conflitos¹¹.

Quanto à preocupação de desfrutar de solidão, ela deve ser relativizada, porque Champagnat procurava o compromisso menos ruim possível entre o desejo de retirar-se do mundo e as necessidades de uma casa de formação de professores. Sua compra de 1839 corresponderá, portanto, certamente a motivações espirituais, mas os fatores materiais (água, proximidade da cidade...) não são tampouco irrelevantes. É preciso também perguntar-se sobre seu desejo de finalmente

realizar uma aquisição que havia projetado desde 1824.

Os registros contábeis e alguns outros documentos nos mostram que, globalmente, as relações não eram ruins entre a família Patouillard e a família Champagnat, visto que o primeiro a se beneficiar da vizinhança é Philippe Arnaud, filho de Marie-Anne Champagnat e de Benoît Arnaud, o professor com quem o jovem Marcelino passou algum tempo antes do seminário. Os Anais (Vol.1, p.8, § 32) nos dizem que Philippe, nascido em 1805, inicialmente teve aulas de latim na casa de seu tio, em La Valla, em 1821, e era até capaz de ensinar aos Irmãos a leitura de manuscritos, última etapa da aprendizagem da leitura. Embora já bem instruído, ele não prosseguiu os estudos, mas tornou-se carpinteiro e se juntou a Champagnat em l’Hermitage, em 1828¹². Os livros contábeis de l’Hermitage testemunham suas atividades durante muitos anos, como o carpinteiro e o homem que faz de tudo. Em 29 de janeiro de 1834, casou com Jeanne (ou Jeannette) Patouillard¹³, criando um laço de parentesco distante entre Champagnat e os Patouillard que certamente contribuiu na conclusão da venda de 1839. Aliás, Philippe Arnaud e Jeannette Patouillard estarão presentes quando da assinatura da escritura de venda de 1839.

¹¹ Nas compras passadas por Champagnat a questão da água é muitas vezes lembrada.

¹² Onde fez seu aprendizado entre 1821 e 1828? Pode ser que, por um tempo, tenha trabalhado com Patouillard.

¹³ Lettres de Champagnat, t.2, p.55.

Os livros contábeis também testemunham, à sua maneira, relações de negócios entre Champagnat e Patouillard. A partir de 20 de outubro de 1824, Champagnat recebe 200 F.

de seu vizinho, que certamente está se instalando (Origines des Frères Maristes (OFM) doc. 105.8). Em seguida, as transcrições seguem com bastante regularidade.

Documento OFM	Data		Soma
121.5	20/8/1827	Dado a P. como pagamento de contas	180 F.
125.2	7/2/1831	Acerto de contas com Patouillard até 1º de fevereiro de 1831	8
126.4	27/2/1832	Dado a P. como pagamento total	27
111.3	27/2/1832	Ajuste com P. para nossos pequenos transportes de Saint Chamond a l'Hermitage, a 20 F. por ano	
126.17	26/10/1832	Dado a P. como pagamento total	87
127.5	6/6/1833	Empréstimo a P. para comprar uma vaca	140
	9/6/1833	Patouillard devolveu	140
128.4	5/7/1834	Conta a Patouillard. 4 pares de sapatos Nova sola e conserto	26 4, 5
129.2	21/2/1835	Dado a P. como pagamento total	246
	27/2/1835	Dado a P. em pagamento de transportes de St Chamond a l'Hermitage	30
	25/3/1835	Recebido de P.	1000
129.3	Fev. 1835	Ajuste com P. pelos transportes...	30
129.3	8/4/1835	Dado a P. pela conta de Remilieu de Sorbiers e por saldo	211, 50
130.13	19/10/1837	Dado a P. por toda a conta	263
130.16	19/12/1837	Pela cal de P. é paga	30
130.17	26/12/1837	Dado a P. por dinheiro emprestado	100

De acordo com essas contas, as relações entre Champagnat e Patouillard, bastante espaçadas antes de 1830, tornam-se depois mais estreitas. Mas, essa diferença pode vir

dos livros contábeis, no começo mantidos com pouca fidelidade. Em 1832, as relações são claramente boas, pois Champagnat e Patouillard mantêm um acordo duradouro, este

último se encarregando de pequenos transportes de l'Hermitage a Saint Chamond. Há também entre eles empréstimos e favores, típicos de pessoas que vivem em harmonia.

Quanto à venda de 1839, que chega a 39.000 F. oficialmente, mas sem dúvida superior, o adiantamento dos pagamentos antes da morte de Champagnat se estabelece assim¹⁴.

Data	Quantia
1/3/1839	10 000
5/8/1839	500
7/9/1839	300
20/12/1839	1000
?	200
20/1/1840	4000
20/4/1840	1000
Fin mai	1200
Total	18 200

A dívida remanescente será uma das principais preocupações do Ir. François, sucessor de Champagnat. O Ir. Avit (Annales T.2, 1840, § 19 19 - 21 21), aliás, dá as condições de um empréstimo de 22.000 F. por 5 anos, feito pelo Ir. François e pelo Ir. Jean-Marie, com os dois filhos do tabelião Finaz, à taxa de 4,5% e ao preço de uma inscrição hipotecária sobre todos os bens da Sociedade civil, situados em Gaux e Grange-Payre.

Felizmente, o Sr. Antoine Thiollière, industrial de Saint Chamond e benfeitor da Congregação, pagou logo a quantia da compra dessa “pequena oficina”.

Mas antes desse pagamento providencial ter acontecido, o Ir. François pensa em “utilizar o pisoeiro, o moinho e o lagar de azeite¹⁵, que estavam nos referidos edifícios” para criar recursos. Seus dois assistentes, que não concordam, apelam para o P. Colin, que fortemente desaprova o projeto (Annales, T.2, 1841, § 41 41 - 53 53). Também, nos edifícios Patouillard estão instalados “os estábulo, a oficina do ferrador e do serralheiro, a padaria, e vários depósitos que ocupavam as instalações localizadas no pátio. Essas construções foram demolidas”. É legítimo se perguntar, no entanto, se o Ir. François não queria realizar, adaptando-o, o sonho de Champagnat em 1824: estabelecer uma espécie de centro de aprendizagem para órfãos adolescentes, alguns dos quais poderiam tornar-se Irmãos.

Quanto a Philippe Arnaud e Jeanne Patouillard, eles terão oito filhos, os quatro primeiros nascidos enquanto Philippe e sua esposa ainda moravam em l'Hermitage, sob a capela atual, no espaço renovado do memorial. O mais velho, Jean-Baptiste, nascido em 1835, teria até assistido, com seu pai, à leitura do testamento do P. Champagnat, que

¹⁴ OFM 1, doc. 136.7

¹⁵ A escritura de 1839 não fala desse lagar.

teria também aconselhado a Philippe de comprar o bosque Patouillard, localizado na margem esquerda do Gier, acima dos edifícios atuais¹⁶. Philippe em seguida instalará sua oficina de carpintaria em La Bruyère, talvez na velha carpintaria Patouillard, na estrada que liga Saint Chamond a La Valla. Ele morrerá em 1º de agosto de 1886, com 81 anos de idade. Sua esposa tinha então 73 anos.

Mas voltemos ao Sr. Patouillard, perguntando-nos as razões da venda de sua “fábrica”. Em 1839, sua esposa (47 anos) e ele (55 anos) são ainda relativamente jovens. Mas, na hora da venda, ela não pôde assinar a escritura “devido à grande fraqueza, em que se encontrava por sua doença”, e a certidão de casamento do filho Vincent nos dirá que ela morreu em 8 de janeiro de 1839. A venda, portanto, tem algo a ver com a morte da Sra. Patouillard, certamente previsível depois de algum tempo. Sua filha Jeanne se estabeleceu depois de 1834; o primeiro filho, Vincent, casará em 1848, com 32 anos. Ele é então cardador de lã em Moulin Dion, na comuna de Izieu, filho do “vivente Mathieu Patouillard” cardador de lã no mesmo lugar. Quanto ao segundo filho, sabemos que, com base em sua certidão de casamento, em 1855, é mestre pai-deiro em Saint Chamond, “filho legítimo do vivente Mathieu Patouillard, proprietário e cardador de lã, de se-

tenta e dois anos de idade, residente em Creux”.

Resumamos, pois, o que nos dizem os diversos atos anteriores: Mathieu Patouillard enviuvou poucos dias após a venda da sua propriedade dos Gaux e retirou-se com seus filhos para Moulin Dion em Izieu, onde parece que se especializou em cardagem da lã. Seu primeiro filho está com 23 anos, e o segundo tem apenas 8 anos de idade. Em 1855, com a idade de 72, Mathieu Patouillard não é mais um investidor, mas sempre exerce seu ofício, certamente com seu filho mais velho. Quanto ao segundo filho, ele teve que entrar rapidamente no aprendizado da padaria. Mesmo se ignoramos a data da sua morte, sabemos bastante sobre o Sr. Patouillard para iluminar seu retrato apresentado no início deste artigo.

Essa tela, de 61 cm de altura por 50,5 de largura, foi conservada até 2012 por Maryvonne Arnaud, falecida recentemente. Vem de seu pai, Jean-Baptiste Arnaud, primogênito de Camille Arnaud, filho de Philippe. Um quadro similar estava com Jeanne Patouillard, guardado por certo tempo na família Verdier, sendo a Sra. Jeanne Verdier uma senhorita Arnaud, irmã de Camille. Como conhecemos a data da morte da Sra. Arnaud, podemos presumir que as duas pinturas foram feitas na mesma época, ou seja, antes de janeiro de 1839. É pouco provável que a data

¹⁶ Bulletin de l'Institut n. 218, 1976, “La ‘descendance’ Champagnat” par le F. C. Déchaux.

de realização seja muito anterior, porque Mathieu Patouillard nos aparece como um homem de traços marcantes. Podemos bem atribuir-lhe cinquenta anos. E como ele tem 55 anos, em 1839, pode-se pensar em pinturas feitas entre 1835 e 1838, numa época em que os Patouillards gozam de boa situação econômica.

Ao encomendar esses retratos, Mathieu Patouillard e sua esposa se situam bem conscientemente no mundo burguês, o único a ter meios financeiros e o sentimento de sua reputação para se permitir tal realização. Em suma, esses retratos testemunham a ascensão social e a solidéz de uma família durante a primeira metade do século XIX. O vestuário usado pelo Sr. Patouillard – sobrecasaca preta, chapéu de abas largas, colete abotoado bem alto, pouca roupa branca – parece típico de uma burguesia pequena ou média. Mas seria preciso um especialista em história da arte para refinar ou corrigir este comentário. Uma restauração da pintura, atualmente muito enegrecida pelo tempo, permitiria uma nova abordagem disso que se pode se considerar como um



Maryvonne e Marius Arnaud, de um lado e do outro do retrato de Mathieu Patouillard, em 5 dezembro de 2011
Foto de André Lanfrey

retrato típico da metade do século XIX. Ademais, surge a questão do pintor, que poderia ser Joseph Ravery.

EPÍLOGO

Maryvonne Arnaud faleceu em 2012. A família, generosamente, doou à casa de l'Hermitage o retrato do Sr. Patouillard.

OS IRMÃOS MORTOS NA GUERRA EM 1914-18



Ir. André Lanfrey

As fontes maristas apresentam notável variedade de números referentes ao total de Irmãos mortos na guerra. Tentamos fazer uma apuração partindo das listas fornecidas pelo Boletim do Instituto e pelas fichas de matrícula consultadas pelo Ir. Henri Réocreux. O Ir. Augustin Hendlemeier contribuiu com alguns retoques para

os recrutados de origem alemã. Dessa verificação resulta que os números mais fiáveis são os fornecidos pelos Atos do Capítulo geral de 1920: 1037 mobilizados e 155 mortos¹. A relação nominal dos Irmãos mortos na guerra oferece os seguintes resultados sintéticos, ligeiramente inferiores àquelas do Capítulo geral.

Ano	Franceses	Alemães, alsacianos-lorenos	Outros	Total	Professo Temp.	Professo Perp.
1914	14			14	2	12
1915	24	6	1 Itálico	31	15	16
1916	23	10	1 Húngaro	34	20	14
1917	18	16	1 Itálico	35	27	8
1918	21	11	2 Itálicos			
			1 Romeno ²	35	29	6
Total	100	43	6	149	93	56

¹ A última edição da Cronologia marista manteve uma estimativa de 118, muito inferior à realidade.

² Desaparecido em 1916.

Temos, pois, certeza de que o Instituto teve ao menos 149 professores mortos na guerra, dos quais 62,4% professores temporários. As listas das Circulares mencionam ainda um noviço e três postulantes alemães bem como um noviço francês, o que daria um total de 101 franceses, 46 alemães, 6 Irmãos de outros

países (nenhum belga) ou seja 153. No entanto, é provável que alguns Irmãos não foram levados em conta (desaparecidos, professores temporários sem contato ao longo do conflito...) e que o balanço real da guerra, mais bem, se situe em torno de 160 professores mortos ou desaparecidos.

LISTA NOMINAL ORGANIZADA SEGUNDO O B. I. E AS FICHAS DE MATRÍCULA

A menção das Províncias é apenas indicativa porque as fichas não registram claramente a Província de pertença. No entanto, o lugar de nascimento permite determinar com certeza as nacionalidades, exceto, às vezes, para os Irmãos da Alsácia Lorena mobilizados pela armada alemã. Para os jovens Irmãos e para

os Irmãos das casas de formação da Itália indiquei a casa da qual partem para a guerra. Com o nome religioso, foi indicado o número do *Bulletin de l'Institut* que traz a biografia de tal ou tal Irmão. As datas de falecimento dos Irmãos considerados desaparecidos ostentam apenas o ano e 00.00 para o mês e o dia.

Año+	Nome de família	Nome religioso	Ano de n.	Lugar de n.	País	Província	Prof. temp.	Prof.perp.	Morte
1914	CHAREYRE Aimé	Adelaido (n° 37)	1893	Ardèche	França	Espanha	1910-09-27		1914-08-20
1914	NEGRIÉ Marius Joseph	Marius Léon	1893	Aveyron	França	Carmagnola	1912-11-01		1914-09-00
1914	BRUN Pierre Bernard	Jean Marcel	1886	Haute-Loire	França	Síria	1903-09-20	1908-08-13	1914-09-09
1914	JACQUIN François Louis	Paul Marcel	1888	Doubs	França	Grugliasco – trabajos man	1905-04-23	1912-09-10	1914-09-12
1914	RESSICAUD Pierre Antoine	Dioscore Antoine	1883	Rhône	França	Constantinopla	1900-09-16	1906-07-15	1914-09-30
1914	COMPAGNON Claude	Ange Emile (n° 38)	1883	Loire	França	Canadá	1900-09-26	1905-08-23	1914-10-15
1914	MISSONNIER Pierre	Pierre Sénateur	1878	Puy-de-Dôme	França	Varenes	1895-08-29	1901-09-19	1914-10-23
1914	PION Joseph Antoine	Joseph Procule	1885	Isère	França	China, Grugliasco	1902-09-04	1907-07-28	1914-10-31

Año+	Nome de familia	Nome religioso	Ano de n.	Lugar de n.	País	Provincia	Prof. temp.	Prof. perp.	Morte
1914	DEPALLE Louis	Cassiodore	1873	Lapalisse, Allier	França	Varennes	1894-09-09	1907-09-15	1914-11-04
1914	BAUQUIN Marie Léon Emile	Joseph Albert	1882	Doubs,	França	Constantinopla	1899-09-19	1905-08-15	1914-11-16
1914	CROSET Alexis	Marie Théotiste (n° 39)	1881	Haute-Savoie	França	Seychelles (St Paul)	1898-09-28	1902-08-28	1914-12-08
1914	DUCLTY Jean Henri	Léon Casimir	1881	Ardèche	França	Hermitage	1898-09-13	1907-09-15	1914-12-20
1914	LIEFOOGHE Henri Rémi	Marcellianus	1884	Nord	França	Beaucamps	1901-08-15	1911-09-10	1914-12-03
1914	CROSET Alexis	Marie Théotiste	1881	Haute-Savoie	França	Seychelles (St Paul)	1898-09-28	1902-08-28	1914-12-08
1915	HOCKE Adam Antoine	Jules Xavier	1893	Palatinat		Beaucamps	1909-09-02		1915-00-00
1915	DUPUY Jean	Joseph Adonis	1875	Loire	França	Hermitage	1894-09-06	1900-09-16	1915-03-02
1915	PETITJEAN Rémi René Evariste	Marie Donat	1890	Meurthe-et- Moselle	França	Beaucamps	1906-09-11		1915-04-01
1915	PARA Albert Henri	Didace (n° 39-40)	1882	Hautes-Alpes	França	St Paul (Italie)	1899-09-17	1907-09-15	1915-04-08
1915	LEININGER Louis	Louis Boniface	1894	Palatinat		Beaucamps	1911-03-19		1915-04-09
1915	CHAVAS Henri Joseph	Louis Vitalien (n° 39-40)	1883	Loire	França	Canadá	1900-09-26	1905-08-23	1915-04-25
1915	BAUD Louis Joseph Noé	Adrien Camille	1894	Ardèche	França	Grugliasco	1910-09-04		1915-04-28
1915	DEVIERS Albert	Joseph Néophyte	1881	Gourdon, Lot	França	Lacabane	1898-09-23	1911-09-10	1915-05-09
1915	PINQUIÉ Louis Isidore	Louis Marcellin	1896	Constantine	Argélia	San Maurizio (Trabajo man.)	1912-11-01		1915-05-17
1915	SARRAZIN Alexandre Marius	Vit (n° 39-40)	1887	Hautes-Alpes	França	México	1903-12-16	1908-09-03	1915-06-14
1915	MAIRE-D'ÉGLISE Joseph Honoré	Louis Kostka	1890	Haute-Saône	França	China	1906-09-17	1911-08-15	1915-06-16
1915	MAZET Jean-Claude	Daniel Joseph	1894	Haute-Loire	França	Hermitage (San Mauro)	1911-09-10		1915-06-16
1915	AUTH Henri	Laurentius	1894	Prusse Rhénane		Beaucamps	1911-03-19		1915-06-17
1915	MERCADIÉ Emilio	Fidel	1892	Tarn-et- Garonne	França	Espanha	1908-12-08	1914-08-05	1915-06-21
1915	POTHAIN Charles Constant	Marie Augustalis (n° 39-40)	1879	Ain	França	Constantinopla	1896-09-13	1901-07-28	1915-06-24
1915	BADIE Vincent	Gélasin (n° 41)	1887	Pyrénées- Orientales	França	Espanha	1903-08-06	1908-12-08	1915-08-07
1915	KRELLMANN Henri	Henri Ferdinand	1895	Westphalie	Alemanha	Beaucamps	1913-08-15		1915-09-08

Año+	Nome de família	Nome religioso	Ano de n.	Lugar de n.	País	Província	Prof. temp.	Prof. perp.	Morte
1915	JUNG René Louis	Marie Germain	1888	Territoire de Belfort	França	Constantinopla	1904-02-02	1910-10-30	1915-09-25
1915	DELTON Bruno Firmin	Artémidore	1880	Ardèche	França	Aubenas	1896-09-17	1901-09-19	1915-09-25
1915	CHEVALLIER Candide Louis	Paul Gabriel (n° 43)	1894	Savoie	França	Constantinopla	1911-01-06		1915-09-26
1915	HOFFMANN Charles	Joseph Mauricius	1895	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1911-09-01		1915-10-00
1915	AYGALENC Louis Urbain Daniel	Marie Attale	1884	Aveyron	França	Hermitage (Trab. manual)	1912-09-12		1915-10-03
1915	CHALIER Onorato	Brunone (n° 42)	1892	Torino	Itália	Itália (St Paul)	1909-09-29		1915-10-09
1915	BOUVRESSE Albert Eugène	André Chanel	1893	Jura	França	Constantinopla	1909-10-16		1915-10-15
1915	RÉVOL Joseph	Rupert (n° 42)	1875	Le Grand-Serre, Drôme	França	St Paul	1892-08-21	1897-09-21	1915-10-25
1915	MONÉ Joseph Jean	Genius (n° 42)	1885	Pyrénées-Orientales	França	México	1902-08-15	1907-12-25	1915-11-03
1915	DENIS Constant Charles	Joseph Alexandre	1884	Dunkerque, Nord	França	Beaucamps	1902-03-30	1909-09-12	1915-11-10
1915	REYBARD Jules Joseph	Jules Ernest	1892	Jura	França	Constantinopla	1909-03-19		1915-11-14
1915	CHABERT Victor Hippolyte	Honeste (n° 46)	1870	Gard	França	St Paul (Itália)	1889	1894-09-16	1915-12-10
1915	VANOOSTEN René Auguste C.	Emile François	1886	Nord	França	Beaucamps	1903-03-19	1911-09-10	1915-00-00
1915	BERAUD Jean-Baptiste	Louis Régis	1894	Haute-Loire	França	Siria, Varennes	1911-08-02		1915-07-17
1916	SUTAK Michel	Marie Bernardin	1897		Hungria	Fribourg (Suíça)	1914-10-04		1916-00-00
1916	MAURIN Jean Baptiste	Ulpian	1875	Ardèche	França	Hermitage, Seychelles	1892-09-14	1900-09-16	1916-01-29
1916	LAUX Louis	Louis Bertrand	1896	Grand Duché de Bade		Constantinopla	1912-08-24		1916-02-17
1916	BRUNEL Jean Baptiste, Jean Pierre	Louis Benoît	1885	Lozère	França	China, Constantinopla	1902-09-04	1907-08-15	1916-03-00
1916	PLANCHON Henri Philippe	Elie Etienne	1893	Mende, Lozère (França)	França	Brasil (Mendes)	1911-08-02		1916-03-03
1916	ROBERT Jean Baptiste	Joseph Floribert	1886	Loire	França	USA	1903-11-09	1908-08-25	1916-03-04
1916	BLANCHET Pierre-Marie	Dimitrien (n°45)	1883	Savoie	França	México	1900-09-13	1904-12-19	1916-03-07
1916	HAUSTEIN Germain	Léon Corsini	1896	Bavière	Alemanha	Beaucamps	1914-03-19		1916-03-08
1916	AOUSTET Régis Marius Joseph	Ignatius (n° 45)	1889	Haute-Loire	França	USA (?)	1906-05-06	1911-08-22	1916-03-09

Año+	Nome de família	Nome religioso	Ano de n.	Lugar de n.	País	Província	Prof. temp.	Prof. perp.	Morte
1916	MOULIN Léon Jean-Pierre	Illidius	1881	Ardèche	França	Espanha	1901-08-06	1904-12-08	1916-04-14
1916	ZWICK Hermann	Paul Georges	1895	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1912-03-19		1916-04-24
1916	DAVIN Adrien-Louis	Chrysanthien (n° 46)	1887	Hautes-Alpes	França	México	1905-12-08	1909-12-25	1916-05-24
1916	RICHIER Paul Denis	Marie Fidèle	1880	Bouches- du-Rhône	França	México	1897-09-16	1903-12-08	1916-06-12
1916	LINDEMANN Nicolas	Gerhard	1895	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1912-03-19		1916-06-12
1916	LENHART Jacques	Etienne Marius	1890	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1907-08-29	1912-09-10	1916-07-02
1916	VEZIN Théophile Joseph	Théophile	1894	Lozère	França	Grugliasco	1912-09-12		1916-07-08
1916	ROTERING Bernard	Edgar Frédéric	1896	Mülheim	Alemanha	Beaucamps	1913-08-24		1916-07-17
1916	CAYLA Pierre	Pierre Maurice	1895	Cantal	França	Síria	1913-08-02		1916-07-30
1916	THOMACHOT Jean-Antoine	Marie Thomas (n° 46)	1882	Saône-et- Loire	França	Síria	1900-08-15	1905-08-15	1916-08-01
1916	PAND Joseph	Dominique Joseph	1896	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1914-08-15		1916-08-04
1916	MOURET Auguste Antoine	Solemnis	1881	Drôme	França	México	1898-09-20	1905-01-01	1916-09-00
1916	PIOTTE Siméon	Marie Abel	1883	Allier	França	Brasil, China	1900-08-15	1904-01-21	1916-09-13
1916	DUSSERRE Fernand	Epagathe	1886	Hautes-Alpes	França	México	1902-09-11	1908-01-01	1916-10-24
1916	BOYER Pierre	Pablo José	1895	Hautes-Alpes	França	Argentina	1911-03-19		1916-11-02
1916	ROSTAIN Emile Jean	Paolo	1896	Hautes-Alpes	França	Itália	1913-07-16		1916-11-02
1916	WESSENDORF Joseph-François	Joseph Patrice	1896	Westphalie	Alemanha	Beaucamps	1913-03-19		1916-11-13
1916	BERTRAND Victor-Pierre	Marie Gatien	1896	Ardèche	França	Chippis (Suíça)	1914-08-15		1916-12-00
1916	BLASS Joseph Georges	Joseph Ernest	1899	Prusse	Alemanha	Beaucamps	1915-00-00		1916-12-06
1916	LABROSSE Louis	Louis Etienne	1894	Saône-et-Loire	França	Bairo	1910-10-02		1916-12-15
1916	CHAZALON Jean Baptiste	Jean Arsène	1893	Ardèche, França	França	México	1912-12-08		1916-12-21
1916	RIEUBON Joseph Paul André	François Ernest (n° 47)	1896	Ardèche	França	Aubenas	1912-03-19		1916-12-29
1916	DIONNET Frédéric Charles	Ezéchias Joseph	1873	Haute-Loire	França	Hermitage	1890-09-14	1898-09-20	1916-07-12

Año+	Nome de família	Nome religioso	Ano de n.	Lugar de n.	País	Província	Prof. temp.	Prof. perp.	Morte
1916	ROTERING Bernard	Edgar Frédéric	1896	Mülheim	Alemanha	Beaucamps	1913-08-24		1916-07-17
1916	MALLET Jean François	Marie Amédée	1896	Haute-Loire	França	San Mauro	1913-08-15		1916-10-30
1917	JOHANN Auguste	Georges Auguste	1897	Palatinat	Alemanha	Grugiasco	1914-08-15		1917-01-05
1917	SCHMITT Charles	Charles Ignace	1896	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1912-08-24		1917-01-13
1917	PERRELLE Claude-Marie	Paulin Antoine	1897	Rhône	França	San Maurizio	1913-10-06		1917-01-20
1917	BLASS Ernest Ludwig	Marie Ernest	1896	Rheinprovinz	Alemanha	Fribourg (Suíça)	1913-10-06		1917-02-07
1917	KELLER Albert	Reinhold	1897	Palatinat	Alemanha		1914-03-19		1917-02-17
1917	BAUER Auguste	Bonaventure Léon	1884	Bayern	Alemanha	Copenhague	1904-07-27	1909-09-12	1917-03-12
1917	BERAUD Antoine	Antoine Emile	1896	Haute-Loire	França	Síria	1913-08-02		1917-04-06
1917	SCHÖNEBERGER Eugène-Hugues	Agathon Eugène	1895	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1912-08-24		1917-04-12
1917	ALLEC Noël Victor-Antoine	Natale	1893	Hautes-Alpes	França	Itália (St Paul)	1910-03-19		1917-04-16
1917	LANIEL Maurice Alphons	Joseph Victoire	1878	Haute-Loire	França	Varennes	1895-08-29	?	1917-04-17
1917	LAMERS Gérard	Armandus	1894	Dusseldorf	Alemanha	Beaucamps	1913-03-19		1917-04-29
1917	SÉRAYET Claudius-Ambroi	Marie Victor	1887	Ardèche	França	San Maurizio	1905-12-08	1911-09-10	1917-05-00
1917	BILLAMBOZ Louis Marie	Marie Kostka	1896	Doubs	França	San Maurizio	1913-10-06		1917-05-05
1917	CAMPELS Henri Louis	Henri Marie	1891	Aveyron	França	San Maurizio	1910-10-16		1917-05-25
1917	BILLARD Louis	Louis Daniel	1893	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1909-09-02		1917-06-07
1917	SPLINGER Hubert	Paul Antoine	1894	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1910-08-31		1917-06-07
1917	IMHOF Guillaume Bruno	Galdius Norbert	1897	Westphalie	Alemanha	Beaucamps	1914-03-19		1917-06-08
1917	CLERC Louis Félix	Louis Rémi	1896	Haute-Savoie	França	San Maurizio	1913-10-06		1917-06-19
1917	MÜLLER Eugène	Marie Emile	1893	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1909-09-02		1917-06-20
1917	SIEGENTHALER Alois	Marie Sigisbert	1897	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1914-03-19		1917-07-01
1917	DUNY Pierre Basil C.	Humérien (n° 50)	1879	Ardèche	França	Aubenas	1895-09-10	1900-09-16	1917-07-06

Año+	Nome de familia	Nome religioso	Ano de n.	Lugar de n.	País	Provincia	Prof. temp.	Prof. perp.	Morte
1917	FISCHER Joseph	Joseph Willibrord	1893	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1914-03-19		1917-07-29
1917	RAYNAL Lucien	Joseph Othon	1886	Aveyron	França	Brasil central	1904-01-21	1909-01-15	1917-07-31
1917	DODANE Louis Gustave	Joseph Emmanuel	1885	Doubs	França	Constantinopla	1901-09-05	1906-09-08	1917-08-00
1917	BAUMGARTEN Marcel-René-Emile	Marie Adon	1886	Haute-Alsace	Alemanha	Constantinopla	1905-12-08	1910-12-08	1917-08-28
1917	PONS Jean Baptiste	Jean Sébastien	1897	Lozère	França	Grugliasco	1914-08-02		1917-09-03
1917	PRADIER Fernand-Laurent	Ildefonsus	1895	Gard	França	Aubenas (Pontos)	1911-08-15		1917-10-13
1917	SARRAZIN Louis	Maurizio	1897	Hautes-Alpes	França	Na familia	1914-07-16		1917-10-23
1917	PASTOUR Alessandro Balt	Carlo Borromeo	1893	Aosta,	Itália	Itália (St Paul)	1910-03-19		1917-11-01
1917	RANCHER Barthélemy	Mario Pietro	1896	Alpes-Maritimes	França	Vintimille	1913-07-16		1917-12-27
1917	DUFFAUT François-Baptiste	Lucis	1873	Haute-Loire	França	Hermitage	1890-09-14	1897-09-21	1917-00-00
1917	LAURENT Pierre Louis	Charles Joseph	1898	Loire	França	San Mauro	1915-08-15		1917-00-00
1917	BLASS Ernest Ludwig	Marie Ernest	1896	Rheinprovinz	Alemanha	Fribourg	1913-10-06		1917-02-07
1917	SÉRAYET Claudius Ambroi	Marie Victor	1887	Ardèche	França	San Maurizio	1905-12-08	1911-09-10	1917-05-00
1917	MÜLLER Eugène	Marie Emile	1893	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1909-09-02		1917-06-20
1918	GADIN Carlo Basilio	Giulio	1893	Aosta	Itália	Itália	1909-09-29		1918-01-15
1918	GASTAUD Roch Claude	Ariston	1884	Var	França	Espanha	1901-09-12	1906-12-18	1918-02-18
1918	CHASTEL Marius Auguste	Charles	1886	Savoie	França	China	1902-09-04	1907-08-15	1918-03-25
1918	GERTZ, Joseph ³	Edgard-Louis		?		?	?		1918-4-4
1918	REITH Joseph	Joseph Lambert	1897	Hesse	Prusia	?	1914-03-19		1918-04-19
1918	WEIMAR André Joseph	André Camille	1896	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1913-08-24		1918-04-24
1918	LINDNER Joseph	Emmanuel Joseph	1894	Bavière	Alemanha	Beaucamps	1912-08-24		1918-04-30
1918	REY René Julien	Léon Xavier	1897	Savoie	França	Carmagnola	1913-10-06		1918-06-09

³ Irmão mal identificado, provavelmente alemão, morto na Palestina.

Año+	Nome de familia	Nome religioso	Ano de n.	Lugar de n.	País	Provincia	Prof. temp.	Prof. perp.	Morte
1918	MATHON Emmanuel	Crescentius	1887	Drôme	França	Espanha	1904-12-08	1909-12-25	1918-06-10
1918	HIRBÉ Marcel Emile	Marcel Louis	1897	Territoire de Belfort	França	Lausanne	1913-10-06		1918-06-11
1918	BILLE Léon-Clair	Joannès Louis (n° 51)	1897	Ardèche	França	Grugliasco	1915-08-15		1918-06-22
1918	MAZET Jean Pierre	Armand Joseph	1892	Haute-Loire	França	San Mauro	1909-08-30		1918-07-19
1918	ESCOT Pierre Marie	Emile Léon	1897	Loire	França	Sangano	1913-08-15		1918-07-23
1918	TEYSSIER Edmond-Marius	Gabriel José	1898	Privas, Ardèche	França	Espanha	1914-11-21		1918-07-25
1918	MERCIER Claudius-Antoine	Marie Maximin	1895	Rhône	França	San Maurizio	1913-10-06		1918-08-30
1918	BRÉDY Michele Giovanni	Brunone	1900	Aoste	Itália	Itália	1917-07-26		1918-10-03
1918	MARTIN Jean Gabriel	Régis Henri	1888	Loire	França	Hermitage (San Mauro)	1905-08-30	1913-09-10	1918-10-07
1918	MALZIEUX Charles-Louis	Marie Cécilien	1896	Haute-Loire	França	San Mauro	1913-08-15		1918-10-20
1918	LIABEUF Jean Pierre Aug	Ansbert	1886	Le Puy, Haute-Loire	França	Santa Maria	1903-11-09		1918-10-20
1918	MARTEL Jean Baptiste	Bernard Louis	1898	Haute-Loire	França	San Mauro	1915-08-15		1918-10-29
1918	PICAUD Francis Charles	Louis Clémentin	1887	Jura	França	Constantinopla	1905-02-02	1910-08-15	1918-12-11
1918	BOURRET Pierre Jean Claude	Marie Liguori	1895	Haute-Loire	França	Polistena	1911-09-10		1918-12-22
1918	DIETL Aloys	Louis Sébastien	1895	Palatinat supérieur	Alemanha	Beaucamps (Copenhague)	1912-03-19		1918-00-00
1918	FUCHS Philippe Martin	Léon Dominique	1895	Palatinat	Alemanha	Beaucamps	1912-03-19		1918-00-00
1918	ANHALT Joseph	Joseph Emiliani	1896	Prusse Rhénane		Beaucamps	1915-05-28		1918-00-00
1918	GEISELMANN François	Gottfried	1895	Wurtemberg	Alemanha	Beaucamps	1912-08-24		1918-00-00
1918	VINCENT Ludovic Albert	Henri Albert	1896	Ardèche	França	Grugliasco	1914-08-15		1918-04-24
1918	GÉRARD Jean Pierre	Isidore Pierre	1894	Lorraine	Alemanha	Beaucamps	1910-08-31		1918-05-00
1918	SCHNEIDER Joseph	Joseph Engelbert	1895	Wurtemberg	Alemanha	Beaucamps	1911-09-01		1918-07-14
1918	PATUEL Barthélemy Améd	Sérapien	1884	Pyrénées-Orientales	França	México	1901-08-23	1905-12-08	1918-07-18
1918	MAZET Jean Pierre	Armand Joseph	1892	Haute-Loire	França	San Mauro	1909-08-30		1918-07-19

Año+	Nome de família	Nome religioso	Ano de n.	Lugar de n.	País	Província	Prof. temp.	Prof. perp.	Morte
1918	MARCÉROU Alphonse	Alphonse Léon	1896	Aude	França	Grugliasco	1914-08-15		1918-07-27
1918	BRUNEL Albert	Marius Albert	1898	Lozère	França	San Maurizio	1916-10-01		1918-08-24
1918	WAGNER Nicolas	Camille Nicolas	1893	Lorraine	Alemanha	Beaucamps	1910-03-19		1918-09-01
1918	SCHEER Anton	F. Antonius	1896	Palatinat		Beaucamps	?	1912-24-08	1918-13-02
1918	JOVANELLI Romulus	François Gonzague	1896		Romênia	Constantinopla	1912-11-01		1920-00-00 ⁴

Nessa lista podemos acrescentar alguns noviços e postulantes:

Bergner Joseph	Ir. Joseph-Clémentin	1898, Palatinado	Beaucamps	Noviço/ Postulante	1918-17-.2
	Ir. Pierre Léon			Nov.	1918-5-19
Thiewe Johannès				Post.	1918/5/31
Spittler Frantz				Post.	1918-6-4
Mettendorf				Post.	Desaparecido

⁴ Sem notícias desde 1916.

FLORILÉGIO DO IRMÃO FRANCISCO EM SEUS CADERNOS



Ir. Louis Richard

Em suas citações, revela-se toda uma sabedoria: sabedoria adquirida através da vida, da experiência e da vida interior. A exemplo de S. Tomás de Aquino e da “*Rerum Novarum*”, a subsidiariedade foi lembrada pelo Vaticano II: O Ir. Francisco, em seus Cadernos, já havia percebido fortemente sua importância para evitar que os responsáveis locais conformassem seu modo de ser às funções exercidas. Essas sábias considerações não nos seriam úteis ainda hoje?

CADERNO 303

A velhice é um tirano que proíbe, sob pena de morte, todos os prazeres da juventude. (p.448)

É preciso falar pouco, falar baixo; falar sem paixão; falar com razão; suavemente; falar simplesmente, com sinceridade, sem afetação, sem

precipitação; é preciso falar sem vaidade, caridosamente; falar quando é necessário; guardar o silêncio quando preciso (Ibid., 6º sábado).

Raramente, aqueles que não sabem calar sabem falar bem. (p.517)

Seríamos muito mais felizes se pensássemos menos em sê-lo. (p.640)

Quem tem outros a seu encargo tem o grande defeito de gostar de ir e vir de um lado para outro, na casa ou alhures, e executar, pessoalmente, numerosas tarefas exteriores que deveria confiar a outros. (p.706)

Nada é mais semelhante ao que se fará do que aquilo que já foi feito. (p.718)

As luzes daqueles que ensinam vêm, frequentemente, daqueles que escutam. (p.759)

CADERNO 304

Os Superiores que trabalham, realizam e fazem mais tarefas, são aqueles que menos governam. Fazem o trabalho dos outros; entretanto, não fazem o seu: deste ninguém se ocupa.

O verdadeiro Superior é aquele que, parecendo nada fazer, faz tudo acontecer; é ele quem pensa, quem inventa, quem prevê o futuro, volta ao passado, compara, resolve, decide, arranja, proporciona; quem prevê em tempo, quem se esforça sem cessar para lutar contras as dificuldades, quem está atento noite e dia para não deixar estragar nada pela negligência daqueles que devem trabalhar sob seu comando.

Como não se ocupa de detalhes cansativos, ele tem a mente mais livre para abarcar num golpe de vista o conjunto de seu grande trabalho, e para observar se ele avança e se encaminha para o objetivo principal. Em uma palavra, o verdadeiro Superior não deve fazer senão as coisas que nenhum outro pode fazer sem ele. Deve supervisionar tudo, mas deve apenas ocupar-se com afã daquilo que constitui a decisão das coisas importantes. A ação forma o homem, fortifica o caráter, ilumina o espírito, confere experiência; mas não deve ser uma ação excessiva, esmagadora. (p.801)

As coisas mais dolorosas tornam-se agradáveis, quando as fazemos voluntariamente, assim como aque-

las que são agradáveis por si mesmas e se tornam enfadonhas quando feitas por obrigação. (p.825)

A regra de todos os prazeres e de todas as satisfações, nesta vida, é a necessidade, a utilidade ou a conveniência. No entanto, não deve ser exclusivamente o prazer a motivá-la. (p.877)

É ter a alma vil não ousar ser sábio porque os loucos dela zombam. Considera-se grande defeito num Superior o fato de não aceitar os avisos e os conselhos que lhe são dados; por isso, diz-se que o homem de luzes limitadas, mas que conhece seus defeitos e pede conselho, é mais apto ao governo do que outro com maior grandeza de espírito, mas cheio de si mesmo, crendo de tal modo saber todas as coisas, a ponto de levar a mal ser advertido e aconselhado. (p.932)

Aqueles que ocupam altos cargos devem colocar-se em situação de poderem ser iluminados por Deus, valendo-se com prazer dos meios comuns, ordinários, e acolhendo o conselho dos demais. Isso porque não devem imaginar que, por suas luzes, estejam de tal modo acima de todos os outros, quanto o são por sua autoridade. (p.933)

O Superior deve confiar cada coisa àquele que dela está encarregado, sem querer decidir e organizar tudo por si mesmo. Nosso Senhor envia São Paulo a Ananias. O anjo diz a Cornélio para convocar São Pedro. (p.1070)

É preciso supor que, quando somos advertidos de nossos defeitos, dizem-nos apenas a metade; e quando nos falam dos defeitos alheios, duplicam. (p.1088)

Ordinariamente, não somos culpados de maledicência quando contamos coisas que a pessoa, da qual falamos, não pode, racionalmente, desejar manter escondidas. (p.1123)

Os Superiores, geralmente, não recebem nenhum talento particular da natureza, mas eles têm a vantagem inestimável de poder usar os talentos de outrem. (p.1124)

Os Superiores que se valem das coisas mais belas sobre a terra ariscam de não dispor das mais belas no céu. (p.1128)

Não se pode nunca tudo condenar, tudo aprovar, nem tudo negar, tudo crer, tudo harmonizar, nem tudo recusar, mas seguir a razão, a equidade. (p.1489)

Os homens assumem, geralmente, os sentimentos, as palavras e o comportamento que lhes inspira o modo segundo o qual são tratados. Tornam-se crianças ou sérios, racionais ou caprichosos, reservados ou audaciosos, filhos da casa ou empregados, conforme são tratados. (p.1501)

Conformar-se com hábil atitude ao que a opinião pública considera justo é sinal da capacidade de um

governante, e a franqueza na exposição das circunstâncias e situações é a primeira condição de um caráter viril. É com essa condição que a confiança recíproca se estabelece entre superiores e subordinados. (p.1505)

Os sermões que custam pouco ao pregador, custam muito aos ouvintes. (*Ibid.*) Isto é, quando o pregador não prepara seus sermões, os fiéis têm dificuldade em compreendê-los. (p.1508)

Uma ocupação prolongada, um trabalho assíduo, expulsa o enfado e as tentações, como o vento sul dispersa a cerração. (p.1525)

O Superior está pregado à cruz por três pregos: sua própria miséria, a de seus Irmãos, a administração do Instituto ou da Casa. (p.1532)

Envelhecendo, a memória se debilita; mas o juízo se aperfeiçoa. Vale mais ter pouca memória e bom juízo do que boa memória e pouco juízo.

Assim como os melhores vinhos crescem entre as pedras, as mais fortes virtudes crescem entre as aflições.

Sendo necessário ter paciência com todo o mundo, é necessário tê-la primeiramente conosco, porque somos mais importunos a nós mesmos do que ninguém outro. Vale mais fazer pouco e bem do que apressar-se para fazer muito. Apresai-vos de mansinho: porque é sufi-

cientemente cedo, se suficientemente bem. (p.1554)

O homem não pode ficar muito tempo sem nenhum prazer que lhe venha, seja da terra, seja do céu. (p.1585)

Não é preciso menos ciência para bem perguntar do que para bem responder; ensina-se, às vezes, tão bem perguntando quanto respondendo. (p.1586)

O primeiro elemento para ter êxito na vida espiritual é o bom humor. (p.1558)

Meios para ter a paz:

1. Entretenimentos frequentes com Deus, que está sempre em paz.
2. Pouco ou nenhum entretenimento com os seculares: dizem poucas palavras de paz.
3. Não se preocupar com o que não nos interessa, nem com o governo dos Superiores: isso não serve para nada.
4. Ocupar-se apenas com o presente, sem inquietar-se com o passado nem com o futuro. Faça o que você faz.
5. Moderar seus desejos em torno das coisas da vida presente: eles nos atormentam.

6. Total submissão à vontade de Deus: Deus o quer; estou contente.

7. Amar somente a Deus em tudo e em todos: não apegar-se a nenhuma outra coisa.(p.1601)

8. Assumir toda a sua carga, toda a sua Regra, sem dela querer deixar uma parte.

9. Considerar-se como um bloco de mármore em que Deus quer que nossos Irmãos esculpam a imagem de Jesus crucificado, por suas palavras, seus defeitos, seus modos, seu caráter, etc.

10. Gostar de permanecer escondido, desconhecido, de ficar em casa e ocupar-se de seu trabalho.

11. Preparar-se para um período de provações, de desamparo, de abandono completo, como Jesus sobre a cruz: a provação mais sensível.

12. Apoiar-se somente em Deus para tudo.(p.1602)

Não é bom que os superiores se intrometam demais na administração dos negócios de que estão encarregados aqueles que ali [*submissos a eles*] ocupam postos importantes, e assim façam deles simples instrumentos que cumprem suas ordens.

Eis várias razões sobre isso:

1. Deus, ordinariamente, concede a cada um as graças próprias para exercer a tarefa que lhe é confiada.
2. Quando se vê que o Superior quer fazer tudo sozinho, observar-se-á que não coloca o interesse e o devotamento necessários para executar utilmente seu cargo.
3. A experiência na direção imediata de um encargo ensina, para quem o exerce, mais do que um Superior pode calcular e prever com as próprias reflexões.
4. Acontecem muitas coisas, em torno das quais não se consegue

tomar atitude sábia, a não ser segundo circunstâncias especiais, conhecidas e apreciadas apenas por alguém que dirige habitualmente esses trabalhos.

5. Enfim, é melhor que o Superior possa censurar seus subordinados, quando erram em alguns pontos, do que receber observações necessárias, devido ao seu pouco conhecimento sobre questões que ele quereria dirigir. (p.1624)

Um Superior deve evitar dois grandes defeitos: o de nada fazer, ou de querer fazer tudo; e aquele de nada coordenar ou de querer coordenar tudo; porque, assim agindo, ou ele se prejudica ou prejudica os outros. (p.1630)

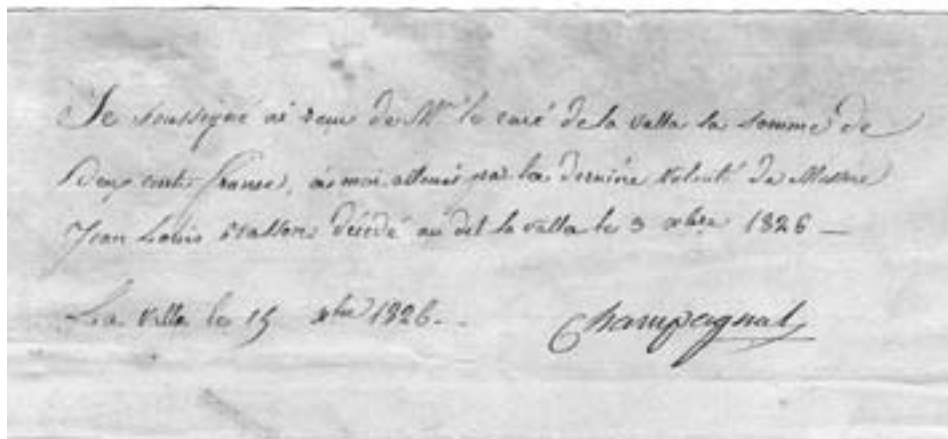
DOIS DOCUMENTOS INÉDITOS RELATIVOS A CHAMPAGNAT



Ir. André Lanfrey

DOCUMENTO ASSINADO PELO PADRE CHAMPAGNAT EM 1826

Uma doação do senhor Basson ao Padre Champagnat



No dia 20 de março de 2014, a Sra. de Caluire, moradora de Caluire, subúrbio de Lyon, enviou para Notre Dame de l'Hermitage dois documentos dos quais o mais importante, assinado pelo Pe. Champagnat, traz o seguinte:

Eu abaixo assinado, recebi do pároco de la Valla (sic!), a quantia de 200 francos, a mim doados pela última vontade do Sr. Jean Louis Basson, falecido na dita La Valla, no dia 3 de dezembro de 1826.
La Valla, 15 de dezembro de 1826.

Champagnat

UMA ESTAMPA DE MARCELINO CHAMPAGNAT



O segundo documento é uma estampa de Marcelino Champagnat que o Instituto dava de presente a seus benfeitores, sobretudo os que sustentavam a obra dos juvenatos. Sem ser excepcional, esta imagem evidencia a tradição iconográfica originada no retrato de Ravéry, com o cuidado de oferecer do Fundador um retrato menos austero que o do quadro primitivo. Como o Pe. Champagnat não tem nesta imagem o título de “venerável”, depreende-se que é anterior a 1896 e, sem dúvida, posterior a 1877-79, momento da criação da obra dos juvenatos.

COMENTÁRIO

O primeiro documento justifica um comentário um tanto mais detalhado. Corrobora, em primeiro lugar, o que nos diz a Vida do Fundador, do Sr. Basson, no capítulo 12 da primeira parte. Por ocasião da bênção da pedra fundamental de I Hermitage, em maio de 1824, os Irmãos sendo muito pobres para oferecer uma refeição conveniente ao Vigário Geral que tinha vindo nesta ocasião, o Pe Champagnat disse ao Irmão cozinheiro:

“Vá dizer ao Sr. Basson que vou almoçar na casa dele, com o Vigário Geral”. E o Irmão João Batista

acrescenta “Este senhor Basson que era homem rico, e grande amigo dos Irmãos, os recebeu com prazer. De resto, não era a primeira vez que o Pe. Champagnat lhe pedia este serviço e o utilizava todas as vezes que se encontrava em idêntica necessidade”.

Por outro lado, sabemos por um recenseamento de 1815, que o Sr. Jean-Louis Basson é o único habitante de La Valla a receber o título de “burguês”. É, sem dúvida, por este motivo que Pe. Champagnat lhe dá o título um pouco arcaico de “messire” – (NT- título honorífico que se usava em lugar de “Monsieur”). Certa-

mente idoso e viúvo, vive então com dois empregados. A carta da senhora Richard que acompanha a doação deste documento esclarece, por outro lado, que o documento foi conservado pela avó, a senhora Verne, nascida Anne Basson. Não nos chega pois por acaso, mas de uma família consciente do valor patrimonial deste documento e que teve contatos prolongados com a obra do Pe. Champagnat como mostra a imagem do fim do século XIX.

É um pouco estranho que esta doação chegue ao Pe. Champagnat de maneira oficiosa, - e não por testamento - por intermédio do Pe. Etienne Bedoin, estabelecido como pároco de La Valla desde 1824.

É sinal das boas relações entre os três homens. É preciso sobretudo saber que esta quantia importante (equivalente a 200 dias de trabalho de um operário) é bom encorajamento para um homem cuja obra acaba de ser duramente provada pela doença e abandono de seus dois companheiros, padres: Courveille, em maio, e Terrailon, por volta de Todos os Santos.

Para terminar, acrescentemos que este dom figura no livro de Receitas de I Hermitage (Cf. "*Origines des Frères Maristes*", 2011, t.1. doc. 111/50), em dezembro 1826: "recebido do Sr. Boisson (sic!): 200". Sabemos claramente hoje que se trata de uma doação do Sr. Basson, amigo fiel do Pe. Champagnat.

UMA OLHADELA NO CORAÇÃO DE MARCELINO CHAMPAGNAT

Ir. Patrício Pino

O Irmão Manoel Mesonero, da Província Ibérica, nos últimos anos, nos presenteou com colaborações importantes sobre o processo interior de nosso Fundador, São Marcelino Champagnat.

O primeiro texto: **“San Marcelino Champagnat, experiencia de Dios y vida mística”** é o relato profundo da intimidade de Marcelino com a experiência da “noite escura” em sua vida pessoal. Está focado sobretudo na grande e múltipla crise que viveu Champagnat – e com ele, sua obra – desde fins de 1825 até 1827. Mas aprofunda também o conjunto de sua vida íntima que o levou, com confiança e abandono, à missão apaixonante que lhe confiou o Espírito de Deus.

No segundo texto: **“Sencillez y Abandono en Dios, San Marce-**

lino Champagnat”, o autor, em estilo coloquial, no qual faz falar Marcelino com o Irmão Estanislau e outras pessoas, vai apresentando seu ensino a respeito da simplicidade e do abandono em Deus, como dois eixos carismáticos de sua espiritualidade.

No terceiro texto: **“Historia de un amor, itinerario espiritual de San Marcelino Champagnat”**, Mesonero explora detalhadamente o processo interior da conversão de Marcelino e seu seguimento de Cristo, baseando-se no esquema das Moradas de Santa Teresa, proporcionando-nos uma visão de conjunto de sua caminhada espiritual. São textos de excelente qualidade literária e reflexo, ao mesmo tempo, de intensa e atual investigação de nosso Patrimônio Marista, aplicada à vida quotidiana.

ENSAIO DO Dr PEDRO FELIPE MONLAU

Uma descoberta interessante para o patrimônio marista

Ir. Antonio Martinez Estaún

O leigo marista, Santiago Vasconcellos, da Província ‘Santa María de los Andes’, realizava estudos para obter uma especialização em Patrimônio Marista, quando, numa pesquisa casual na internet, encontrou o livro intitulado *De la instrucción pública en Francia. Ensayo sobre su estado en 1838 y 1839*”, digitado pelo Google.

O Irmão Patrício Pino, que orientava os estudos do leigo marista, partilhou a novidade com os membros da Comissão do Patrimônio, na reunião de junho de 2013. Após a reunião, depois de chegar a Curitiba/PR (Brasil), tive a oportunidade de analisar o conteúdo do livro e notei que traz dados interessantes que constituem primícias informativas históricas. A cópia digital é um livro que por gerações se conservou nas estantes da biblioteca da Universi-

dade Complutense (Código de barras: 5315634802), até que Google decidiu escaneá-lo, como parte de um projeto que pretende seja possível descobrir, na web, livros de todo o mundo. Sobreviveu um número suficiente de anos para que tenham terminado os direitos de autor e o livro se tornasse de domínio público. Portanto, não pode ser comercializado. Mas, o interesse pelo livro não é comercial e sim, histórico.

Para os pesquisadores do Patrimônio Marista, esse livro oferece atrativo especial porque foi escrito quando Champagnat ainda estava vivo. Em suas páginas recolhem-se dados do ensino na França correspondentes aos anos 1838 e 39 e apresenta a notícia da existência dos Maristas como segunda grande instituição educativa do país:

“Em 1824, se formou, no Departamento do Loire sob a direção do abade (sic!) Champagnat, outra corporação de professores que tomaram a denominação de Irmãozinhos de Maria. Ensinam a leitura, a escrita, o cálculo, o desenho linear, os rudimentos de geometria. Cada Irmãozinho exerce um trabalho manual e o realiza durante as horas de recreio dos alunos, para dar exemplo de trabalho e inspirar seu amor aos alunos. Assim é que o Hermitage, capital ou metrópole do Instituto, é cultivado pelos Irmãozinhos, e eles mesmos construíram o edifício que lhes serve como escola normal. O ensino que dão logo se estendeu. Nos dias de hoje, já contam com 40 escolas bem estabelecidas no Loire e outros departamentos limítrofes. Em Lyon, dirigem o abrigo para os órfãos; e cada dia recebem novos pedidos para estabelecer e dirigir

escolas primárias. O zelo dos Irmãozinhos de Maria não se limita à França, mas forma missionários para difundir a instrução por todas as partes do mundo. Já têm uma escola fundada na Polinésia e, em breve, vão fundar outras, nas povoações europeias do Norte da África.

Em 1838, o Diretor da comunidade solicitou ao Ministro que seu Instituto fosse declarado como estabelecimento de Utilidade Pública, destinado a formar professores primários. O Ministro, antes de apresentar o Decreto ao Rei, consultou os Conselhos Gerais dos departamentos do Loire e do Ródano. O primeiro deu parecer muito favorável, mas o segundo apresentou relatório totalmente contrário. Não sei se o Ministro resolveu definitivamente a questão”.

Podemos afirmar que se trata da primeira notícia, em espanhol, conhecida até agora, da existência do Instituto escrita por alguém que não pertence ao Instituto Marista, publicada vários lustros antes da chegada dos Irmãos na Espanha.

Outra novidade que traz, entre outras que merecem estudo em profundidade, é o uso pela primeira vez, em espanhol, da tradução da locução “Petits Frères de Marie” por “Hermitos de María”, tradução feita por alguém que não pertence ao Instituto mas tem bom conhecimento do francês e do espanhol.

O livro foi publicado em Barcelona, em 1840, na tipografia de D. Antonio Bergnes e Cia., situada na Rua Escudillers, nº2. No interior do livro, junto com abundante e bem documentada informação estatística, sobre a “Adminis-

tração da Instrução Primária, da Instrução Secundária, da Instrução preparatória e da Instrução Profissional (Administração Pública, Teologia e Direito)”, há informações muito úteis para estudar a pedagogia marista na França, nos últimos anos da vida de Champagnat.

O autor é o “Dr. D. Pedro Filipe Monlau, médico cirurgião do Hospital Militar de Barcelona, catedrático de Geografia e Cronologia na Academia de Ciências Naturais e Artes da mesma cidade, catedrático de História e Literatura da Universidade de Barcelona, e membro da Real Academia Espanhola (cátedra D), etc.” ... Monlau morreu no dia 18 de fevereiro de 1871. Sua obra escrita é extensa e aborda vários temas, todos dentro do “ensaio”. Exilado na França por motivos políticos, dedicou-se a recolher toda a informação que publicou, mais tarde, neste livro.

IRMÃO HENRI RÉOCREUX

Ir. André Lanfrey

Na segunda feira, dia 20 de janeiro de 2014, uma numerosa assembleia celebrava, em L Hermitage, os funerais do Irmão Henri Réocreux. Nascido no dia 19 de maio de 1945, no povoado de la Rivoire, Izieux, bem perto de l Hermitage, depois juvenista em La Valla, Henri, definitivamente reatou seus laços com suas origens familiares e espirituais.

Foi professor de Matemática em diversos dos nossos liceus e colégios Maristas da França: Chazelles, Charlieu, Toulouse, Valbenoîte, Saint-Étienne e também em Noumea, (Nova Caledônia) de 1970 a 1973. De 1997 a 2004, foi Secretário Geral Adjunto da Congregação, em Roma, onde sua competência em Informática era particularmente apreciada.

De volta à França, fez a animação espiritual tanto das Fraternidades do Movimento Champagnat, das quais foi assessor, como, nos últimos anos, dos jovens das duas comunidades Maristas da antiga Moulhouse (Alsácia).

Sua calma e certa lentidão contrastavam um pouco com uma inteligência viva, principalmente nos domínios da Matemática e Informática, mas não apenas isso: era também um fino literato e técnico hábil. Além disso, durante sua permanência em Roma, ficou atento para recolher documentos informatizados de nossos arquivos e, por esse fato, tornou-se homem-fonte no estudo de nosso patrimônio. É por isso que, de 2006 a 2012, foi o Secretário da Comissão do Patrimônio, criada em 2004. Entre outras atividades, participava da redação e preparação dos *Cadernos Maristas*, e, de modo particular, da realização de “*Origines des Frères Maristes*”, do Irmão Paul Sester, publicada em 2011.

A Comissão do Patrimônio Marista perde precioso colaborador. Faz questão de lembrar uma faceta importante, mas pouco conhecida, da rica personalidade de Henri Réocreux, e de tornar a declarar sua gratidão pelo trabalho feito por ele.

Finito di stampare nel mese di maggio 2015
presso la CSC Grafica - Roma
www.cscgrafica.it

